Capitulo 1
O Mistério da Memória

AMANDA VIBRAVA DE alegria. “Tudo está começando a fazer sentido. As peças começam a se encaixar. Pelo menos compreendo agora os pontos em que preciso de ajuda e sobre o que devo orar. Existe também possibilidade; ou, melhor ainda, Luís e eu sabemos que há esperança de cura no futuro e isso muda praticamente tudo.”

Eu não podia deixar de gostar daquele casal jovem. Ambos tão simpáticos e inteligentes, expressando abertamente seu amor mútuo, e dedicados aos ideais mais altos do casamento cristão. Como tantos outros, porém, eles haviam descoberto desde o princípio que não lhes era possível evitar serem magoados ou magoar um ao outro. Durante nossas sessões de aconselhamento, ficou claro que o ponto nevrálgico do problema era a hipersensibilidade de Amanda e suas expectativas fora da realidade. Algumas pessoas têm sido descritas como “acidentes prontos para acontecer”. Ao que parece, Amanda era um reservatório profundo de sofrimento esperando a hora de vazar. Durante toda a sua vida, pastores e professores lhe haviam dito que esquecesse o passado, reivindicasse vitória em Cristo, e desenvolvesse novas habilidades para enfrentar o presente e o futuro.

Amanda surpreendeu-se então quando encorajei-a não só a conscientizar-se das lembranças penosas, como até a escrevê-las, a fim de compartilhá-las comigo e com o marido. Ela fez isto com boa vontade e espírito de oração.

Ambos sentíamos que chegara a hora e havíamos marcado a sessão de oração para cura em profundidade. Amanda visualizou perante o Senhor cada uma de suas experiências mais dolorosas e humilhantes da infância e adolescência. Enquanto orávamos, nossa imaginação praticamente “voltara” no tempo. Ela não estava apenas lembrando o passado, mas revivendo e voltando a sentir os acontecimentos, no geral muito minuciosamente, como se estivesse realmente passando de novo por eles. Embora com esforço, Amanda perdoou as muitas pessoas que a tinham magoado; e, por sua vez, recebia o perdão de Deus pelo ressentimento mantido tanto tempo contra elas.

Quando surgiu uma pausa longa e inesperada durante o período de oração, sugeri gentilmente que se o Espírito lhe estivesse mostrando algo novo, ela deveria prosseguir e compartilhar isso com o Senhor. O tom de sua voz tornou-se como o de uma criança orando, “Jesus querido”, e ela Lhe contou uma coisa que ficara esquecida uma porção de tempo. Amanda tinha cerca de quatro anos quando, juntamente com o resto da família, foi visitar a avó. Esta tecera um pequeno cobertor para a sua boneca. Por ser uma criança terrivelmente tímida, Amanda achava quase impossível dizer “alô”, “oi” ou “muito obrigada” para quem quer que fosse.

Quando a avó lhe deu o cobertorzinho, os pais falaram: “Como a vovó foi boa por ter trabalhado tanto e feito esse presente para a sua boneca, não é? Diga agora ‘obrigada’, Amanda.” Ela murmurou em sua oração infantil: “Ó Jesus, o Senhor sabe como eu queria tanto agradecer à minha avó, mas tinha um grande nó na garganta e não consegui Jesus querido, me esforcei muito, mas não pude.”

Amanda agora soluçava. Tentei consolá-la, pedindo que se imaginasse sentada no colo de Jesus, como as crianças na Bíblia. Isto animou-a o suficiente para continuar. A mágoa maior ainda não chegara. “Minha irmãzinha estava lá e disse que queria o cobertor. Meus pais então falaram que se eu não agradecesse, eles fariam isso. E quando não consegui, eles deram mesmo. Deram o cobertor a Patrícia! Ó Jesus, o Senhor sabe quanto eu queria agradecer. Mas ninguém compreendeu. Ninguém se importou. Não é justo! Não é justo!”
Enquanto continuamos orando, Amanda viu como esta e outras experiências semelhantes haviam afetado sua vida. Ela permitira que uma profunda amargura penetrasse em seu coração, envolvendo seus pais e sua irmã. Esse se tornara mais tarde o padrão de sua vida. Toda vez que percebia uma injustiça ou incompreensão, ficava calada, cheia de ressentimento e incapaz de comunicar-se. Desse modo nunca conseguia resolver os seus problemas. Em sessões subseqüentes, trabalhamos juntos a fim de ela aprender novos

meios de abrir-se com Luís e outras pessoas. Até hoje, Amanda insiste em que aquele período de oração especial foi o ponto crítico em sua vida.

O que aconteceu com Amanda e muitos outros que iremos descrever? Eles tiveram uma experiência profunda de Cristo que curou as lembranças negativas, as quais estavam envenenando sua vida interior e os relacionamentos exteriores com outros. Esta experiência é o que muitos chamam de cura das memórias ou lembranças e é disto que trata este livro. Antes de prosseguirmos, porém, quero examinar de modo geral o assunto da memória humana em si, como observada pela ciência moderna e pelas Escrituras.

A Memória na Bíblia

A Bíblia trata do poder tremendo da memória da mesma maneira como observa Outros conceitos — pouquíssima descrição ou debate teórico. Em completa harmonia, você encontrará o substantivo memória citado menos de meia dúzia de vezes nas Escrituras. Quando ele se torna um pouco mais concreto, como talvez um memorial, as referências sobem então para vinte e cinco. Mas quando se transforma em verbo, lembrar por exemplo, ou chamar uma lembrança à mente (recordar), existem então mais de 250 referências. Cerca de 75 delas se reportam a Deus e Sua memória. Muitas são pedidos para Deus lembrar-sede algo — Suas alianças, promessas ou povo. Ou são pedidos para que Ele não se lembre de alguma coisa — pecados, falhas e outros. As restantes 175 vezes descrevem a memória ou o esquecimento das pessoas. Entre elas acham-se muitos mandamentos para lembrar ou não lembrar certos assuntos importantes.

Na Escritura, a memória é considerada um dos aspectos mais destacados da mente de Deus e da nossa. Ela é central à natureza divina, da mesma forma que o perdão, a salvação e a vida reta. A capacidade de lembrar ou esquecer faz parte da mente ou conhecimento divinos, que enchia os escritores bíblicos de reverência. Desde que fomos criados à imagem de Deus, possuímos igualmente esta capacidade. Embora limitado, os escritores bíblicos consideravam este potencial humano como motivo de admiração e louvor.

Vejamos por exemplo o Salmo 139. Apesar de o salmista reverente começar pela contemplação da imensidade da mente divina e Sua capacidade de conhecer e lembrar-se de tudo, ele logo muda o foco da atenção para sua própria pessoa, maravilhando-se com a maneira como o Senhor o criou: “Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir... Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem” (Si 139:6, 14).

Como a Palavra de Deus é surpreendentemente exata! Até hoje, os mais brilhantes cientistas, médicos e psicólogos vêem-se em dificuldade para formular teorias a respeito da memória. Isto, apesar do fato de ela ser a base de quase tudo o que fazemos na vida.

O Gigante Incrível

O que é esse misterioso processo que chamamos de memória? Como somos capazes de lembrar quadros mentais de lugares e pessoas que vimos há anos? Nossa resposta imediata é que o passado se acha acumulado em algum lugar do cérebro. Mas o que fizemos foi responder a um mistério com outro! Apesar dos grandes avanços das pesquisas científicas durante os últimos cinqüenta anos, o cérebro permanece a parte mais inexplicável de nosso equipamento humano. Quando o Reader’s Digest (“Seleções”) publicou a sua famosa série sobre as várias partes e funções do corpo, ela começou com o cérebro. Ele foi classificado, juntamente com o coração e os pulmões, como um dos gigantes do corpo. Sabemos agora que ele é o gigante; pois, embora você possa ser mantido vivo mediante um coração e pulmões artificiais, não existe substituto para o cérebro. A definição legal da morte é quando cessa a atividade cerebral. Existem ocasiões em que essas atividades diminuem e relaxam, mas elas nunca param enquanto vivemos.

O cérebro em si pesa cerca de 1.360 gramas, consistindo de uma “substância estranha fechada num lugar escuro e quente — uma massa rosa acinzentada, úmida e elástica ao

toque” (Our Human Body, the Reader’s Digest Association, p. 99). Colocado como uma flor no alto de uma haste esbelta — a medula espinhal — ele está ligado pelos mais finos filamentos a todo e qualquer ponto de nosso corpo, desde as raízes de nosso cabelo e dentes até a ponta de nossos dedos e artelhos. O cérebro é o centro da rede de comunicações mais complexa de toda a criação. As estatísticas preparadas por cientistas médicos nos espantam. Existem aproximadamente 13 bilhões de células nervosas no interior do cérebro propriamente dito. A maioria dessas células faz contato ou está ligada a outras 5.000 células nervosas em sua vizinhança. Algumas possuem cerca de 50.000 dessas junções ou sinapses. O termo astronômico não é suficientemente grande para descrever isto, pois o número de conexões internas do cérebro excede de muito o de estrelas em todas as galáxias! Mas isso é apenas o começo.

Os informantes do cérebro são nossos órgãos sensoriais, postados como sentinelas em pontos estratégicos por todo o corpo. A pele, por exemplo, possui 4 milhões de estruturas sensíveis à dor, 500.000 que detectam o toque ou pressão e outras 200.000 que controlam a temperatura. Acrescente a estes os grandes — ouvidos, olhos, nariz e língua — e começará a ter uma idéia do conjunto. A melhor maneira de visualizar a rede do cérebro é pensar em milhares de chaves telefônicas (quadros de ligação), cada uma grande o bastante para servir uma cidade como São Paulo ou Rio de Janeiro. Cada circuito opera em sua capacidade máxima, recebendo chamadas e dirigindo-as para o circuito adequado numa fração de segundo. Esta é apenas uma ligeira idéia do que tem lugar em seu cérebro ao realizar a mais simples das tarefas diárias, tal como lembrar o endereço de um amigo.

Um Pouco Menor do Que Deus

E fácil ver por que a memória é chamada de mistério. Embora esteja arraigada neste incrível sistema cerebral, ela faz também parte da mente que se encontra acima e além da rede. A mente humana é maior do que o sistema através do qual opera e também distinta dele.

Os cientistas que se especializam em pesquisas do cérebro logo se vêem envolvidos em teorias filosóficas que vão muito além da matéria propriamente dita. Surgem questões profundas: De que forma o cérebro, uma substância física, se interrelaciona e interage com a mente, uma realidade imaterial,,? De que modo nossas atitudes emocionais e nosso espírito afetam nossos corpos e mentes da maneira como a fazem?

A Bíblia não é um manual científico e não apresenta respostas formais para essas perguntas. Em lugar disso, ela nos dá uma idéia do homem total, como criado por Deus. Embora sejamos feitos à imagem de Deus, não podemos compreender perfeitamente tudo a respeito de nossa própria mente, assim como não nos é possível entender a mente de Deus. Quando a Bíblia fala sobre corpo, alma e espírito, ela toma como certa a completa unidade do ser humano. Em ponto algum ela isola o cérebro do homem do restante de sua personalidade, como também não isola o corpo ou a alma. Mas enfatiza sempre a vida total da pessoa.

Será que nos afastamos do assunto das memórias? Não, pois estas são experiências de indivíduos totais, à medida que lembram de algo, e não simplesmente quadros do passado reunidos no cérebro. As memórias incluem sentimentos, conceitos, padrões, atitudes e tendências em relação a ações que acompanham os quadros na tela da mente. Este é o modo como a Bíblia usa o conceito da lembrança, ou nos estimula a nos lembrarmos de algo. Quando ela nos diz para “lembrar-nos do Senhor”, não significa apenas ter uma idéia mental de Deus, mas trata-se de uma ordem para pessoas totais orientarem seus pensamentos e ações em torno de Deus. O mesmo se aplica quando nos diz para “lembrar-nos do Criador nos dias de nossa mocidade”. Ou “lembrar-nos do sábado para mantê-lo santo”. Isto vai muito além do que simplesmente pedir-nos para nos envolvermos em exercícios mentais ou espirituais, pensando e refletindo; é um apelo para pessoas totais estabelecerem certas prioridades e viverem segundo princípios espirituais de adoração e comportamento.

Esta idéia holista da memória acha-se em completa harmonia com as últimas descobertas da pesquisa sobre o cérebro e o comportamento. A tendência é agora considerar o corpo inteiro como uma extensão do cérebro, quase como se cada célula do corpo fosse um cérebro/mente em miniatura. Tudo é ligado e inter-relacionado. Como acontece com a circulação do sangue, as informações e instruções, a transmissão e recepção de respostas, fluem do cérebro e para ele de todas as partes do corpo. Associada a tudo isto, embora transcendendo o conjunto em seu todo, acha-se a personalidade singular de cada indivíduo.

Na versão da Sociedade Bíblica do Brasil, lemos no Salmo 8:5 que o homem foi feito "um pouco menor do que Deus". Este dom notável da memória é que verdadeiramente nos capacita a reunir todo o conhecimento do passado e usá-lo em nossa imaginação para criar quadros novos e esplêndidos para o futuro. Não é de admirar que o salmista continue a exultar em sua condição:

De glória e de honra o coroaste...
E sob seus pés tudo lhe puseste...
O Senhor, Senhor nosso,
Quão magnífico em toda a terra é o teu nome! (Salmo 8:5, 6, 9)

Onde Começam as Memórias?

O versículo 2 do Salmo 8 contém estas conhecidas palavras: "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força." Só nos últimos anos passamos a compreender a verdade dessa frase em referência à memória. Cada vez mais me surpreendo com o poder que as lembranças dolorosas da infância parecem ter sobre a vida adulta. Há anos, quando comecei o ministério da cura interior, sentia-me bastante cético quanto a essas primeiras memórias. Aos poucos, no entanto, fui obrigado a abandonar minha incredulidade e em várias ocasiões tive de orar para a cura de algumas lembranças que só poderiam ter começado antes do nascimento. Um jovem não conseguiu ser curado de suas tentativas quase compulsivas de depressão suicida até que sua mãe finalmente contou-lhe ter testemunhado o suicídio de um membro da família, quando estava quase no oitavo mês da sua gestação. Ele falava sempre de cenas estranhas e terríveis cuja origem não podíamos traçar, mas agora orávamos para que o Espírito Santo curasse quaisquer influências negativas que essa experiência pudesse ter tido sobre ele. Pedimos a Deus que curasse todas as raízes da sua árvore genealógica, transformando-a de árvore de morte em árvore de vida. Esse foi o início de sua libertação do medo e da depressão.
As pessoas que foram adotadas precisam aceitar esse fato. Não importa que tenham tido os melhores pais deste mundo. Eu disse praticamente essas palavras a Maria, enquanto ela se achava em meu consultório. Deus estivera fazendo milagres de cura em sua vida, mas havia ainda algumas áreas que a perturbavam. Maria amava profundamente o padrasto e tinha um bom relacionamento com ele. Ela jamais conhecera o pai verdadeiro que morrera antes de seu nascimento. Maria era uma aluna brilhante, com uma inteligência aguçada e lógica. Minhas palavras pareceram um tanto estranhas para ela. Mas afinal concordou em ler o capítulo 12 de meu livro, Cura Para os Traumas Emocionais (Ed. Betânia, pp. 165 e segs., 1984) que conta a história de Betty. Foi deste modo que Maria descreveu a experiência penosa e curativa que teve lugar.

De repente e sem aviso, lágrimas começaram a correr pelo meu rosto enquanto eu lia a história de Betty. Seu pai a deixara quando tinha três anos e meio. Durante uma sessão de cura com o Dr. Seamands, ela proferiu este lamento queixoso ao pai (como se voltasse a ser criança): "Ó Papai, por favor não me deixe!"

Identifiquei-me tanto com essas palavras quando as li que elas pareciam ter vida própria e tocar em algo bem lá no fundo de meu ser, algo que eu não sabia estar ali. Pareceu-m 9/ter sido eu quem pronunciara essas palavras há mais de 22 anos atrás, enquanto ainda me achava no ventre de minha mãe. Como sabe, meu pai morreu de câncer três meses antes de meu nascimento.

Sem compreender tudo o que acontecia comigo, decidi sair para andar um pouco. Essas lágrimas e emoções estranhas eram forte demais, reais demais para serem ignoradas ou reprimidas. Durante cerca de uma hora vagueei pela cidade ao cair da noite. Decidi não bloquear qualquer sentimento que surgisse dentro de mim. Pensamentos e emoções a respeito da morte de meu pai me avassalaram. Fiquei bastante surpresa com isso.

Foi como se eu tivesse realmente voltado ao ventre de minha mãe, junto ao leito de hospital de meu pai. Ali dentro eu lutava para ser ouvida, para ser reconhecida de alguma forma. Dava pontapés e me esforçava ao máximo para que meu pai me visse, me tocasse, me tomasse nos braços, me beijasse e me amasse antes de morrer. Vezes sem conta repeti: “Papai, por favor não morra, por favor não morra. Você ainda não me viu. Não sabe sequer se sou menino ou menina. O Papai, por favor não morra”.

Enquanto eu continuava a andar, as lágrimas não paravam de cair. Pela primeira vez em minha vida, eu lamentava a morte de meu pai Algumas lágrimas tinham caído ao pensar em sua morte, quando cresci, mas eu jamais experimentara tal emoção e significado em minhas lágrimas e minha dor. Agora, como adulta, estava passando pela mesma angústia e conflito que sofrera enquanto me achava ainda no útero materno.

Mesmo assim, continuo cética quando penso em uma criança lamentando a morte do pai antes de nascer. Todavia, não posso negar as emoções, pensamentos e cura que experimentei tão inesperadamente. Eles foram demasiado profundos, reais e espontâneos para serem negados.

A revista Time de 15 de agosto de 1983 publicou uma história de primeira página sob o título: “Bebês, o Que Eles Sabem? Quando Ficam Sabendo?” Fazendo um relatório sobre centenas de pesquisas médicas e comportamentais conduzidas nos Estados Unidos, França, Áustria e outras partes do mundo, o artigo descreveu: uma enorme campanha com o objetivo de resolver um dos enigmas mais fascinantes da vida humana: O que as crianças recém-nascidas sabem ao entrar no mundo? E como começam a organizar e fazer uso desse conhecimento durante os primeiros anos de vida? ... A resposta básica, que está sendo repetidamente demonstrada de inúmeras e novas maneiras: Os bebês sabem muito mais do que a maioria das pessoas julgava. Eles ouvem, vêem e compreendem mais, estando geneticamente preparados para fazer amizade com qualquer adulto que goste deles (pp. 52-53, grifo nosso).

Um dos resultados mais importantes desses estudos é a prova conclusiva de que muito antes de a criança poder falar, ela já está pensando, aprendendo e lembrando. Como declara esse artigo, “O intelecto já funciona bem antes de qualquer linguagem estar à sua disposição como um instrumento... Os bebês desenvolvem uma relevante capacidade de reconhecer categorias. Julgava-se anteriormente que tal coisa exigisse uma linguagem — como identificar o que não tem nome? Mas as criancinhas aparentemente podem organizar as percepções sem uma palavra”. O artigo continua, mostrando como as crianças conseguem muito cedo aprender sua própria linguagem não verbalizada de formas, sons, cores, cheiros, assim como uma linguagem de respostas e relacionamentos com pessoas. Elas se lembram de uma surpreendente variedade de coisas especificas muito antes de poderem falar ou ter um vocabulário com que identificar os objetos ou pessoas.

Até que ponto podemos voltar nas fronteiras da memória? O artigo do Time declara: “A pesquisa de informação está sendo reportada da infância para os primeiros dias do nascimento e até mesmo antes deste!” (p. 53, o grifo é nosso).

O Dr. Thomas Verny, um neurologista e psiquiatra canadense, favorece o caso da memória pré-natal em seu “best-seller”, The Secret Life ofthe Unborn Child (“A Vida Secreta da Criança por Nascer”). O Dr. Verny traça o desenvolvimento pré-natal da criança e chega a esta conclusão:

Os primeiros e leves indícios da memória começam a cruzar o cérebro do feto em algum momento do terceiro trimestre, embora não se possa dizer exatamente quando. Alguns investigadores afirmam que a criança pode lembrar-se a partir do sexto mês; outros

argumentam que o cérebro não adquire poderes de recordação até o oitavo mês. Não existe, porém, qualquer dúvida de que a criança por nascer lembra-se ou retém suas memórias... É possível concluir com segurança que a partir do sexto mês após a concepção, seu sistema nervoso central é certamente capaz de receber, processar e codificar mensagens. A memória neurológica acha-se presente com toda segurança no início do último trimestre, quando a maioria dos bebês, se nascerem, pode sobreviver com a ajuda de incubadoras" (Summit Books, pp. 142, 1 91).

O Dr. Verny documenta suas asseverações com diversos exemplos interessantes sobre a memória pré-natal e nos primeiros dias. da infância.

Isto parece forçado para a maioria de nós, mas não para nossos avôs que aceitavam a influência pré-natal como certa, embora a levassem a extremos ridículos. Posso ainda ouvir minha avó dizendo a uma vizinha que talvez a razão do nariz longo e feio de um garoto da nossa rua fosse o fato de a mãe dele ter visitado o zoológico e passado muito tempo observando os elefantes! Estamos, no entanto, descobrindo que uma porção dessas conversas de comadres continha uma boa parte de verdade. A maioria dos povos primitivos toma o cuidado de manter as mulheres grávidas longe de acontecimentos desagradáveis.

Num estudo cuidadosamente controlado de 2.000 mulheres durante a gravidez e o parto, a Dr Monika Lukesch, da Universidade Constantine em Frankfurt, Alemanha Ocidental, chegou à conclusão de que a atitude da mãe em relação ao bebê é a mais forte influência que pode haver sobre o comportamento futuro dele. A Dr Lukesch descobriu que logo em seguida vem a qualidade do relacionamento entre mulher e marido, tendo este um efeito decisivo sobre a criança por nascer.

O Dr. Gerhard Rottmann, da Universidade de Salzburgo na Áustria, chegou quase à mesma conclusão; ele chegou até a mostrar que a criança não-nascida é capaz de fazer distinções emocionais bastante claras. Isto é ilustrado pela história bíblica em que a Virgem Maria visita sua prima Isabel para contar-lhe sobre a aparição do anjo e sobre o Messias prometido. Isto levou Isabel a exclamar, cheia de alegria: "Pois, logo que me chegou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria dentro de mim" (Luc. 1:44).

Devemos ter cuidado para não enfatizar excessivamente a idéia de percepção pré-natal, pois nosso conhecimento dela é ainda muito pouco profundo. Meu desejo é apenas ressaltar o prodígio de tudo isso e sugerir que para cura das memórias, talvez tenhamos em alguns casos de tratar com fatores que precedem. o nascimento. Deus informou o jovem Jeremias sobre o seu chamado pré-natal: "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saísses da madre, te consagrei" (Jer. 1:5). Através desta lembrança, Deus reforçou o chamado de Jeremias e sua missão de profeta. O mesmo Deus que fez uso deste poder notável para o bem irá certamente curar as cicatrizes e mágoas das memórias dolorosas, por mais distantes no passado que elas estejam.

Apesar de o mistério da memória humana ser espantoso, existe um aspecto da memória divina que é ainda mais inconcebível. Jeremias é quem nos explica mais claramente o assunto. "Pois, perdoarei as suas iniqüidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei" (3 1:34). Como pode um Deus onisciente esquecer-se de alguma coisa? Este versículo se encontra numa passagem sobre a Nova Aliança, que sabemos agora incluir a Cruz e tudo o que Deus fez em Cristo para apagar nossos pecados. Talvez o próprio Deus tenha tido alguma cura das lembranças para que, prodígio dos prodígios, quando Ele perdoar também esqueça. Estamos com certeza diante de um vasto mistério, O mistério leva à reflexão e esta ao louvor!

Capitulo 2
O Que É Cura Das Memórias?

A FRASE cura das memórias tem infelizmente diversos significados hoje em dia. Na mente de muitos cristãos ela não passa de uma espécie de panacéia, um meio mais rápido para alcançar a maturidade emocional e espiritual. Em vista de a cura emocional ter sido

algumas vezes levada a extremos, alguns a abandonaram completamente, julgando-a não-bíblica e até mesmo pouco sadia. Posso compreender muito bem os sentimentos deles. Minha própria experiência neste plano ensinou-me que não existe esfera onde o trigo e o joio tenham sido plantados mais próximos um do outro do que na psicologia. Por estar ainda em sua infância, essa ciência acha-se infestada de toda espécie de novas teorias e abordagens emergentes. Só bem recentemente os discernimentos e verdades provadas da psicologia estão sendo integrados com um método verdadeiramente cristão de aconselhamento. É importante reconhecer que toda verdade é a verdade de Deus, esteja ela na ceia do Senhor ou no tubo de ensaio do laboratório. Mantemos nosso equilíbrio fazendo passar continuamente todas as verdades através da peneira da Palavra de Deus.

A cura das memórias é uma forma de aconselhamento e oração cristãos que se concentra no poder curativo do Espírito sobre certos tipos de problemas emocionais/espirituais. E um e apenas um desses ministérios; não devendo nunca ser considerado como uma só e a única forma, pois a ênfase excessiva leva ao exagero e emprego errado. Os obreiros cristãos devem possuir conhecimento suficiente e discernimento sensível ao Espírito, a fim de saber quando o método em questão é o instrumento certo do Espírito para alcançar a cura. Este ponto é da máxima importância. Um dos principais propósitos deste livro é ajudar os conselheiros e outros obreiros cristãos a saberem quando usá-lo e quando não fazer uso dele.
No decorrer usual da cura da memória, o processo apresenta três fases. Elas nem sempre são distintas e algumas vezes se fundem. Todavia, com fins de esclarecimento, vamos observá-las separadamente.

Um Período de Aconselhamento

Deus pode fazer uso de uma outra pessoa ou grupo a fim de expor os pontos que não conseguimos encontrar sozinhos. O aconselhamento é com freqüência necessário para descobrir as mágoas ocultas, as necessidades insatisfeitas e as emoções reprimidas que nos impedem de chegar à verdade que nos libertará. Em muitos casos, não pode haver cura verdadeira nem crescimento espiritual até que tenhamos sido libertados das lembranças penosas e costumes pouco sadios que interferem hoje em nossas atitudes e comportamento.

Quando respondi o telefone em meu consultório certa tarde, a voz ansiosa de um homem me atirou diretamente na situação — “Estamos tendo problemas em nosso casamento”, disse ele incisivamente. “Posso mandar minha mulher consultá-lo?” Geralmente acho que as consultas feitas por procuração não funcionam muito bem. Mas, a seguir, uma voz feminina em outra linha me assegurou que pedira ao marido para tomar a iniciativa. Dentro de poucos dias eu estava ouvindo Palmira falar sobre um casamento vacilante, falta de afeição por seu marido ministro e toda uma série de dificuldades físicas e emocionais que evidentemente a levaram à beira de um esgotamento nervoso. Senti igualmente uma profunda dedicação a Deus e ao seu casamento. A descrição da infância de Palmira parecia o histórico de um caso num livro sobre a cura das memórias — um lar dividido, vários episódios de abuso sexual por parte dos membros da família, doença e pobreza no lar que a sobrecarregaram de trabalho e responsabilidade desde cedo. Era como se fosse uma caixa de surpresas cheia de lembranças doloridas que se abrisse inesperadamente, provocando seu fracasso presente.

Todavia, quando analisamos os detalhes de sua infância marcada e sórdida, fiquei profundamente impressionado com a atitude adulta dela em relação a tudo. Os traumas sexuais e as experiências penosas não impediram que se mostrasse feminina em suas atitudes e completamente normal nas respostas ao marido. Suas dificuldades na infância, por mais sofrimento que tenham causado, na verdade a ajudaram a ser uma mãe melhor para os filhos. Em análise final, ficou claro que não tinha necessidade de cura dessas mágoas passadas. A conversão no início da adolescência e o amor dos irmãos na igreja a capacitaram a superá-las de maneira notável.

Descobrimos que o verdadeiro problema era uma amargura profunda que permitira arraigar-se em seu coração alguns anos antes. O marido dela sentira-se chamado a pregar

quando já tinha certa idade. Isto significou deixar uma posição lucrativa, obrigando Palmira a certos sacrifícios econômicos. Isto com certeza renovou seus antigos temores de pobreza, intensificando seus ressentimentos; mas o ponto principal de sua dificuldade eram os seus novos sentimentos em relação ao marido. Palmira permitiu que isso afetasse a sua atitude, de modo que começou a levantar uma barreira contra ele em sua vida e a acusá-lo de várias outras coisas. Esses sentimentos bloquearam o fluxo de sua vida amorosa até então sadia, de modo que todo o relacionamento se achava à beira de um colapso. Ela tivera de enfrentar o lado sombrio de seu ressentimento pecaminoso e os subterfúgios a que recorrera para vingar-se dele. Num período de confissão e oração, ela encontrou graça para perdoá-lo e receber perdão pela sua atitude errada e suas ações ofensivas. Quando comunicaram tudo isso um ao outro, o amor de Deus derrubou as barreiras e restaurou um amor profundo de ambos os lados.

Escolhi deliberadamente uma ilustração em que o aconselhamento revelou não haver necessidade da cura das memórias, a fim de salientar a necessidade de aconselhamento pessoal. Geralmente não é fácil determinar se a cura das memórias deve ou não ser feita, sendo neste particular que tenho muitas reservas quanto a fazer uso desta forma de cura emocional/espiritual com grupos grandes de pessoas ou em reuniões de massa. Alguns religiosos tentam isto e eu certamente não desejaria limitar o poder de Deus. Sei que Ele usa sermões sobre a cura interior para revelar-nos nossas necessidades; sendo isto, num certo sentido, um aconselhamento em massa. Tenho tido oportunidade de observar alguns milagres esplêndidos de cura que tiveram seu início nesse tipo de serviço público. Mantenho, no entanto, minhas reservas quanto a dirigir um auditório inteiro, submetendo-o a este processo. Como muita coisa que tem presentemente lugar neste campo da cura, trata-se mais de mágica que de milagre. E muito raro ver resultados a longo prazo e duradouros, com modificações permanentes nas atitudes e relacionamentos, em separado de um método que inclua as três fases sobre as quais estamos escrevendo. A primeira é abrir-se com um conselheiro, pastor ou amigo de confiança. “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos Outros, para serdes curados” (Tiago 5:16).

Um Período Especial de Oração Para Cura

Este é um dos pontos destacados da cura das memórias. A fim de que o Espírito Santo possa tocar realmente as barreiras que impedem a volta da saúde, emprega-se a oração em forma de conversa, com ênfase na visualização, imaginação, o ponto exato no tempo da situação específica que produziu a memória penosa, e uma fé profundamente sintonizada por parte do companheiro de oração.

Nesta oração especial, permitimos que o Espírito nos faça retroceder no tempo até a experiência em si e ande conosco através dessas lembranças que nos magoam. E então que oramos, mediante o uso de nossas imaginações santificadas, como se estivéssemos realmente no lugar e ocasião do incidente, permitindo que Deus ministre a nós da maneira que necessitávamos naquela hora.

Este período de oração é justamente o núcleo central da cura das memórias. Através da oração tem início o milagre da cura; sem ela, todo o processo pode tornar-se simplesmente uma forma de auto-sugestão, catarse, ou terapia dos sentimentos. Este tempo especial de oração não deve ser ignorado, caso os resultados devam ser duradouros.

Algumas vezes não somos atendidos em nossa oração, porque pedimos as coisas erradas e nossos motivos são também errados (Tiago 4:2-3). É importante que nossa oração atinja o alvo. Um dos milagres que freqüentemente tem lugar durante o período especial de oração é que o Espirito Santo se torna nosso Conselheiro, esclarecendo o conteúdo e purificando os motivos da própria oração. Geralmente começamos orando sobre a lembrança de um incidente específico, ou sobre um determinado relacionamento, por julgarmos que um deles foi a causa do problema. A seguir, enquanto oramos, o Espírito remove essa camada e abre níveis mais profundos de nossa mente, ajudando-nos a descobrir qual o verdadeiro problema. Este ponto é da máxima importância e mais tarde iremos passar bastante tempo tratando do mesmo. Por causa da nossa condição decaída e das reações pecaminosas que temos em relação aos que nos magoam, com freqüência desenvolvemos memórias muito

seletivas. Isto é, nossa recordação de alguns incidentes podem deformar-se em vista da intensidade das emoções ligadas a eles. Você está lembrando de nossa descrição das junções ou sinapses no capítulo 1, que transmitem os impulsos eletroquímicos, enviando assim informações ao cérebro? Existem centenas deles em que a informação pode ser alterada antes, durante ou depois de recebida. (Veja Nosso Frágil Cérebro, D. Gareth Jones, Editora Diagrama e Texto, pp. 31 a 36.)

Nossas atitudes de mente, emoção e espírito desempenham uma função importante no processamento da memória e podem com freqüência desviar-nos do caminho certo quando se trata de descobrir o discernimento necessário para a cura. Esta é a razão pela qual as palavras de Jesus sobre a verdade são tão essenciais: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). Seu nome favorito para o Espírito Santo era “O Espírito da Verdade” (João 14-16). Certas vezes, depois de termos avançado o máximo no aconselhamento, é durante o período de oração que o Espírito da Verdade focaliza a necessidade real, como se fosse um grande raio laser, e lança sua luz saneadora sobre ela.

Joaquim era um jovem de cerca de 30 anos, solteiro, atraente e bem empregado. Mas em meses recentes vira-se presa de crises de depressão. Embora tivesse sido convertido ao cristianismo há muitos anos, sofria de um complexo generalizado de culpa que praticamente o impedia de acreditar no amor de Deus por ele. Joaquim descreveu deste modo seus sentimentos: “Sinto correntes invisíveis ao meu redor; insisto com Deus para quebrá-las, mas sei também que não fará isso — não por mim. Tenho uma sensação de desesperança, de indignidade.” Ele falou-me de seu talento para as artes e a música: “As pessoas dizem que possuo várias habilidades. Gostaria de fazer uso delas para o Senhor, mas me sinto amarrado e não consigo expressá-las. Fico então zangado comigo mesmo e acho que Deus também se decepciona.”

Ele não conseguia defender seus direitos no trabalho. Em vista disso, tanto o chefe como os colegas se aproveitavam dele e até comentavam com ele a respeito. Por que permitia tal coisa? “Tenho medo de ser ainda mais rejeitado do que antes.” Notei a menção ao passado e perguntei-lhe o significado dela. Nas sessões seguintes, ele contou-me sobre um lar cheio de rejeição constante, desprezo e até abuso físico. Isto ocorria quase sempre algumas horas após a rotina de ir para a cama, quando tinha de fazer um histórico dos erros cometidos durante o dia, para satisfazer o pai! A mãe dele tinha “crises” em que gritava e atirava objetos, quebrando coisas de valor. A instabilidade naquele lar era completa!
No decorrer de nossas conversas, a maioria de seus sentimentos negativos parecia ser dirigida contra os pais. Ele mencionou casualmente uma irmã mais velha, mas só de passagem. Todavia, durante o período de oração para cura tudo mudou e um grande rio de raiva explodiu contra a irmã. Ela de alguma forma tivera uma posição única e privilegiada naquela família irracional e em várias ocasiões poderia ter protegido Joaquim de grande sofrimento. Em lugar disso, se esforçara para piorar a situação dele. Toda vez que o apresentava aos amigos, dizia com sarcasmo: “Não ligue para nada que o Joaquim fizer — ele é um retardado mental.” Quase sempre a irmã procurava aumentar as suspeitas dos pais e dificultava ainda mais a posição dele. Depois de terem saído de casa, Joaquim disse certa vez a ela que ambos jamais tinham recebido qualquer mostra de afeto físico. Sentiu-se profundamente ferido quando ela, em vez de demonstrar pelo menos um pouco de compreensão e consolo, respondeu zangada: “O que você quer que eu faça, dê-lhe um grande abraço?”

Quando o Espírito Santo começou a interpretar alguns dos profundos suspiros e gemidos que partiam do poço de suas tristes lembranças (Rom. 8:26-27), tornou-se óbvio que esse era o ponto em que Joaquim necessitava realmente de cura. Ele tinha de esforçar-se mais para perdoar à irmã do que aos pais. Só depois de longo tempo de luta com os seus ressentimentos e de permitir ao Espírito que “os removesse de seu coração como um punhado de sanguessugas”, foi que conseguiu perdoar-lhe e por sua vez recebeu o perdão divino pelos anos de amargura oculta. Tudo isso resultou do tempo de oração. O Espírito Santo é realmente o Conselheiro genuíno que nos leva a toda a verdade.

Quer o período de oração seja ou não um momento de novas percepções, ele é sempre uma ocasião de alcançar um novo poder. Este poder é que impede que a cura das

lembranças se transforme em apenas outra forma de terapia em que as pessoas passam a "sentir-se bem" livrando-se "psiquicamente" dos problemas. O período de oração é aquele em que o poder de sondagem de Deus penetra nos níveis mais profundos de nossas personalidades. Centenas de vezes pessoas me disseram depois dele: "Eu ficava pensando... me sentia mudado e diferente, mas um tanto incrédulo. Será que duraria? Minha atitude, quando me visse face a face com meu ofensor, seria realmente outra, ou voltaria à estaca zero? Descobri, no entanto, que fora curado de verdade. Deus fez isso e quando analiso as coisas, vejo que tudo aconteceu enquanto orávamos juntos." E isto leva geralmente a uma oração de agradecimento e louvor.

Um Período de Acompanhamento

As memórias penosas precisam ser integradas na vida diária e receber novo significado. Durante esse tempo, o aconselhado, o conselheiro e o Espírito Santo trabalham juntos a fim de reprogramar as atitudes e padrões de comportamento errados para assegurar mudanças permanentes. O objetivo final não é simplesmente aliviar a dor do passado ou algum nível de sanidade mental e emocional, mas o crescimento à semelhança de Cristo e uma obra de amadurecimento na santificação e verdadeira santidade, O "Ajudador curado" poderá então fazer uso de suas lembranças penosas como um instrumento de bênção na vida de outros.

Este acompanhamento requer às vezes trabalho árduo, desde que a cura das memórias não nos leva automaticamente a um desempenho perfeito nem garante um comportamento diferente. A verdadeira tragédia das lembranças tristes não é simplesmente a dor intensa que sentimos ao pensar nelas nem o puxão poderoso do passado que provocam em nós. Mas sim que aprendemos maneiras erradas de enfrentar as situações da vida e de nos relacionar com as pessoas, devido a esse sofrimento e investida que se tornaram a base de nossos padrões de personalidade — nosso estilo de vida. Esses padrões precisam ser mudados pelo poder santificador do Espírito operando através de nossa vida diária. A diferença agora é que podemos ficar livres dos sofrimentos, investidas e compulsões.

Capitulo 3
Por Que Algumas Lembranças Precisam de Cura?

UM AUTOR DESCONHECIDO escreveu "A memória é o poder para colher rosas no inverno." Isto se refere evidentemente ao aspecto alegre das boas memórias. Provérbios 10:7 comenta a este respeito: "A memória do justo é abençoada." Paulo escreveu aos Filipenses: "Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós" (1:3). Lembranças alegres como essas de Paulo eram verdadeiras rosas de inverno. Elas traziam colorido e calor à atmosfera úmida e desolada da prisão romana onde o apóstolo se achava encarcerado quando escreveu a carta.

Certa vez dirigi um serviço para algumas pessoas com perturbações emocionais num hospital de Kentucky. Muitas delas vinham da região montanhosa que ficava a leste do estado. O capelão me contara um pouco de suas histórias — pobreza, desemprego, alto índice de abuso infantil, alcoolismo e tragédia familiar. Em minha mensagem, falei sobre a graça divina que poderia consolá-los e curar seus ferimentos emocionais, os quais haviam contribuído para levá-los àquela condição. Ao terminar o serviço, o capelão deu-lhes oportunidade para escolher um hino preferido. Fiquei surpreso quando vários pediram para cantar o conhecido hino evangélico, "Memórias Preciosas, Como Elas Ficam Conosco". Em meio à sua imensa tristeza mental, eles se esforçavam ao máximo para lembrar-se apenas das rosas de seu passado. Entretanto, suas condições físicas e emocionais eram um testemunho vivo de que se haviam recusado a enfrentar ou reconciliar- se com os seus muitos espinhos.

O Tempo Cura Todas as Feridas — Ou não?

Está na hora de observarmos mais de perto um dos grandes mitos a respeito da cura — o de que o tempo cura todas as feridas. A falsidade está na palavra todas. E certo que muitos ferimentos podem curar-se simplesmente com o tempo. Se a mente puder suportar

conscientemente a dor quando esta se manifesta, com o passar do tempo a intensidade da lembrança penosa irá então diminuir. Com tempo suficiente, apenas a memória de ter sofrido permanecerá. Haverá ainda dor na recordação, mas perfeitamente suportável. O caso assemelha-se ao de uma operação bem-sucedida que não infecciona. Ela pode ser bastante dolorosa, mas irá sarar gradualmente sem complicações. Algum dia apenas uma cicatriz sensível nos lembrará do sofrimento pelo qual passamos. E verdade, o tempo pode curar todas as memórias penosas não reprimidas e não infeccionadas.

Mas o tempo por si mesmo não pode e não cura aquelas lembranças que são de tal forma penosas que a mente humana não pode tolerar. A evidência mostra que essas experiências continuam vivas e doloridas dez ou vinte anos mais tarde, como o eram dez ou vinte minutos depois de terem sido expulsas da mente consciente. O que não pode ser enfrentado e suportado é negado. Vamos usar um exemplo extremo para mostrar como Deus nos forneceu um sistema embutido de proteção para um de Seus dons mais preciosos para o ser humano — nossa mente.

As pessoas que sofrem acidentes automobilísticos graves quase nunca se lembram do momento da batida. Essa experiência final de sofrimento cauterizante é raramente lembrada. Elas se lembram de muitas coisas um pouco antes desse momento. Talvez digam: “Percebi que íamos bater naquela ponte”, ou “eu me lembro do caminhão correndo na nossa direção”, ou “vejo a hora em que caímos no precipício como se houvesse um filme em minha mente”. Mas elas não lembram a experiência de atravessar o pára-brisa, ou quando são atiradas para fora do carro, ou quando batem num poste. Graças a Deus que não lembram! Você pode imaginar o que seria viver com esse tipo de quadro mental permanentemente guardado na memória? Um indivíduo assim não conseguiria manter a sanidade. Não lhe seria possível suportar o sofrimento emocional avassalador que acompanharia tal lembrança. Deus, em Sua misericórdia, proveu uma espécie de fusível mental e emocional que simplesmente queima quando os circuitos ficam sobrecarregados.

Esta ilustração contém tanto os fatores físicos como emocionais que facilitam para nós a compreensão de como e por que o fusível queima. A dor mental pode produzir resultados semelhantes. Jamais esquecerei o rosto triste e perplexo de um veterano da guerra da Coréia que foi mostrado na televisão há vários anos. Suas experiências penosas como soldado e prisioneiro de guerra o deixaram sem quaisquer indícios de identificação e em estado de amnésia quase completa. Ele não conseguia sequer lembrar-se de seu nome e identidade pessoal. Todos sofremos com ele quando apareceu em nossos aparelhos de TV e pediu: “Alguém pode dizer-me quem sou?” Felizmente para ele, e muitos outros, as lembranças voltaram.

As Memórias Reprimidas

Alguns crimes graves são às vezes resolvidos quando acontecimentos esquecidos há muito tempo são lembrados e fornecem pistas importantes. A Associated Press publicou a seguinte história num jornal datado de 21 de dezembro de 1979 (The Lexington Herald, Lexington, Kentucky):
A MENTE DE UMA MULHER DESVENDA PISTA PARA O ASSASSINATO DO PAI 35 ANOS ATRÁS
RAEFORD, N.C. — Edward Leon Cameron desapareceu faz 35 anos. O xerife Dave Barrington foi procurá-lo na semana passada e descobriu um assassinato estranho guardado desde a infância na mente. de uma mulher.

Durante anos a Sr Perry não tinha consciência de que algo grotesco, horrível demais para pensar a respeito, achava-se suprimido em sua memória. Mas, segundo Barrington, ele voltou à superfície durante (tratamento)...

A 8 de abril de 1 944 Annie Blue Camerori tinha quase dez anos. Naquela noite, ela lembra agora, ouviu os pais discutindo na casa da fazenda da família.

Conforme declarava um mandado de busca preparado na semana anterior, ela “abriu a porta do quarto da frente e viu o corpo do pai no chão... Ele parecia estar morto.Na semana

seguinte depois da escola, Annie foi para a privada externa. Olhou no buraco e viu o rosto do pai quase submerso debaixo dos excrementos."

Mas esses pormenores permaneceram congelados na mente de uma menina e de sua mãe, Winnie Cameron, que confessou seu terrível conhecimento apenas ao morrer.

Barrington disse que a história começou a desenrolar- se depois que a Sr.ª Perry procurou ajuda psiquiátrica... Ela não se dispusera a discutir o caso com ninguém senão com as autoridades e a natureza de seus problemas psicológicos não foi discutida.

A Sr Perry, agora professora na Faculdade de Valência, em Orlando, na Flórida, eventualmente se comunicava com o FBI. No último Natal ela confrontou a mãe, já idosa, num telefonema, gravado pelas autoridades com a sua permissão.

"Mamãe, penso que você teve alguma coisa a ver com a morte de papai", disse a Sr.ª Perry, segundo o xerife. A Sr.ª Cameron recusou-se a discutir o assunto.

A 1 de dezembro deste ano, a Sr.ª Perry telefonou novamente para a mãe. "Quero conversar outra vez sobre o que discutimos no Natal passado", disse ela. 'O corpo de meu pai ainda se encontra naquela latrina?"

A mãe respondeu: "Conto a você depois do Natal."

A escavação começou a 1-2 de dezembro. A Sr Perry e sua irmã, June lvey, ajudaram os policiais a localizarem o lugar onde ficava a privada.

"À uma e vinte da tarde encontramos os remanescentes... Era uma costela", disse Barrington. "Depois disso foi osso após osso a tarde toda." Só o crânio de Cameron e alguns outros ossos continuam enterrados.

"A Sr.ª Cameron ficou na casa a maior parte do dia (1 2 de dez.)", afirmou Barrington. "Ela só foi embora na manhã seguinte, às 8 horas. Essa foi a última vez em que foi vista com vida."

No final da tarde de sexta-feira, o filho de Cameron... encontrou a Sr.ª Cameron caída ao lado do carro nos fundos da propriedade com uma pistola calibre 32 na mão. Um envelope se achava no assento do carro... Barrington disse que ele continha uma confissão.

Há algum tempo eu estava realizando um seminário no Departamento de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade Duke e mencionei este incidente. Um jovem médico residente me informou ter nascido exatamente na cidade onde tudo isso aconteceu e confirmou os fatos transmitidos pelo jornal.

Este caso ilustra um dos mistérios da memória — a capacidade de bloqueio, suprimindo da nossa mente as coisas que não temos condições de enfrentar. A parte mais triste é que embora possamos bloquear a dor involuntariamente, mesmo assim sofremos as suas conseqüências. Quase sempre, como no caso da Sr Perry, quando essas lembranças literalmente explodem e começam a afetar nossa vida diária é que somos forçados a fazer algo a respeito.

Muitos de nós procuram tirar da mente as lembranças penosas. Elas não se curam com a simples passagem do tempo, como uma ferida infeccionada também não sara desse modo. A infecção se desenvolve internamente e na verdade piora, pois se alastra para outros pontos, afetando e infeccionando-os. Isso acontece também com as experiências desagradáveis, em especial as ocorridas durante os anos importantes da primeira infância e adolescência. Nos casos graves, pode ocorrer a dissociação ou separação e depósito da experiência. Ela parece ficar guardada num recanto da memória, não podendo ser chamada de volta instantaneamente quando requerida pelo consciente. Ninguém entende o processo mental, emocional e neurológico em todos os seus aspectos. Sabemos,

entretanto, que muita energia emocional e espiritual contínua é necessária para manter encoberta uma lembrança.

Esse processo é comparável ao de alguém tentando manter debaixo d'água uma porção de bolas cheias de ar. Durante algum tempo consegue fazê-lo, mas finalmente desanima e as bolas sobem aqui e ali apesar de seus ingentes esforços. As memórias reprimidas e fixadas jamais podem ser realmente esquecidas ou apenas arquivadas da mesma maneira que nossa mente guarda as lembranças agradáveis e os sentimentos positivos que as acompanham. Quanto mais tentamos manter as memórias negativas fora de alcance do consciente, tanto mais poderosas elas se tornam. Desde que não lhes é permitido entrar pela porta da frente (o consciente), elas se insinuam em nossa personalidade (corpo, mente e espírito) de maneira disfarçada e destrutiva. Esses problemas negados ficam submersos e mais tarde aparecem sob a forma de males físicos, situações conjugais infelizes e ciclos repetidos de frustração espiritual.

Enquanto escrevia este capítulo, fui interrompido por um chamado interurbano de outro estado. Um homem que lera há algumas semanas meu livro Cura Para os Traumas Emocionais (Ed. Betânia) queria falar comigo. Ele era cristão há mais de sete anos, fiel em sua leitura bíblica, vida de oração e convivência com os outros crentes. Mas havia áreas em que, segundo afirmou, "A agulha parecia tocar em padrões emocionais repetitivos". Ele prosseguiu dizendo que embora tivesse tentado toda disciplina cristã que conhecia, não lhe fora possível descobrir o problema. Ao ler o livro, sentiu como se o Espírito Santo tivesse tirado uma camada de sua memória, de modo que conseguiu lembrar de algumas coisas relativas aos seus problemas com "registros ocultos". Não existia um trauma específico, mas toda uma atmosfera, um ambiente com um clima definido que ele absorvera ao crescer. E embora o odiasse, descobriu que estava involuntariamente tentando reproduzi-lo em suas relações atuais. Ele salientou várias vezes o fato de não ter compreendido o que acontecia, até que se lembrou. Agora que percebera as coisas, estava conseguindo compartilhar essas memórias com um conselheiro e obter um discernimento ainda mais profundo. Mediante períodos de oração com a esposa, estava observando mudanças em si mesmo e no ambiente de seu lar. Desliguei o telefone agradecendo a Deus por uma confirmação atualizada dos efeitos das memórias enterradas.

A história desse homem equilibra também alguns dos exemplos extremos por mim empregados; pois, freqüentemente, não conseguimos identificar experiências ou acontecimentos específicos.. Em lugar disso, como aconteceu com esse indivíduo, pode ocorrer um aglomerado de influências circunjacentes, uma atmosfera penetrante que nos rodeia com um conjunto inteiro de memórias generalizadas, exigindo cura. Estou certo de que isto faz parte do que Jesus tinha em mente quando falou dos efeitos destrutivos de alguns atos sobre as crianças, pronunciando a seguir um dos juízos mais severos sobre os que prejudicassem ou fizessem "tropeçar a um destes pequeninos" (Mat. 18:6-7 e Luc. 17:1-3). Na verdade, "melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar".

A Criação de Condições Positivas Para a Recordação Consciente

As pessoas que guardam em seu íntimo lembranças penosas só permitirão que elas sejam conscientemente recordadas (lembradas) sob certas condições positivas. Esta a razão da necessidade freqüente de um conselheiro compreensivo e compassivo, alguém em quem a pessoa magoada possa confiar e que possa levá-la à presença de um Deus amoroso e digno de confiança. De fato, justamente neste ponto o Evangelho se transforma realmente em boas notícias — as novas incríveis da compreensão e companhia salvadora do próprio Deus. Os sofrimentos de Cristo na Cruz por nós e como nós fornecem as condições positivas de confiança que capacitam o indivíduo em causa a reclamar essas memórias penosas, trazendo-as ao consciente, a fim de que possam ser não só enfrentadas mas também curadas.

A criação dessas condições positivas tem de começar com a maneira como apresentamos o evangelho e justamente na atmosfera de nossas igrejas.

Capitulo 4
Formação do Ambiente Para Cura

No FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, o governo japonês teve de enfrentar um problema maciço. Embora os tratados de paz tivessem sido assinados, havia milhares de soldados japoneses nas montanhas e selvas das ilhas do Pacífico Sul que não queriam sair de seus esconderijos, entregar as armas e voltar a uma vida pacífica.

Eles haviam sofrido uma lavagem cerebral tão completa por parte de seus superiores, através de histórias do que os americanos fariam no caso de rendição, que passaram a crer plenamente que isto representaria tortura ou morte instantânea para eles. O imperador do Japão decidiu finalmente fazer um discurso explicando a situação e pedindo a seus homens que voltassem para casa. O discurso foi transmitido pelo rádio e também gravado e retransmitido por alto-falantes, a fim de ser ouvido nas cavernas e florestas. Em resumo, estas foram as suas palavras: “Voltem, a guerra acabou. A paz foi estabelecida. Vocês não sofrerão nada. Mas terão boa acolhida e serão protegidos.”

Como se tratava da voz do seu imperador, quase todas as tropas aceitaram a garantia dada e se renderam. Alguns naturalmente relutaram, mas dentro de meses praticamente todos estavam de volta, com poucas exceções. Depois de alguns anos, supunha-se que todos os vivos tivessem retornado. Todavia, não foi senão em março de 1974 que o último soldado saiu de seu esconderijo, 29 anos depois de terminada a guerra! A essa altura os dois países se achavam em termos amigáveis. Quando perguntaram ao homem, já então com 60 anos, por que esperara tanto, ele respondeu que foi preciso todo esse tempo para vencer o seu medo.

No capítulo 3, dissemos que permitimos a certos tipos de memórias dolorosas serem recordadas ou lembradas conscientemente apenas sob as condições de confiança adequadas. Sem essas condições somos como o velho soldado japonês. Nossos temores não irão, nem poderão, permitir que baixemos nossas defesas a fim de que as lembranças sepultadas saiam de seu esconderijo. Num sentido muito real, Deus, o Pai Celeste amoroso, o Imperador do Universo, nos enviou a todos Sua mensagem especial de paz. Ela talvez seja melhor expressa por Paulo em 2 Coríntios 5:19: “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.” Eis a essência das Boas Novas de Deus: “Volte. Não precisa mais ter medo. Estamos em paz. Você não será ferido nem castigado, mas acolhido e aceito.”

Por que então tantas pessoas não se sentem livres para abrir-se, expondo-se à graça saneadora de Deus? Por que continuam se ocultando por trás de toda sorte de defesas? O motivo é que freqüentemente a atmosfera em nossas igrejas, a atitude dos outros cristãos, e o próprio modo em que proclamamos o evangelho não proporcionam as condições positivas de confiança, necessária para a cura.

O Pastor Como Profeta e Sacerdote

Existem diferentes funções para a pregação, diferentes tipos de sermão e diferentes alvos a serem atingidos. Muitos sermões representam o papel profético do mensageiro. Ele se apresenta como representante de Deus e anuncia a Palavra de Deus: “Assim diz o Senhor.” Como profeta ele deve falar com autoridade, como fez Jesus. Neste papel o objetivo do ministro é proclamar a verdade, expor as grandes doutrinas da fé e defender os padrões bíblicos para a vida ética. Como profeta ele fala de pecado, justiça e juízo, chamando as pessoas ao arrependimento, salvação, santificação e santidade de coração e de vida.

Quando prega em seu papel sacerdotal ou pastoral, o conteúdo e o objetivo são diferentes. Como representante de Deus ele oferece o sustento da Palavra, edificando e encorajando as pessoas. Ele leva consolo aos que sofrem e esperança aos desesperados. Nas palavras do lindíssimo poema de Charles Wesley, “Jesus, Amante de Minha alma”, o alvo do pastor neste tipo de pregação é “levantar os que caem, animar os abatidos, curar os enfermos e guiar os cegos”.

A maior parte de nossa pregação fica em algum ponto entre a abordagem profética e a pastoral. De fato, se a pregação deve ser aquilo que Deus quer que seja, é necessário existir equilíbrio entre os dois aspectos do evangelho — a exigência moral e o dom gracioso. O Senhor combinou naturalmente as duas coisas com a maior perfeição, como se pode ver em Suas palavras à mulher apanhada em adultério: “Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais” (João 8:11). Grande parte dos ministros se esforça ao máximo para ser fiel às duas ênfases e no geral eles conseguem satisfazer as necessidades de quase todos os ouvintes. O que muitas vezes deixam, entretanto, de reconhecer é o número sempre crescente de pessoas em suas congregações que precisam de um nível ainda mais profundo de pregação. Edgar N. Jackson, em seu livro A Psychology for Preaching (“Psicologia Para a Pregação”), comenta sobre um questionário entregue a 4.000 pessoas. Sua finalidade era descobrir o que as pessoas querem de seus pastores através dos sermões. Metade delas expressou preocupação com assuntos intensamente pessoais — a futilidade da vida, insegurança nos relacionamentos pessoais, solidão, problemas conjugais, controle dos desejos sexuais, efeitos do álcool, falsas idéias sobre religião e moral, sentimentos de inferioridade, problemas de doença e sofrimento, e sentimentos de culpa e frustração. Um quarto desses participantes se interessava especialmente por problemas familiares, função dos pais, criação de filhos e conflitos nos relacionamentos. O último quarto mostrou interesse nos problemas religiosos mais tradicionais. (Harper and Row, pp. 75-77.)

Este é um grito de socorro que precisa ser ouvido e respondido através da pregação evangélica. Inúmeras necessidades espirituais são produto da imaturidade, conflitos íntimos, problemas emocionais e de relacionamento. As pessoas desejam saber como a vida abundante que tanto anunciamos pode ser vivida em meio ao desgaste cotidiano a que todos estão sujeitos.

Devemos acrescentar aos problemas humanos normais uma série de aspectos anormais. Na verdade semeamos ventos e segaremos tormentas, à medida que um número crescente de indivíduos, inclusive muitos cristãos nascidos de novo e cheios do Espírito, estão iniciando a idade adulta com sérios problemas emocionais que afetam profundamente sua vida espiritual. Em nossa sociedade cada vez mais enferma, a situação parece piorar em proporção geométrica, como acontece com a explosão demográfica.

O trágico excesso de ênfase sobre o sexo tornou-se quase uma obsessão mundial:

• aumento explosivo no número de divórcios nas últimas quatro décadas e nos índices de violências praticadas contra crianças e cônjuges, atos de incesto e estupro.
• aumento no número de viciados em álcool e drogas,
• redução nos padrões de moral, disciplina e senso de responsabilidade.

Tudo isso colaborou para transformar nossa sociedade em uma linha de montagem especializada em fabricar pessoas perturbadas e com traumas emocionais. Muitos desses traumas se acham profundamente sepultados nas camadas da memória e não reagirão ao tipo de pregação que costumamos ouvir. De fato, podemos dizer que a pregação tradicional na realidade provoca ainda maior medo nessas pessoas e endurece suas defesas de modo que as memórias vão sendo cada vez mais empurradas para o fundo. Até mesmo em sermões de consolo e encorajamento, é possível apresentar as Boas Novas de maneira a aprofundar o desespero das pessoas. Muitas vezes quando pergunto a alguém por que não conta seus problemas ao seu pastor, ele me diz que é porque já sabe a resposta dele: vai fazê-lo sentir-se ainda mais culpado do que está. Quando insisto, perguntando como sabe disso, geralmente replica: “Sei pelo modo como prega.” Seria fácil para os evangelistas e pastores considerarem injusta esta acusação. O fato é que ela dói por ser geralmente verdadeira. A nossa pregação freqüentemente desanima as pessoas e impede que procurem a ajuda e cura que tão desesperada- mente necessitam.

A Pregação Para a Cura Emocional e Espiritual

Anos de experiência neste campo me ensinaram que um tipo especial de pregação é exigido para encorajar a cura das memórias. Ele é distinto em seu conteúdo, estilo e objetivo. O dever deste tipo de pregação é:

• dar ao sofredor a coragem necessária para baixar as defesas que impediram a sua cura,
• capacitá-lo a expor seus temores, ansiedades, conflitos e vergonha íntimos,
• ajudá-lo a exteriorizar suas lembranças ocultas e profundamente interiorizadas na presença da Cruz,
• criar o que seja talvez para ele uma imagem completamente nova de Deus, um Pai compassivo que não fica chocado mas compreende o que quer que seja descoberto em Sua presença, porque Ele já sabia de tudo o tempo todo e jamais deixou de amar.

O Conteúdo da Pregação

O núcleo deste tipo especial de sermão é encontrado em certos aspectos fundamentais das Boas Novas que temos em Cristo.

• **Encarnação** — Emanuel, Deus conosco. O apóstolo João escreveu:
"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14). Mateus citou a profecia de Isaías: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)" (Mat. 1:23).

Entre nós... Conosco. O que significa Deus estar conosco? Quando pensamos na maneira em que empregamos a idéia de conosco temos uma pista. Algumas vezes visitamos um amigo que está sofrendo de uma enfermidade, dor, ou grande perda. Queremos transmitir-lhe nossos sentimentos mais profundos de simpatia. Dizemos então: "Quero que saiba que estou com você nessa crise, sentindo tanto quanto você." Este é um significado da Encarnação que precisamos transmitir. Isaías profetizou a respeito da vinda de Emanuel e Mateus explicou o significado: "que quer dizer: Deus conosco". Em nossa pregação às pessoas que estejam passando por sofrimentos mentais e emocionais, precisamos falar da verdadeira humanidade de Cristo. Não se trata de o "Verbo ter-se transformado em palavras"; embora estas sejam necessárias, elas não bastam, nem para o próprio Deus.O Verbo se fez carne. Deus entrou na arena da vida e do sofrimento humanos. Ele se tornou um conosco, tornando-se um de nós.

• **Identificação** — Deus está conosco em nosso sofrimento. Eu talvez possa ilustrar melhor este ponto contando duas histórias verídicas publicadas num jornal canadense, The Calgary Herald.

A 5 de junho de 1978, Martin Turgeon, menino de sete anos, caiu do cais e afundou no rio Prairie. Os doze ou mais adultos que se encontravam no mesmo cais nada fizeram — exceto observar a luta dele por alguns minutos na água e depois vê-lo afogar-se.

Por que ninguém o socorreu? A pequena distância, corrente acima, uma seção de esgoto não-tratado é lançada no rio. A água se torna altamente poluída e malcheirosa. Uma testemunha citou mais tarde as palavras de um observador: "Nós não íamos pular ali — a água estava suja demais." Um policial que apareceu em cena algum tempo depois comentou acidamente: "A gente fica pensando como as pessoas realmente são, O menino poderia provavelmente ter sido salvo."

Contraste este incidente com o seguinte. Em agosto de 1977, John Everingham, um jornalista australiano sediado no Laos, foi expulso pelos comunistas. Noivo de uma moça daquele país, Keo Sirisomhone, ele viu-se obrigado a separar-se dela. Durante dez meses John planejou cuidadosamente salvar Keo. A 27 de maio de 1978 ele finalmente partiu em sua missão de resgate. Equipado com máscaras, nadadeiras e um tanque de mergulho com dois dispositivos para respirar, ele mergulhou no rio Mekong que aumentara muito de volume por causa das chuvas. Esse rio separa o Laos da Tailândia.

A visibilidade era nula abaixo da superfície devido ao fato de a água estar muito turva e John precisou usar uma bússola que levara na máscara. Lutou contra correntes raivosas,

arrastando-se pelo fundo lodoso onde era ocasionalmente jogado de um lado para outro por remoinhos. Quando subiu à superfície percebeu que subestimara a corrente. Continuava ainda bem longe da costa e estava sendo levado para longe do ponto onde Keo o aguardava, disfarçada de pescadora para evitar qualquer suspeita. Exausto, Everingham nadou de volta para o lado da Tailândia.

Desta vez ele entrou no rio bem mais acima. Vou citar suas palavras neste ponto. “Consegui e arrastei-me para a margem. Keo parecia ter desanimado e estava se afastando tristemente dali. Gritei o mais alto que pude. Ela voltou-se, viu-me, e correu, caindo em meus braços.” Keo não sabia nadar e John colocou um salva-vidas levemente inflado ao redor de seu pescoço e um dos reguladores de respiração em sua boca. Com o rosto quase na superfície da água e uma corda fácil de desamarrar os unindo, John enfrentou corajosamente o rio. Depois de uma luta desesperada eles conseguiram vencê-lo juntos, caindo esgotados na margem do outro lado — na Tailândia!

A história de John ilustra a identificação de Emanuel conosco em nossa terrível condição. Ele não é um Deus que fica olhando, relutante em envolver-se, mas um Deus que nos ama tanto que está disposto a mergulhar nas águas turbulentas e turvas da vida humana e identificar-se completamente conosco:

• em Sua própria concepção, submerso nos líquidos amnióticos, as águas do útero da Virgem Maria,
• em Seu nascimento e infância, fugindo das águas revoltas do decreto insano do rei Herodes,
• em Sua adolescência, aprendendo através das águas do crescimento e desenvolvimento, amadurecendo sob a disciplina dos pais terrenos e das autoridades religiosas,
• aos trinta anos, imerso nas águas da obscuridade, embebido nas Escrituras, sendo saturado na paciência e sabedoria divinas,
• através de toda a Sua vida e ministério, mergulhado nas águas poluídas de vidas cheias de pecado, batizado com pecadores, comendo com eles e arriscando-se a ser contaminado por eles,
• e finalmente, engolfado nos remoinhos do engano, negação e traição, entrando nas profundezas sombrias da própria morte... e morte de cruz.

• **Crucificação** — Deus está em nosso sofrimento conosco e a nosso favor, sempre, mesmo a um alto custo para Si mesmo. Chegamos agora ao próprio centro das Boas Novas — a cruz. Jesus identificou-se com o pior de nós até o fim, pois foi crucificado com dois criminosos. Nas águas mais profundas de todas Jesus morreu, “para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem” (Heb. 2:9).

Esta identificação na morte tinha importância crucial, conforme nos ensina o autor de Hebreus: “... também ele, igualmente participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida... Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados” (Heb. 2:14-18). Esta é então uma identificação completa conosco, a prova suprema de que Deus compreende a nossa dor e sofrimento, O ponto desta passagem e de outras na Epístola aos Hebreus é que pelo fato de Deus entender agora perfeitamente, não precisamos jamais hesitar em levar tudo a Ele. Na verdade, somos aconselhados: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Heb. 4:16).

Não transmitimos realmente o significado deste convite se limitarmos a morte de Cristo à expiação de pecados. A cruz significa com certeza que Cristo morreu pelos nossos pecados; mas se a restringirmos a isso, estaremos eliminando um elemento em nossa pregação e ensino que milhares de pessoas em situações críticas precisam ouvir. Pela Sua cruz, Cristo reconcilia com Deus tanto os pecadores como os que sofrem. Quando Cristo desceu ao inferno, Ele não só trouxe purificação das lembranças culposas de nossos pecados que pesam sobre a nossa consciência, condenando-a; mas também trouxe cura para aquelas memórias penosas que surgem dentro de nós para atormentar e escravizar a nossa

personalidade. Muitas delas são produto de lesões e enfermidades que não procuramos. Pelo contrário, fomos vítimas das escolhas pecaminosas de outros. Foi exatamente isso que Cristo escolheu ser na cruz — uma vítima da preferência de outros. Ao submeter-se voluntariamente à pena máxima pelos nossos pecados, Ele passou pela mais dolorosa experiência na vida humana — sofrimento não- merecido e injusto. Jesus sujeitou-se ao duplo mistério do pecado e sofrimento. A nossa pregação será muito simplista se limitarmos a expiação ao perdão de pecados.

Alguns perguntariam imediatamente: “Pecados de quem?” Na passagem de Mateus relativa aos pecados contra crianças, que citamos no capítulo 3, Jesus continuou dizendo: “Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos (pecados), mas ai do homem pelo qual vem o escândalo” (Mat. 18:7). E verdade, todos pecamos e temos necessidade do perdão provido pela cruz. Mas pelo fato de também pecarem contra nós, precisamos da segurança da cruz, indicando que Deus compreende as emoções complicadas e contraditórias que sentimos, o inferno interior de sentimentos conflitantes que irrompem das memórias não- curadas.

Um dos momentos mais desagradáveis de meu ministério de aconselhamento foi enquanto ouvia uma jovem senhora em prantos contar sua história. Judite ouvira a pregação de um conhecido evangelista e fora procurá-lo, pedindo orientação e para que orasse por ela. Em grande agonia lhe contara como seu pai, um ministro, a molestara várias vezes sexualmente, desde os seis anos. Ela confessou seus sentimentos confusos que a mantinham constantemente deprimida e espiritualmente derrotada — uma mistura complexa de culpa, vergonha, ambivalência sexual, ira e tristeza. A resposta imediata dele foi que se ela se “arrependesse” da sua parte na história, Deus “endireitaria” os seus sentimentos. Ele expôs-lhe fielmente o “plano da salvação”. Estava tão cheio de respostas que não tomou sequer tempo para ouvir as perguntas dela nem o caso completo, inclusive o fato de a mãe, numa crise de raiva, ter quebrado a perna de Judite quando ela tinha apenas três anos.

O milagre da graça de Deus é tal que, apesar da insanidade de seu lar, essa jovem era uma cristã sincera. Ela experimentara realmente o perdão e o novo nascimento em Cristo. O que precisava desesperadamente era ser curada das cicatrizes sórdidas de seu passado, aprendendo um modo inteiramente novo de relacionar-se com Deus, com outros e consigo mesma.

Esta a razão pela qual a pregação da cruz em seu sentido mais amplo é tão central para criar as condições de confiança necessárias para a cura das lembranças. Quão esplendidamente a antiga liturgia da comunhão explica:

“Mediante a fé no seu sangue” recebemos “a remissão de nossos pecados” e “todos os outros benefícios de Sua paixão”. Vamos assegurar-nos de que a nossa versão das Boas Novas contenha este benefício que tantos espíritos feridos necessitam. Em Seu primeiro sermão na sinagoga, como registrado por Lucas, a proclamação das Boas Novas por Jesus incluía a descrição do Messias segundo lsaías 61:1-2: “O Senhor me ungiu, para pregar boas- novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos.” Os quebrantados de nossas igrejas necessitam saber que Ele recebeu sobre Si suas tristezas e enfermidades, além de seus pecados.

• **A Realidade Viva** — de um Deus compassivo e cheio de compreensão. O que tudo isto significa? Como afeta a nossa vida diária? E como cria a atmosfera para a cura de que falamos? Ela muda nossos conceitos e sentimentos sobre Deus e produz assim um clima de confiança em que memórias profundamente submersas podem emergir.

Por que isto é verdade? Porque Deus sabe como os seres humanos se sentem. Sim, Deus sempre soube isto, porque Ele é Deus e sabe todas as coisas. Como podemos então dizer que Deus sabe agora? Isso parece indicar que Ele aprendeu algo novo e isto o tornaria menos que perfeito, menos que Deus. No sentido que Deus é onisciente, Ele sempre soube; mas agora, Ele sabe através da experiência. Essas magníficas passagens de Hebreus sugerem que existe um sentido mais profundo em que Deus sabe e compreende agora por

causa dos sofrimentos de Cristo. Hesito em usar uma ilustração muito pessoal, mas é a única que julgo poder explicar o sentido de minhas palavras.
Antes de viajar para a índia, Helen e eu passamos um ano estudando numa escola de treinamento missionário, onde fizemos um curso excelente sobre Medicina Tropical. Um dos fatos que aprendemos foi que 50% de todos os bebês nascidos na Índia morrem antes dos cinco anos. Nós conhecíamos o fato da mortalidade infantil. Mas, dois anos mais tarde quando nosso filho de dez meses, David, morreu poucas horas após um ataque fulminante de disenteria bacilar e nós o sepultamos naquela manhã de março no solo vermelho de Bidar, na Índia, Helen e eu passamos a encarar a mortalidade infantil de um modo inteiramente novo.

Deus naturalmente compreendia o que era um ser humano. Mas devido à Encarnação, Sua identificação final conosco nos sofrimentos e morte de Cristo, Deus agora conhece e entende muito bem e não apenas pela onisciência fatual, mas mediante uma experiência prática.

Agora estamos certos de que Ele sabe e se interessa. Por ter vivido como nós em todos os sentidos, desde o útero humano até um túmulo humano, sabemos que pode “compadecer-se das nossas fraquezas” (Heb. 4:15). E por estarmos certos de que Ele sabe, a vida não precisa ser mais a mesma para nós.

• A Participação do Seu Espírito em Nossa Cura. Um Deus compreensivo, que tem compaixão, que sabe e se interessa é o principal fator terapêutico em nossa cura interior. Mas, num certo sentido, tudo o que dissemos está no tempo passado — é o Jesus da história. Mas, Graças a Deus, Ele não nos deixou nesse ponto. O Jesus da história se torna o Cristo da experiência presente e pessoal através da obra do Seu Espírito Santo. o Espirito que torna atual em nossa vida de agora tudo o que Ele possibilitou mediante os Seus sofrimentos, morte e ressurreição. O Espírito Santo é o Pará- ejeto. Para — ao lado, e kaleo — chamar. O Chamado Para Ficar ao Lado. Em Romanos 8:26-27 temos a segurança de que o Espírito Santo nos auxilia em nossas enfermidades, nossas incapacidades, nossas fraquezas. A palavra grega para auxiliar é composta de três outras que significam “segurar do outro lado”. Essa é uma descrição delicada e bela de um Deus que conhece, compreende e cuida e que está agora participando conosco em nossa cura.

Esta certeza se encontra no contexto de Romanos 8:18-28, onde Paulo fala sobre a dor e o sofrimento de viver neste mundo decaído e imperfeito. Até mesmo o mundo criado da natureza “geme e suporta angústias até agora”. O mundo verdadeiramente nos agride. Paulo continua então:

“Também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.” O mundo da natureza geme realmente e, embora sejamos cristãos, nós também nos queixamos. Mas não estamos sozinhos. O próprio Deus, na presença do Seu Espirito Santo, geme conosco. “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis” (vv. 22-23, 26).

Isto deve manter-se no centro de nossa pregação preparatória, estas Boas Novas incríveis que para muitos de nossos ouvintes sofredores parecem boas demais para ser verdade. Devemos pregá-las com todo amor, empatia e compreensão que pudermos receber do Espírito, sempre compartilhando abertamente nossas experiências quando tivermos alcançado este tipo de cura interior e amor compassivo.

Aceitação Redentora na Congregação

Além do conteúdo da pregação, existe um outro aspecto supremamente importante para criar as condições positivas de confiança. O pastor deve pregar o tipo de sermões que descrevemos. Todavia, a não ser que a atitude dos cristãos em sua igreja irradie a mesma espécie de aceitação redentora, não haverá o ambiente necessário para a cura. Muitos dos temores e ansiedades que impedem as pessoas de se abrirem são provocados pela mágoa

de relacionamentos interpessoais negativos. Como já vimos, as lembranças desses relacionamentos retrocedem em suas vidas, talvez até mesmo antes do nascimento. Esses indivíduos aprenderam toda uma linguagem de associações prejudiciais quem sabe antes de terem aprendido a falar. E essencial que aprendam agora um novo idioma, transmitido por relacionamentos positivos, sadios. Mas para aprendê-lo, é necessário que ele seja primeiro ouvido. Esse é o motivo pelo qual os membros da igreja desempenham um papel tão importante no processo de cura. Apoio deve ser dado às pessoas que estejam lutando e sofrendo, por parte dos cristãos, promovendo ao mesmo tempo uma atmosfera de compreensão e amor. Algumas vezes, em nome do amor, elas talvez tenham de ser confrontadas, mas isto será sempre feito num espírito de restauração e não de julgamento. Mesmo que tenha de ser um amor firme, não deixará de ser amor.

É possível afirmar com sinceridade que este é o tipo de atmosfera que encontramos na maioria de nossas igrejas? O executivo cristão, orador e escritor, Fred Smith, de Dallas, Texas, escreveu uma parábola moderna incisiva sobre este tema. Estou citando grande parte da mesma com sua autorização:

“NÃO ME LEVEM PARA O HOSPITAL — POR FAVOR”

A cena não fazia sentido. Ali estava ele sangrando na rua.
O motorista que o atropelara fugira. Ele precisava de atendimento médico imediato. No entanto, continuava suplicando:
— Por favor, não me levem para o hospital!
Todo mundo perguntou espantado:
— Por quê?
O homem respondeu em voz suplicante:
— Porque faço parte do quadro do hospital. Seria embaraçoso me verem neste estado. Jamais fiquei desse jeito, sujo e sangrando. Eles sempre me vêem limpo e sadio. Olhem agora para mim!
— Mas o hospital é para pessoas como você. Não podemos chamar uma ambulância?
— Não, por favor. Eu fiz um curso de segurança para os pedestres e o instrutor me criticaria por ter sido atropelado.
— Mas, quem se incomoda com o que o instrutor pensa? Você precisa de tratamento.
— Há também outras razões — a encarregada das admissões ficaria aborrecida.
— Por quê?
— Ela sempre se aborrece quando a pessoa a ser admitida não tem tudo o que é necessário para preencher o registro. Eu nem vi quem me atropelou e não sei a marca nem o número da licença do carro. Ela não compreende-ria. Faz questão de todos os detalhes. Pior ainda, não tenho comigo meu cartão de seguro médico.
— Que diferença isso faz?
— Se não me reconhecessem, por causa do meu estado, não deixariam que entrasse. Não admitem ninguém nessas condições sem o cartão do seguro. Eles querem ter a certeza de que não terão de incorrer em despesas. Deixem-me na calçada. Eu dou um jeito. A culpa foi minha, deixei-me atropelar. Por que as enfermeiras iriam ter de sujar seus uniformes por minha causa? Elas sem dúvida me criticariam.
Depois de ter dito essas palavras, ele tentou rastejar até a sarjeta, enquanto todos ficaram só olhando. Talvez tenha conseguido escapar, talvez não. Talvez esteja ainda tentando fazer parar o sangue.
Essa história lhe parece estranha e ridícula? Poderia acontecer em qualquer domingo... numa igreja típica. Sei disso porque perguntei ontem à noite a alguns cristãos ativos o que fariam se na noite de sábado fossem atropelados por algum pecado inaceitável. Todos responderam sem exceção:
— E claro que não iria à igreja na manhã seguinte, onde todos poderiam ver-me.
No espírito despreocupado da conversa, decidimos que se fôssemos apanhados — colhidos repentinamente por um pecado — seria melhor ir para o bar do que para a igreja... pois no primeiro encontraríamos simpatia e compreensão.

Continuamos explorando o assunto: A igreja é lugar para os santos de imitação, bem vestidos e perfumados, ou para os que estão sangrando, que sabem ter sido atropelados mas querem curar-se? De alguma forma a pergunta deixa de ser para a igreja inteira e se

torna especialmente minha — um indivíduo — um pecador salvo pela graça— um ser humano tentando isolar-se num grupo superior ou envolver-se na necessidade total.

“Vejam como eles se amam uns aos outros.” Os ganhadores e os perdedores, os sadios e os doentes, os feridos e os sã os. Preciso ser um doador e um recebedor numa igreja onde os que sofrem digam esperançosos: “Leve-me à igreja, por favor.”

A cura das lembranças exige um grupo de crentes tão interessados quanto os quatro amigos do paralítico, que se arriscaram a estragar o teto a fim de levá-lo à presença de Jesus para que este o curasse. As pessoas só permitirão que suas lembranças mais penosas penetrem no consciente, arriscando- se assim à possibilidade de serem curadas, apenas quando existirem condições positivas de confiança. Você pode perguntar-se como podemos obter essas condições. Quero lembrá-lo de que as Boas Novas representam Cristo crucificado e ressurreto. Ouça o relato de João sobre o que aconteceu naquela primeira noite de Páscoa. “Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor” (Jo 20:19). O Cristo ressuscitado entrou pelas portas que haviam sido fechadas por medo.

Graças a Deus, nosso Senhor ressurreto ainda pode atravessar as defesas e portas que foram fechadas por medo. Ele continua trazendo paz aos corações machucados e perturbados. Ele faz isso, dizendo palavras de paz e mostrando Suas cicatrizes, o preço que pagou para dar-nos essa paz. Cabe a nós, Seus discípulos, reunir-nos em Seu nome, em Seu Espírito, e criar a atmosfera adequada para a Sua presença que proporciona cura.

Capitulo 5
Fundamentos Bíblicos Para a Cura das Memórias

E DA MÁXIMA IMPORTÂNCIA compreender que a cura das memórias tem um fundamento sólido nas Escrituras, que são a nossa autoridade final em todos os assuntos de fé e prática. Algumas pessoas rejeitam totalmente toda forma de cura interior em vista de as definições precisas não se encontrarem na Bíblia. Se aplicássemos esse raciocínio a tudo, talvez nos deixássemos levar para extremos fanáticos e até perigosos — não usar roupas com botões; não dirigir carros; recusar o uso de penicilina para uma criança doente e causar assim a sua morte. Estaríamos realmente negando que toda verdade procede de Deus e que temos a obrigação espiritual de usar toda nova percepção e descoberta em qualquer área da vida para a glória de Deus e o bem-estar do homem. O problema específico não é o fato de uma prática ser mencionada na Bíblia na forma ou linguagem em que a utilizamos hoje. Mas, sim, se ela é contrária ou consistente com os princípios declarados nas Escrituras. De acordo com esta idéia básica, nós cristãos somos gratos por todas as novas verdades, percepções e descobertas que continuamente chegam até nós de muitos campos, tais como o da medicina, sociologia, matemática, física e psicologia. Ao examinarmos os ensinos bíblicos, encontramos os princípios sobre os quais apoiamos a cura das lembranças.

Desistir das Coisas Infantis

É necessário pôr de lado as coisas de criança a fim de crescer espiritualmente. Existem duas palavras gregas diferentes no Novo Testamento que se referem à infância. É importante distingui-las.

Paidion é um termo referente à infância, num sentido sadio e normal. Pediatria e pediatra são derivados desta palavra-raiz. Jesus usou paidion quando levou uma criança diante dos discípulos e lhes disse que eles precisavam ter as mesmas características de humildade e aptidão para aprender como aquela criança. Ele avançou ainda mais, declarando: “Se não vos converterdes e não vos tomardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mat. 18:3). Enquanto tendemos a dizer às crianças que cresçam e se tornem adultas, Jesus estava sempre aconselhando os adultos a se tornarem mais parecidos às crianças! Nós usamos hoje o termo infantil para expressar esta idéia. A Bíblia insiste em

que sejamos mais infantis em nossa fé, humildade, aceitação e franqueza com as outras pessoas. Jamais devemos crescer tanto que nos afastemos dessas qualidades infantis.

A outra palavra é nepios, que se refere à infância de um modo pouco sadio e anormal, no sentido de permanecer num estágio de infância e infantilidade retardadas quando já deveríamos tê-lo ultrapassado. Nada é mais belo que uma criança que age de acordo com a sua idade; e nada mais terrível do que um adulto que continua agindo como criança. Este tipo de comportamento é perturbador, chegando a ser às vezes destrutivo. Descrevemos hoje uma pessoa assim como infantil. Se o comportamento chegar ao extremo da infantilidade, nós retrocedemos a um período ainda anterior da vida e dizemos que ela é um bebê. Paulo usou nepios em Romanos 2:20; Gálatas 4:1 e 1 Coríntios 3:İ quando descreveu indivíduos espiritualmente imaturos. Em seu grande capítulo do amor, 1 Coríntios 13, ele escreveu: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino” (v. 11). Ele se referia aqui a uma combinação de imaturidade emocional e espiritual. Este versículo parece deslocado em meio ao grande capítulo do amor? De modo algum, pois as características e comportamento do amor ágape exigem um certo nível de maturidade emocional e espiritual. E esse nível jamais pode ser alcançado até que desistamos primeiro das coisas infantis.

A palavra de Paulo para desistir é um termo grego forte katargeo, que significa “tornar inoperante, inativo, ou ineficaz; remover o sentido e significado; libertar-se algo que nos esteja amarrando ou prendendo”. A maturidade não chega simplesmente porque vamos envelhecendo. Podemos ser adultos na idade e crianças psicologicamente ao mesmo tempo. Para desistir das coisas infantis é necessário alguma atividade por parte da pessoa.

Este princípio bíblico oferece um fundamento adequado para o fato de que alguns indivíduos necessitam submeter-se à cura das memórias. As pessoas que nunca enfrentaram suas memórias penosas continuam presas num certo estágio de seu desenvolvimento emocional. Seus corpos têm tamanho adulto e suas mentes desenvolveram-se por completo, mas suas emoções jamais passaram de um certo nível de amadurecimento. Essas memórias negativas são como pesos amarrados ao corpo de um nadador. Eles insistem em afundá-lo, de modo que ele mal consegue manter-se à tona; ou consomem tanto a sua energia emocional e espiritual que não consegue fazer qualquer progresso.

Filipe e sua esposa, Janete, vieram procurar-me para ajudá-los depois de terem feito vários meses de aconselhamento conjugal. Os dois se amavam muito e tinham o máximo interesse em conservar o casamento. Expressaram sua disposição em cultivá-lo e Filipe estivera fazendo justamente isso. O principal problema entre eles era que Filipe não conseguia expressar o profundo amor que sentia por Janete seja em palavras ou afeição física. Como é natural, isto afetava seu relacionamento em muitos pontos. Ela não recebia sua parte normal de satisfação a nível emocional, mostrando-se irritada e impaciente. Ele procurava compensar seu problema, tornando-se útil em casa — de fato, ajudava até demais e com freqüência atrapalhava. Ela interpretava isto como interferência e menosprezo pelo seu desempenho como dona-de-casa. Janete explicou: “Gosto que deseje me ajudar, mas isso me faz sentir que não está satisfeito com a maneira como faço as coisas.” Um círculo vicioso de emoções negativas veio então a estabelecer- se em escala sempre crescente.

O conselheiro matrimonial parece ter feito uma única abordagem: analisar a situação e ver quais os problemas. Depois disso, mediante oração e esforço, modificar os comportamentos que criavam os sentimentos antagônicos. Essa é na verdade uma boa solução e já a vi operar maravilhas em diversas situações. Todavia, não é a única, pois existem muitas pessoas incapazes de mudar suas atitudes e atos até que tratem dos problemas que estejam impedindo a mudança. As causas intrapsíquicas (interiores) do rompimento das relações interpessoais com freqüência devem ser tratadas em primeiro lugar.

Depois da morte da mãe de Filipe, quando ele tinha dez anos, o menino ficou morando sozinho com o pai durante muito tempo. O pai a seguir começou a beber muito e às vezes abusava dele, até no terreno sexual. A casa era mal arrumada e suja e Filipe não podia levar seus amigos para visitá-lo. Durante vários anos, uma porção de mulheres diferentes passavam a noite com o pai. Filipe viu-se cheio de responsabilidade muito cedo e tornou-se um solitário. Em uma de nossas sessões, enquanto compartilhava sua história, ele permitiu-se dar vazão às suas emoções. Com os olhos úmidos e uma voz trêmula contou: “Penso que aprendi a enfrentar essa situação, impedindo-me simplesmente de sentir qualquer coisa. Não ousava ficar feliz nos momentos ocasionais de alegria porque tinha certeza de que não durariam. Não ousava chorar ou desanimar porque tinha de prosseguir vivendo. Acredito que a verdade é que fiquei com medo de sentir qualquer coisa. E agora não sei como fazer isso.”

Filipe fez um pedido singular — ele queria que Janete estivesse presente durante o período de oração para a cura dessas lembranças penosas. Ela foi muito compreensiva e o abraçou, como o faria sua mãe, enquanto todos chorávamos e orávamos juntos. Filipe precisava enfrentar muitas memórias desagradáveis e dolorosas. A medida que surgiam, ele teve de perdoar muito o pai e receber muito perdão de Deus pelos seus ressentimentos.

Ao livrar-se dessas cadeias do passado, ele e Janete puderam começar a fazer as mudanças comportamentais necessárias que haviam sido recomendadas. Isto não foi de forma alguma fácil; houve necessidade de muito esforço, exigindo bastante aconselhamento e encorajamento, mas pelo menos isso era agora possível, enquanto antes não existia essa possibilidade.. Por quê? Porque o tipo de amor exigido para essas mudanças não era possível até que algumas “coisas de menino” fossem postas de lado — katargeo — tornadas inoperantes e incapazes de interferir em seus esforços adultos presentes. A cura das lembranças liberou-o, de modo que agora podia permitir-se ter sentimentos. Este foi um primeiro passo absolutamente necessário para aprender como expressar seu afeto por Janete. E este tipo de cura interior se harmonizava perfeitamente com o princípio bíblico que mencionamos.

Aceite Cristo Como um Ajudador Presente

Jesus Cristo é nosso contemporâneo eterno, o Senhor do tempo e quem nos cura; o Seu Espírito Santo é nosso ajudador presente e disponível. A parte mais distinta da cura das lembranças é o período de oração. Mediante o uso da imaginação, tentamos recriar a lembrança penosa e depois visualizá-la como teve lugar antes. Oramos como se estivéssemos falando com Deus nesse local e pedimos que Ele faça por nós o que teríamos solicitado, se tivéssemos orado naquela ocasião. Pedimos que cure a criança ou adolescente que passou por essas experiências — coisas que na verdade fixaram a criança nesse ponto, que a prenderam nesse estágio de crescimento. Como isso pode acontecer quando os incidentes ocorreram no passado, em tempos tão longínquos? Como as suas orações de hoje têm condições de atingir o íntimo daquela criança ou jovem no seu passado distante?

As Escrituras nos dizem que Cristo é o Senhor do tempo — passado, presente e futuro. Num sentido muito real Ele é nosso contemporâneo eterno, “ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre” (Heb. 13:8); Quando João Batista apresentou Jesus ao povo, ele declarou: “Este é ode quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já. existia antes de mim” (João 1:15). Em outra passagem existe uma mistura interessante de tempos de verbos. Quando os judeus provocaram o Senhor: “Ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou” (João 8:57-58).

Se Cristo pôde fazer essas declarações durante Sua existência terrena na carne, quanto mais elas se aplicam hoje ao Cristo levantado, assunto aos céus e glorificado! Ele transcende a todo tempo e espaço, os quais não passam afinal de contas de conceitos finitos das limitações em nossas vidas humanas. Conforme Jesus demonstrou em inúmeras ocasiões depois de sua ressurreição, Ele não era limitado seja pelo tempo ou espaço, mas podia aparecer em qualquer parte a qualquer hora. Em certo sentido, tudo é presente para

Ele. Por estarmos limitados pelo espaço e tempo, dizemos que Cristo “volta ao tempo” a fim de ministrar a um doente. Devido às nossas limitações finitas, não compreendemos como Ele faz isto, mas podemos certamente visualizar seus atos. Com base nas Escrituras podemos certamente imaginá-lO aqui e agora.

Será isto tudo simples auto-sugestão? Uma espécie de auto-hipnose em que “convencemos” a nós mesmos usando quadros mentais e muita imaginação? Absolutamente não. As promessas relativas à obra da presença e do poder atuantes do Espírito Santo nos asseguram que Ele realmente nos ajuda. É o Espírito Santo que torna o Cristo transcendente próximo e imanente. O Espírito nos garante que Ele está verdadeiramente ao nosso lado, “pegando do outro lado para manter nosso equilíbrio”. Mais tarde estudaremos algumas descrições de Jesus que são úteis na cura das memórias. Embora sejam descrições baseadas em símbolos bíblicos, a forma das imagens mentais que nos possibilitam visualizar Sua presença é produto de nossa imaginação. Mas o fato da Sua presença retratado por essas imagens é garantido pelas promessas da Escritura.

Ore Especificamente

Temos de ser específicos em nossas confissões e orações. Uma das grandes ênfases bíblicas é a necessidade de sinceridade moral completa ao enfrentarmos nossos pecados, defeitos e necessidades. Na primeira história da desobediência humana no Jardim, vemos como o homem se inclina a encobrir as coisas quando qualquer tipo de sofrimento emocional se acha envolvido na situação. Quando o Senhor Deus os procurou para ficar algum tempo em sua companhia como era Seu costume, Adão e Eva se esconderam da Sua presença entre as árvores do Jardim. Quando Deus chamou Adão, perguntando-lhe onde estava, ele respondeu: “Porque estava nu, tive medo e me escondi” (Gên. 3:8-10). Desde então os seres humanos têm temido ser sinceros e expor-se, não apenas diante de Deus, mas também de seus semelhantes e de si mesmos. Este medo que alcança proporções extremas em nossas personalidades decaídas e deformadas faz parte das memórias reprimidas que provocam sofrimento. Nós as encobrimos e ocultamos em lugar de confrontá-las. Essa dissimulação se insinua em nossa personalidade em todos os seus aspectos. Ela é a causa principal de nosso medo e culpa e, mais que tudo, prejudica nossos relacionamentos.

A receita bíblica para esta doença humana endêmica é sinceridade, franqueza, arrependimento e confissão. Jesus chamou o Espírito Santo de “Espírito da Verdade” (João 14-16). O apóstolo João usou a palavra verdade vinte e duas vezes em seu evangelho e nove vezes em sua Primeira Epístola. Em 1 João vemos uma ligação direta entre verdade, confissão e nosso relacionamento com Deus, com outros e conosco mesmos. Deixe-me explicar.

Séculos antes de o ramo do conhecimento que chamamos psicologia ter- se iniciado, João descreveu o que chamamos hoje de nossos mecanismos de defesa. Trata-se simplesmente das várias maneiras em que o homem evita enfrentar a verdade e se protege da ansiedade e do medo. Elas não mudam a realidade nem a verdade da situação; apenas modificam o modo de olharmos para os fatos. Nós nos protegemos enganando a nós mesmos, a fim de que não tenhamos de mudar. Vejamos as palavras do apóstolo João: Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos, é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, com ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós (1 João 1:5-10).

Vejamos agora como João e os psicólogos descrevem os três principais mecanismos de defesa. Eles são dados na ordem de sua gravidade.

• **Negação**. Este é o mais simples e mais direto deles. Apenas negamos algo; mentimos a respeito. Recusamo-nos a reconhecê-lo; não queremos olhar para ele nem discutir a seu respeito. João comenta sobre isto: “Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (v. 6).

• **Racionalização**. Este meio de defesa é mais complicado e, portanto, mais sério. Não é tão direto quanto a mentira, sendo mais sofisticado. Tentamos aqui dar razões que justifiquem nosso comportamento. Alguém disse que existem duas razões para tudo quanto fazemos: uma boa razão e a razão verdadeira! Não só enganamos a outrem, mas também a nós mesmos neste caso; é uma fraude mais profunda do que a negação ou mentira porque freqüentemente não temos consciência dela. João trata disso: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (v. 8).

• **Projeção**. Este é o pior de todos porque avançamos um pouco mais com o engano e culpamos a outros pelos nossos problemas. De fato, projetamos nossos defeitos em outra pessoa ou coisa e dizemos que o problema é deles. João descreve isto com grande exatidão: “Fazemo-lo (Deus) mentiroso e a sua palavra não está em nós” (v. 10). Embora a mentira tivesse partido de nós, acabamos por afirmar que foi Deus quem a disse. “Não sou o mentiroso, mas é Ele!”

Compreendo que esta passagem está colocada num contexto sobre assuntos morais e espirituais. Mas ela tem uma ligação definida com o nosso tema, pois seus princípios abrangem também os aspectos emocionais/espirituais da vida. Uma das razões para as memórias não-curadas nos perturbarem tanto é que elas contêm em geral muitas emoções negativas, tais como medo, mágoa, ira, culpa, vergonha e ansiedade. Esses sentimentos insistem em aparecer e ficamos imaginando de onde vieram. Nós nos sentimos confusos por não podermos determinar a sua causa. Isto nos faz sentir culpados, porque “os cristãos não devem ter tais sentimentos”. Acabamos não tendo apenas o problema, mas também a culpa por deixá-lo entrar em nossa vida. A dificuldade está no fato de sermos incapazes de orar especificamente a respeito. E como tentar fugir de um nevoeiro. Precisamos desesperadamente descobrir o ponto da necessidade específica, perceber qual é o verdadeiro problema a fim de tratarmos dele. O princípio envolvido aqui é muitíssimo importante: Não podemos confessar a Deus o que não reconhecemos para nós mesmos. Fazemos então confissões generalizadas, damos e recebemos perdão, também generalizado, e acabamos tendo um relacionamento nebuloso, indistinto, generalizado, com Deus.

Não queremos isto, mas em vista de uma porção de pontos específicos serem protegidos pelos nossos mecanismos de defesa e ocultos em nossas lembranças sepultadas. não conseguimos encontrar alivio emocional e espiritual contra os seus ataques. Temos necessidade de expor as situações, experiências e atitudes que estão provocando as emoções negativas e permitir que o Espírito Santo trate com elas especificamente. E justamente isto que acontece com freqüência durante nosso período de oração para a cura das memórias. Em lugar de orações gerais “Ô Senhor, ajude-me a ter sentimentos melhores com relação a meus pais, ou faça com que eu perdoe meu irmão ou irmã”, a mágoa específica é mencionada em detalhe: “Ó Senhor, fiquei tão triste porque o papai jogou meu brinquedo longe e o quebrou porque eu acidentalmente derramei água em cima do seu livro, e depois ele riu de mim quando chorei. Fiquei com ódio dele na hora. Até me alegrei quando ele sofreu o acidente naquela tarde.” Ou: “Pai, acho que nunca perdoei completamente minha professora por ter-me humilhado naquele dia na frente de toda a classe, acusando-me de uma coisa que outro colega fez. Quis vingar-me de Ricardo por ter mentido para ela. Perdôo os dois pelo que me fizeram e peço que me perdoe, Senhor, por esses anos de ressentimento contra eles.” E assim por diante. Memórias especificas que tiveram finalmente permissão para subir à superfície, resultando em confissões específicas de sentimentos específicos; perdão específico dado e recebido, resultando em cura e purificação profundas e intimas. Este princípio de especificação é essencial para a cura das lembranças e está em perfeita harmonia com as verdades bíblicas relativas ao arrependimento, confissão e cura.

Tenho observado repetidamente o ponto crítico na cura de um indivíduo quando suas lembranças fazem surgir detalhes importantes que ele empurrara para um canto oculto da mente. Joana era uma assistente social competente, no fim da casa dos vinte. Ela se mudou para nossa comunidade para ficar perto do noivo. Passados seis meses ele rompeu o noivado. A moça ficou arrasada e procurou auxílio, pois o choque da rejeição forçou-a a compreender que isso sempre acontecia em todos os seus relacionamentos com o Outro sexo. Embora Joana fosse cristã há vários anos, ela tinha problemas com mudanças de humor, depressão e um sentimento geral de hostilidade para com os membros do sexo masculino. Ela participava de um grupo que fazia rodízio de carros de transporte diário para o trabalho e as outras mulheres não gostavam quando era a vez dela de dirigir. Diziam-lhe que as deixava amedrontadas porque dirigia "com raiva". Duas de suas colegas eram casadas. Joana notou que quanto mais felizes elas eram em seu casamento, tanto mais raivosa ela se tornava tinha inveja dos bons relacionamentos das amigas. No trabalho, os colegas observavam sua impaciência e gênio instável. Além do noivado rompido, as palavras de um deles a levaram a compreender que precisava de aconselhamento. "Joana, você precisa ter cuidado com seu gênio — está sempre zangada."

Durante as sessões de aconselhamento, Joana contou sobre um lar em que as bebedeiras eram constantes, havia muito conflito e brigas. Cristãos interessados ajudaram-na a encontrar uma família da igreja e uma nova vida em Cristo. Mas a falta de afeição e amor por parte dos pais deixou suas marcas e ela procurava sempre encher o vazio em seu coração através de uma série de namorados. O padrão não mudava — desesperada por afeição, ela se envolvia demais fisicamente com os rapazes. Embora seus padrões morais cristãos impedissem que fosse "até o fim", a intimidade entre eles era grande. Isto resultava em perda de auto-respeito e no geral terminava em rompimento. Joana estava desanimada e aborrecida com seus impulsos. Tinha certeza de que esta era a maneira de Deus castigá-la e que Ele jamais permitiria que tivesse uma relação duradoura e um marido.

Nós repassamos uma longa lista de mágoas e sentimentos de ódio, humilhação e culpa durante um extenso período de oração. Toda uma torrente de emoções foi liberada e depois de considerável esforço ela encontrou graça para perdoar e purificar-se de sua amargura. Foi então, quando eu julguei que estávamos para terminar, que o Espírito removeu o véu da lembrança e aguçou a memória de Joana. Detalhes específicos de uma noite sórdida passada em companhia de um homem tornaram-se cristalinos. Ela clamou em oração agoniada, ao reviver os sentimentos terríveis experimentados.

"Ó Jesus, sinto-me tão má. Rebaixei-me e falhei em meu testemunho cristão. Perdi todo o respeito por mim mesma; não tenho fé suficiente para manter minhas convicções. Desisto de mim mesma e sinto que o Senhor também desistiu de mim."

Joana compreendeu então que aquela noite fora um ponto crítico em que passou a odiar a si mesma e a sentir-se desesperada. A partir daquele dia começou a achar que Deus lhe estava aplicando um castigo; ela se punia por seu comportamento sexual autodestrutivo. Através da oração, permitia no entanto agora que um Deus misericordioso e cheio de amor cuidasse dela, enquanto revivia aquela noite medonha. Ele a perdoou e lhe devolveu seu sentimento de virtude e dignidade como mulher. Foi um período abençoado de purificação e restauração. Quanta alegria senti dois anos mais tarde ao celebrar seu casamento com um jovem profundamente dedicado a Deus. A parte mais bonita da cerimônia foi quando ambos contaram como Deus juntara os pedaços espalhados de suas vidas e os reconstruíra, dando-lhes a seguir o presente de um novo começo. Conversamos muitas outras vezes sobre transformação. Ela sempre me lembra que a mudança saneadora teve início quando conseguiu confessar a Deus várias coisas específicas sobre as quais só havia orado em termos gerais.

Ministério Recíproco

O principio de Vida do Corpo significa que os cristãos ministram uns aos outros para obter cura. Tiago enunciou esta verdade em sua epístola: "E a oração da fé salvará o enfermo, e

o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados" (Tiago 5:15-16).

O próprio Senhor, em Seus magníficos ensinamentos sobre a oração, nos deu a promessa da oração comunitária. "Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mat. 18:19-20).

O tipo de oração que tem lugar durante a cura das memórias se ajusta perfeitamente aos mandamentos de "confessar os pecados uns aos outros" e "concordar a respeito" do assunto antes de pedir uma resposta. As Escrituras reconhecem que algumas petições exigem um tipo de oração em grupo, às claras e comum a todos, antes de poderem ser respondidas. Mais uma vez a "confissão" e o "acordo" assumem o caráter especifico que Deus aceita. Penso ser significativo o fato de o 'versículo anterior à promessa do "acordo" nos dizer: "Tudo o que ligardes na terra, terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra, terá sido desligado no céu." E os versículos seguintes contêm alguns dos ensinos mais importantes sobre o tema do perdão: conceder perdão e ser perdoado, que encontramos no Novo Testamento. Isto tudo se encaixa com perfeição no contexto da oração para a cura das lembranças traumáticas. Parece que no plano de Deus existem certos tipos de cura — físico, emocional e espiritual — que SÓ podem ser realizados mediante o ministério de outros membros do Corpo de Cristo.

Confissão e Restauração

Seria omissão não terminar este capítulo salientando que este princípio bíblico particular está sendo agora confirmado pelas últimas descobertas da medicina e psicologia. No jornal Lexington Herald-Leader, Lexington, Kentucky, de 23 de setembro de 1984, foi publicado um artigo do noticiário do New York Tines, sob o título "A Confissão Pode Ser Boa Para o Corpo". Ele continha o seguinte parágrafo: "A Confissão, sem levar em conta o que possa fazer para a alma, parece fazer bem para o corpo. Estudos recentes mostram de modo convincente que as pessoas que confiam a outras seus sentimentos perturbados ou algum evento traumático, em lugar de suportar sozinhas o problema, são menos vulneráveis às moléstias." A seguir vinha um relatório de inúmeras experiências diferentes que confirmavam os "benefícios para a saúde a longo prazo" quando nossos segredos mais penosos são compartilhados com outros.

A pesquisa do Dr. James Pennebaker mostra que "o ato de confiar em alguém protege o corpo contra tensões internas prejudiciais que são o castigo por carregar consigo um peso emocional oneroso, como por exemplo o remorso reprimido". Pesquisas semelhantes levadas a efeito na Universidade de Harvard mostram que os que não se abrem têm "sistemas de imunidade menos eficazes", O Dr. Pennebaker da Escola de Medicina Johns Hopkjns, ao publicar suas descobertas no The Journa/ of Abnorma/ Psichology, confirma essas teorias.

Como é interessante notar que a ciência moderna só agora está tomando conhecimento das verdades ensinadas claramente nas Escrituras. Davi declarou essas verdades há milhares de anos atrás.

Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoaria, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniqüidade, e em cujo espírito não há dolo. Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus OSSOS pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim; e o meu vigor se tornou em sequidão de estio. Confessei-te o meu pecado e a minha iniqüidade não mais Ocultei. Disse: Confessarei ao Senhor minhas transgressões; e tu perdoaste a iniqüidade do meu pecado. Sendo assim todo homem piedoso te fará súplicas em tempo de poder encontrar-te...Tu és o meu esconderijo; tu me preservas da tribulação e me cercas de alegres cantos de livramento. (Salmo 32:1-7)

Existe algum exemplo bíblico em que os princípios descritos tenham sido usados para curar as lembranças penosas de alguém? Sim, o modo como Jesus tratou da negação e restauração de Pedro. Só existem dois lugares no Novo Testamento onde o termo traduzido como “braseiro” é empregado. Em João 18:18 é-nos dito que Pedro se achava com os servos e os guardas no pátio, se aquecendo junto a um “braseiro”. Foi ali que negou três vezes a Jesus. Mais tarde, na praia, naquela manhã após a ressurreição, quando Jesus preparou uma refeição para os discípulos, Ele preparou deliberadamente a cena para Pedro (João 21:9). Novamente lemos sobre o “braseiro” (“umas brasas”). Jesus, o grande Médico e Psiquiatra, forçou Pedro a aproximar-se de um braseiro. Como suas lembranças e sua vergonha devem ter queimado em seu íntimo! Três vezes negara o Senhor e três vezes lhe foi pedido que confirmasse seu amor por Ele — junto àquelas brasas ardentes. Jesus fez uso de um braseiro, semelhante à “brasa tirada do altar” empregada por Deus em Isaias 6, para cauterizar e curar a dor e a vergonha sentidas por Pedro. Ao enfrentar a dor em todas as suas formas específicas, suas memórias foram curadas, e ele foi restaurado e recebeu nova comissão para servir.

Capitulo 6
Indicações Para a Cura das Memórias

QUAIS SÃO ALGUNS DOS sintomas que indicam a possível necessidade de um tratamento de cura das memórias? Digo possível, porque enfatizei sempre que a cura das lembranças traumáticas é uma, e apenas unia, forma de cura interior. Quero ressaltar isso novamente aqui. Os tipos de disfunções emocionais/espirituais que vão ser descritos não significam automaticamente que a cura da memória é a única terapia espiritual que deve ser considerada. Quando as lembranças penosas não foram enfrentadas, curadas e integradas na vida, elas freqüentemente derrubam as defesas, interferindo na vida normal da pessoa.

Uma das evidências disto são os quadros ou cenas mentais, ou os sonhos repetidos que perturbam e prejudicam a vida emocional e espiritual.

Durante o processo de aconselhamento, eu sempre faço uma pergunta como esta: “Você guarda em sua mente algumas cenas que estão sempre voltando à superfície? Que não o deixam em paz, mas retornam repetida- mente? Ou talvez se repitam em seus sonhos? Imagens mentais (memórias) tão fortes que chegam a interferir em sua vida?” Quando a resposta é afirmativa, peço à pessoa que me fale a respeito.

Embora os detalhes possam variar drasticamente, os fatos são os mesmos. Existem certos quadros mentais que voltam como se fossem “replays” no vídeo do televisor. Algumas vezes surgem em câmara lenta, o que significa que as emoções que acompanham essas memórias são muito intensas. É como o movimento super-vagaroso de um jogo, em que você chega a ver e sentir a determinação ou o sofrimento no rosto do jogador! Esses “playbacks” são no geral mais fortes pouco antes de pegar no sono, ou ao acordar durante a noite, ou ao acordar de manhã. Algumas vezes fazem parte dos sonhos (pesadelos) em que as vítimas se descobrem gritando, lutando ou suando frio. Eles podem ser tão intensos que afetam a capacidade do indivíduo para tratar dos assuntos rotineiros no dia seguinte.

Os personagens e o enredo dessas cenas repetidas são tão variados como as vidas dos envolvidos. Todavia, notei que o conteúdo e o sofrimento parecem incluir alguns dos seguintes denominadores comuns.

Mágoas

Em um certo sentido, tudo que provoca dor física ou mental e angústia emocional pode ser chamado de mágoa. Vou limitar esta discussão a algumas das experiências mais comuns na vida que provocam sofrimento emocional ao golpear a personalidade do indivíduo. O que quer que golpeie ou fira nosso ego é chamado de mágoa. Isto pode acontecer em qualquer nível de vida, desde o estágio pré-natal, infância, adolescência, juventude e idade adulta até a velhice. Bem no centro de muitas de nossas mágoas encontra-se um sentido de rejeição. Quanto mais importante ou significativa a pessoa é para nós, tanto maior o nosso sentimento de sermos rejeitados por ela.

Os tipos mais penosos de rejeição ocorrem durante os primeiros anos de vida — pré-escola e primeiro grau — porque não existe maneira de explicar a razão para uma atitude que as crianças interpretam como rejeição. As crianças não podem compreender por que estão sendo tratadas dessa forma. Pode haver razões muito lógicas para o que está acontecendo, mas não há possibilidade de comunicá-las ou de que sejam devidamente compreendidas. Por exemplo, muitas das rejeições mais profundamente sentidas são resultado de acidentes, doenças, demoras inevitáveis, ou até mortes. Os pais, membros da família, parentes, professores, pastores, ou amigos são forçados pelas circunstâncias a dar a algo ou alguém mais tempo e atenção' prioritários. Isto é considerado como uma rejeição e pode deixar uma cicatriz funda na memória.

Joel, um cristão jovem e muito sincero, veio pedir ajuda para seu complexo de inferioridade, depressão e derrotas espirituais. Ele tinha um medo quase constante de ser abandonado pela família, amigos, e até por Deus. Sentimentos estranhos de solidão que estimulavam memórias enevoadas surgiam repetidamente em seu íntimo. De várias maneiras essa sensação de mal-estar era o tema de muitas situações que faziam parte de seus sonhos. Mas tudo era tão vago que o rapaz sentia dificuldade em descrever as coisas claramente. De uma coisa tinha certeza — rejeição ocupava lugar central em tudo. Não tivemos dificuldades em observar as reações de Joel. Em tais casos, o núcleo de mágoa é tão penoso que a pessoa acaba com o problema adicional de temer terrivelmente ser magoada (no caso de Joel, rejeitada) do mesmo modo outra vez. Isto se torna um círculo Vicioso — como um cão correndo atrás da própria cauda e ocasionalmente mordendo-a! O medo de novas rejeições e mágoas cresce tanto que passa a afetar a percepção da pessoa em relação à vida, O medo se transforma em expectativa e esta finalmente acaba sendo o filtro de mágoa pelo qual ela passa a filtrar as experiências mais comuns do dia-a-dia. Tudo isto faz com que sinta muito mais dor do que está na verdade experimentando em suas circunstâncias presentes.

Foi fácil traçar essa progressão penosa com Joel. Ele estava então vivendo numa espécie de cápsula cuidadosamente isolada, que o protegia de grande parte dos golpes esperados. Começamos assim do ponto em que estava e nos movemos vagarosamente, retrocedendo no tempo, usando vários métodos que descreveremos num capítulo posterior. Como é natural, nossas sessões foram também cercadas de muita oração, pedindo constantemente a compreensão e discernimento que só o Espírito Santo pode dar. Um de meus primeiros mentores descreveu este processo através de uma ilustração inesquecível que tem sido muito útil em meu aconselhamento. Ele me disse: "Algumas vezes você tem apenas de continuar remando e orando, orando e remando, até que o Espírito lhe mostre o ponto certo onde desembarcar!"

Certo dia o Espírito mostrou a Joel e a mim o cais da memória apropriado e, depois de aportar, Ele nos guiou na exploração de um labirinto de cavernas escondidas cheias de sentimentos de abandono e rejeição. Tudo começou com o nascimento de uma irmãzinha, quando Joel tinha quatro anos. Para piorar as coisas, a menina nasceu com um defeito congênito corrigível que exigiu muita atenção e despesas. Até esse ponto, Joel fora o centro do cuidado e afeto da família; mas desde então tudo mudou drasticamente. Mesmo nas circunstâncias normais, esta "redistribuição do amor" j é bastante difícil. No caso de Joel, foi traumática. Em muitas famílias, a criança mais velha faz o ajuste tornando-se o "Pequeno Ajudante da Mamãe", tornando-se assim uma parte importante do sistema ampliado. Mas a natureza dos problemas da recém-nascida excluíram o garoto desse papel. Sem qualquer intenção deliberada, Joel foi deixado de fora e sentiu-se extremamente magoado pelo que considerou rejeição proposital.

Houve períodos longos em que a irmã precisou de tratamento com especialistas numa cidade distante e Joel ficou com uma tia solteira que não : compreendia a mudança no comportamento dele. Em lugar de conceder-lhe a compreensão e o amor de que tanto necessitava, ela só acrescentava mais disciplina e castigo. A mágoa e sentimento de rejeição de Joel se compunham de uma combinação de medo, raiva e culpa. Ele tinha certeza de que alguma coisa que fizera provocara toda a situação — a doença da mãe, o parto difícil e o defeito congênito. Como toda criança, tinha sentimentos ambivalentes de

amor e raiva em relação à mãe e à irmãzinha — será que Deus o estava castigando por essas idéias e sentimentos errados? Ele empurrou isso para fora da mente, mas a vida pareceu tornar-se cada vez mais injusta e penosa. Isto pode parecer ridículo para um adulto, mas na faixa de quatro anos, tem um sentido de lógica e razão.

Enquanto conversávamos e orávamos juntos, Joel começou a lembrar com detalhes o círculo vicioso de mágoa, medo de ser novamente ferido e as percepções distorcidas que antecipavam rejeição e mágoa adicionais. À medida que uma série de lembranças emergiu, ele ficou surpreso com os sentimentos profundos de raiva contra a irmã e a tia que explodiram em seu íntimo. Durante o período de oração, lembrei-me da história em João 5... você também deve lembrar, o povo afirmava que Deus enviara um anjo para agitar as águas do tanque que então se tornaram águas curativas. Do mesmo modo, Deus agitou a mente de Joel para uma hidroterapia emocional e espiritual. A única maneira possível de cura para ele era entrar naquele tanque de memórias perturbadoras, por mais doloroso que fosse. Foram necessárias várias viagens (mergulhos) ao tanque para que recebesse a volta da saúde, da integridade mental. A cada vez, pedíamos a Jesus que desse a Joel a compreensão, amor, afeto e perdão que precisava num determinado estágio de sua infância. A intensidade propulsiva e compulsiva de suas lembranças e sonhos repetidos finalmente dissolveu-se e Joel pôde aprender meios mais amadurecidos e cristãos de relacionar-se com outros. É claro que teve de se esforçar muito para reprogramar suas perspectivas de vida e aprender a fazer novas amizades. Todavia, em vista de suas lembranças amargas terem sido curadas, ele sentia-se agora livre para isso. Anteriormente, apesar de muito esforço e disciplina espiritual, tal coisa mostrou-se impossível.

Humilhações

Um outro tema comum desses retrospectos dolorosos e repetidos é o embaraço, a vergonha e a humilhação. Um jogo ou programa de TV baseado na idéia: “Meu Momento Mais Embaraçoso”, pode ser muito divertido. Esses são os problemas que superamos e até podemos rir deles. Mas as lembranças de incidentes em que fomos profundamente humilhados produzem as emoções mais penosas que experimentamos e são algumas das principais causas da baixa auto-estima e depressão.

César, um ministro de cerca de quarenta anos, contou esta história a um pequeno grupo reunido num retiro durante um fim-de-semana. Era o seu primeiro dia na escola e ele sentia-se muito orgulhoso porque já sabia escrever seu nome. Quando a professora perguntou quem já tinha aprendido a escrever seu próprio nome, ele foi o primeiro aluno a apresentar-se como voluntário. Pegou um pedaço de papel e soletrou em grandes letras de forma — CESAR.

“Ela disse: “Você escreveu errado. Seu nome é com z e não s: CÉZAR.”
Ele replicou tímido: “Não, professora, é mesmo com s.”
“Escreva de novo”, respondeu ela, “e com z como deve ser.”

César escreveu-o novamente com s. Ela pegou o papel, mostrou-o à classe inteira, virando-o de modo que todos pudessem ver. “Vejam, crianças, aqui está um menino tão bobo que nem sabe escrever o seu nome. Agora, Cézar, escreva de novo o seu nome e ponha o z nele desta vez, está ouvindo?”

O espírito dele foi esmagado e ele sentiu-se quebrar em pedaços por dentro quando algumas das crianças ao seu redor começaram a rir de seu rosto vermelho de confusão.

César comentou a respeito desse incidente com o seu grupo: “Essa cena ficou gravada em minha mente para sempre. Encolho-me e sofro cada vez que penso como a classe riu quando ela falou que eu era bobo. O pior de tudo é que por alguma razão estranha, aceitei a avaliação dela. Parece mentira, mas ainda me sinto bobo. Sei que isso não tem nexo — minha esposa, minhas realizações, meus relacionamentos — tudo isso me diz que não sou bobo. Mas uma voz interior continua repetindo que sou.” Ele acrescentou: “Há pouco tempo conversei com um dos membros de minha congregação que é médico. Ele me disse que tinha sido grandemente ajudado com a nossa conversa e me fez um elogio sincero. Sabem

de uma coisa? Algo dentro de mim imediatamente sussurrou: ‘Bem, ele pode ser médico, mas deve ser bem tolo para não perceber como sou bobo e incapaz na verdade!”

É surpreendente ver como os pais, professores e outras figuras de autoridade podem ser insensíveis aos efeitos devastadores do embaraço em público das crianças. Com as melhores intenções, esses adultos podem com freqüência usar a humilhação como uma forma de disciplina ou modo de mudar o comportamento. Pelo fato de proporcionar resultados rápidos, eles o consideram legítimo; deixando de compreender o profundo dano que provocam na auto-estima frágil dos jovens sensíveis, devido às memórias dolorosas que ficam literalmente gravadas em sua mente.

As Escrituras têm muito a ensinar-nos neste ponto. O Espírito de Deus geralmente se aproximava das pessoas e tratava de seus fracassos vergonhosos em particular. Como Jesus tinha cuidado ao fazer isto — Ele confrontava os homens com seus pecados e erros quando ficavam sozinhos com Ele. De fato, Jesus se esforçava para defendê-los e fortificá-los diante de outros, aguardando o momento oportuno para tratar em separado desses aspectos negativos. Em suas recomendações, em Mateus 18:15-17, Jesus cuidou em estabelecer princípios para tratar dessas situações. Em primeiro lugar procuramos a pessoa sozinhos e tentamos corrigir as coisas. Só quando não obtemos êxito é que devemos gradualmente acrescentar Outros (testemunhas) até que finalmente se faz uma advertência em público. Quando Paulo deu a versão atualizada do quinto mandamento (relações entre pais e filhos) em Efésios 6:1-4, ele exortou os pais a não fazerem nada deliberada- mente que pudesse levar os filhos a sentirem ressentimento.

Todavia, nem todas as lembranças que surgem das humilhações são necessariamente públicas. Algumas delas envolvem situações particulares em que comentários cruéis e irrefletidos são impressos profundamente nas paredes da imaginação.

Certa mulher muito bonita que lutava contra um complexo de inferioridade há anos, compartilhou com grande sofrimento a figura mental que surgia a cada vez que ela se maquilava. Tinha sido criada num lar muito severo em que o pai considerava qualquer tipo de pintura como pecaminoso. Certa manhã, em sua pré-adolescência, ela usou um pouco de pó-de-arroz para cobrir as manchas na pele que aparecem com freqüência nessa idade. Estas foram as palavras dela, enquanto relembrava a penosa humilhação sofrida. “Meu pai riu de mim e sarcasticamente comentou que eu parecia uma novilha de cara branca.” Ela acrescentou a seguir com significativa emoção: “E nem uma vez enquanto me desenvolvia ele chegou a dizer-me que era bonita”.

Se pensarmos bem, podemos compreender os motivos do pai. Ele temia que a sua beleza pudesse “pô-la em apuros com rapazes”. Depreciar a atração dela foi a sua maneira errada de proteger a virtude da filha. É triste dizer que este erro é bastante comum entre os pais quando seus filhos e filhas são belos. O fato de não pretenderem prejudicá-los não diminui o dano emocional. Com demasiada freqüência suas tentativas de controlar a culpa, a vergonha e a humilhação se tornam o canteiro onde são semeadas as memórias dolorosas que irão algum dia necessitar de cura.

As lembranças da humilhação nem sempre ficam ligadas a incidentes específicos, mas fazem parte da atmosfera geral dos anos de crescimento. Encontramos isto especialmente nos casos de um pai ou mãe alcoólatra. A família passa a fazer parte de um sistema que tem de encobrir os problemas de alcoolismo do pai ou da mãe. A criança ou adolescente aprende então a dar desculpas para não poder receber em casa os amigos. Um estilo de vida que inclui meias-verdades ou razões plausíveis enche o jovem de vergonha e torna-o adepto do engano. As sensações de ser diferente dos outros e sempre impedido de divertir-se envenenam as suas memórias com a dor da humilhação.

Horrores

Estou usando esta palavra forte para abranger a escala de temores e terrores que podem ficar embutidos nas camadas inferiores da mente e um dia subir à superfície, enchendo-nos de toda espécie de ansiedades. Seria necessária uma enciclopédia para cobrir todas as

maneiras diferentes em que as raízes do medo penetram em nossas lembranças. E dito que existem 365 “Não temas” na Bíblia — um para cada dia do ano. Isto é porque Deus sabe o que é viver neste mundo cheio de temores. Ele compreende que esses medos profundos representam um dos grandes obstáculos à fé.

Os temores mais comuns e incapacitantes que me foram contados durante as sessões para a cura das lembranças traumáticas incluem os seguintes: medo do escuro, medo de ser abandonado ou deixado sozinho, medo do fracasso — não conseguir fazer nada que valha a pena, medo de perder o controle da mente ou das emoções, medo do sexo, de pensamentos ou desejos sexuais, medo das pessoas e de confiar em outros, medo do câncer ou outras doenças graves, medo de Deus e do juízo final, medo de cometer o “pecado imperdoável”, medo do futuro, medo da morte dos entes queridos, ou da nossa.

Muitos desses temores são grandemente intensificados entre os cristãos através de um sentimento de culpa por sentir medo em primeiro lugar. Os bons cristãos não deveriam preocupar-se nem ter medo — afinal de contas, Jesus está sempre com eles e não há portanto nada a temer. Além disso, a Bíblia diz: “O perfeito amor lança fora o medo” (1 João 4:18). E assim eles se tornam ainda mais atemorizados, caindo num círculo vicioso de ter medo de admitir que estão com medo!

O fato é que muitos desses temores têm origem em experiências amedrontadoras, ensinamentos doentios, e relacionamentos negativos do passado, especialmente durante os primeiros anos da infância. Eles foram empurrados para o nível mais profundo da mente, e isso com tanta freqüência que a pessoa só tem às vezes apenas uma idéia nebulosa deles. Não existem comumente lembranças específicas e o indivíduo é perseguido com sentimentos generalizados, abrangentes, de ansiedade, que se ligam primeiro a uma coisa e depois a outra.
Isto ocorreu com Jonas e Gilda, dois irmãos numa família muito perturbada emocionalmente. O pai era um tirano religioso e a mãe um capacho religioso. Ele governava “pelo Livro”, dando suas próprias interpretações inflexíveis (e quase sempre erradas) da Bíblia, apoiado em um gênio imprevisível que às vezes chegava à violência. A mãe sobrevivia e tentava manter a paz e a família unida através de uma “doce submissão”. O resultado era um ambiente em que todos andavam sobre ovos diante do pai. E diante do Pai Celestial também, por causa do modelo terreno defeituoso e de suas meias-verdades dogmáticas. Aquele era o tipo de lar religioso que os conselheiros cristãos encontram com bastante freqüência. Ficamos sempre surpresos com as proporções de destroços espirituais resultantes da aplicação distorcida das Escrituras — especialmente Efésios 5:21-6:4, cuja passagem descreve o casamento e os relacionamentos familiares.

As memórias que davam lugar ao medo de Jonas achavam-se tão profundamente submersas que ao virem à tona se misturavam com uma grande variedade de perguntas bíblicas e teológicas. Eu tinha a certeza de receber um telefonema dele regularmente. Quase sempre tinham este padrão: “Estive lendo a Bíblia recentemente e cheguei a uma passagem dizendo isto e isto, fiquei remoendo o assunto. Tenho medo que...” ou “Não compreendo como...” Este era o prefácio para introduzir algum assunto que estivesse perturbando a vida espiritual de Jonas. Não foi senão quando pôde recordar e confrontar o ambiente difícil e aterrorizante de seus anos de crescimento que pôde curar-se daquelas lembranças e encontrar equilíbrio sadio em suas emoções e crenças.

Os temores de Gilda se apresentavam de forma muito diferente: todo tipo de doenças, algumas muito reais e outras imaginárias. A mãe de Gilda tinha pago um preço muito alto por não haver enfrentado a sua verdadeira situação e expresso seus verdadeiros sentimentos. Quando não conseguiu mais suportar, caiu de cama. Isto lhe proporcionou a atenção que tanto precisava e até mesmo ternura por parte do marido. Ele, por sua vez, usou o fato como outro meio de controlar os filhos — “Fique quieto, não aborreça sua mãe nem faça que ela fique mais doente do que já está por sua causa”.

Gilda aprendeu perfeitamente a lição da mãe e sua vida também tinha um caráter imprevisível; diferente, mas igualmente temível. Dores insuportáveis, uma virose de 48 horas, ou até algum tipo de problema cardíaco pedia surgir a qualquer tempo. Gilda, como

a mulher mencionada em Marcos 5:26, “muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem contudo nada aproveitar”. Era como se Gilda usasse um casaco de medo e ficasse procurando uma doença para pendurá-lo nela. A cura de algumas memórias antigas, assim como bastante prática no aprendizado de outras formas de enfrentar a responsabilidade, capacitaram Gilda a levar uma vida razoavelmente estável.

Ódios

Chegamos a uma esfera que se encontra bem no centro de nosso assunto — ressentimento, amargura e ódio. Num capítulo posterior veremos como tratar de nossos ódios, através de orações dando e recebendo perdão. Neste ponto, vamos considerar o ódio como um dos principais ingredientes naqueles repetidos “replays” mentais, assinalando a necessidade de curar algumas memórias penosas. Tudo o que descrevemos neste capítulo geralmente acarreta fortes ressentimentos. Algumas vezes temos plena consciência deles e lutamos contra eles em oração, mas aparentemente sem êxito. Outras vezes percebemos que sentimentos gerais de raiva nos acometem, mas não conseguimos definir as causas. Eles parecem submersos pouco abaixo do nível de nossas lembranças conscientes. Este é no geral o motivo da depressão entre os cristãos, este ressentimento cristalizado e enterrado.

Outras vezes ainda, a tensão deste ódio reprimido se manifesta através da linguagem corporal da doença. Existem muitas doenças que têm suas raízes nos ressentimentos não-curados. Conhecemos a história clássica do jovem que ouviu seu pai contando a alguém que a mulher tinha colite. Ele suspirou e perguntou ao pai: “Com quem ela andou colidindo agora?”

Quando Jesus entrou em Jerusalém, na ocasião que chamamos de Entrada Triunfal, as autoridades religiosas Lhe disseram para fazer o povo cessar seus louvores e sua manifestação emotiva à Sua passagem. Jesus replicou que se Ele não permitisse que o povo se expressasse, “as próprias pedras clamarão” (Luc. 19:40). Existe uma parábola viva nesta história. Quando os cristãos deixam de expressar seus verdadeiros sentimentos, seus corpos clamam através das vozes da dor e da doença. Isto se aplica especialmente aos ressentimentos sepultados tão profundamente que não lhes é sequer permitido entrar nas lembranças conscientes. Eles ocasionalmente penetram na mente e ocorrem então os “replays” em câmara lenta no vídeo. Cenas e quadros surgem e a raiva se assenhoreia da pessoa. Os cristãos ficam particularmente confusos quando se “vingam” de alguém próximo — um cônjuge ou um filho a quem amam. Isto, por sua vez, os enche de remorso, culpa e derrota espiritual. Sentem-se ainda mais perplexos por não descobrirem a origem deles. E provável que sem perceber tocaram num rio antigo e bloqueado de ressentimento que, como um poço de petróleo repentino, “explodiu”. Quando isto acontece repetidamente e não parece diminuir através da disciplina, oração e de experiências mais profundas no Espírito, devemos procurar as causas da pressão e sofrimento das memórias não curadas.

A experiência mais surpreendente e chocante de todas talvez seja quando os cristãos piedosos sentem-se tomados de sentimentos de raiva contra o próprio Deus. Isto é terrivelmente difícil de admitir. Passei muitas sessões orientando gentilmente aos aconselhados até o ponto em que finalmente compreenderam seu ressentimento contra Deus. O choque em alguns casos foi tão grande que desmaiaram momentaneamente em meu consultório, ou ficaram nauseados a ponto de vomitar. Eles amam a Deus e querem servi-lO e agradá-lO, ficando arrasados ao descobrirem essa ira oculta contra Ele. Depois de passado o trauma inicial, conseguem levar seus sentimentos amargos até a Sua presença e pedem que os purifique com o Seu amor, apagando-os. Mais tarde, quando fazemos um retrospecto, vemos que justamente esse ato de lembrar e sentir era a brecha necessária e o começo de sua cura.

Isto se passou com um homem que contou-me uma das piores histórias de abuso de crianças que já ouvi. Foi difícil imaginar as maneiras engenhosas que sua mãe usou para magoá-lo, atos estranhos de tortura física e aniquilamento verbal. Por ser um bom cristão,

ele jamais tinha realmente enfrentado seus verdadeiros sentimentos no caso. Em lugar disso, continuava afirmando que gostava muito da mãe. Pouco a pouco, detalhes penosos surgiram e ele passou a perceber uma raiva violenta contra ela. Mas, havia ainda uma camada de ira mais profunda. Certo dia, bem no meio de nossas orações pedindo cura dessas memórias terríveis, ele gritou angustiado, “Mas, Deus, onde diabos estava o Senhor quando tudo isso acontecia?” Uma torrente de emoção violenta o envolveu. Em seu medo ele tremia como uma folha. Mas não demorou para que experimentasse uma inundação do amor de Deus, cobrindo-o inteiramente como as ondas do mar. Anos de reprogramação e terapia foram necessários para que viesse a curar-se inteiramente, mas não há dúvida de que esse momento foi o começo de um grande saneamento em sua vida.

Tomamos assim um capítulo inteiro para considerar o primeiro sintoma indicando a necessidade de curar as memórias — isto é, quadros mentais e lembranças repetidos que chegam a ser tão intensos que interferem no comportamento presente do indivíduo.

Vamos agora passar os dois capítulos seguintes num segundo sintoma — conceitos deformados e destrutivos sobre Deus.

Capitulo 7
Conceitos Deformados Sobre Deus

CADA UM DE NÓS TRAZ dentro de si uma idéia mental de Deus. Falamos geralmente nisto como sendo nosso conceito de Deus e conversamos a respeito como se fosse algo completamente arraigado em nossa mente. Esquecemo-nos, porém, que juntamente com o que aprendemos sobre Deus, as experiências, memórias e sentimentos desempenham uma grande parte na formação dessa idéia. O fator mais determinativo é a maneira como “sentimos” quem Deus é e com quem Ele realmente se parece. E interessante ver o grande número de cristãos sinceros apanhados num conflito íntimo entre o que eles pensam a respeito de Deus e o que sentem sobre Ele (e como Ele se sente quanto a eles). A sua teologia mental é excelente, mas aquilo que sentem ao orar é terrível. Esta é a fonte de muitos problemas emocionais para os cristãos e um dos indicadores mais fortes quanto à necessidade da cura das memórias. Anos de experiência me indicaram que apesar de toda a doutrina correta aprendida pelos cristãos, não pode haver uma vitória espiritual duradoura em suas vidas enquanto não conceberem mentalmente e não sentirem que Deus é verdadeiramente bom e misericordioso.

As Boas e as Más Novas

De que forma o evangelho que proclamamos como Boas Novas tantas vezes se transforma em más notícias que afetam nossos sentimentos?

A fim de compreender isto, vamos tomar de empréstimo um conceito das missões no exterior — o evangelismo intercultural. Em pouco tempo, o missionário percebe que aquilo que ele realmente disse pode ser muito diferente daquilo que as pessoas o ouvem dizer. Ele proclama (codifica) algo, mas o ouvinte ouve (decodifica) uma outra coisa. Quando trabalhei na Índia, logo aprendi a tomar muito cuidado ao pregar sobre o texto: “Importa-vos nascer de novo” (João 3:7). O hindu decodifica essas palavras através do seu credo da reencarnação e ciclo de novos nascimentos. Ele ouve então a frase: “Você deve nascer de novo, outra vez e outra vez”, atravessando muitas reencarnações até obter salvação (libertação) do ciclo.”

Vamos dar um exemplo mais próprio, literalmente. Quando pronuncio a palavra lar, para alguns ela significa “céu” e suas imagens mentais e sentimentos correspondem a essa idéia. Para outros significa “inferno” e eles vêem e sentem dessa forma. Nossos conceitos são quadros mentais compostos, formados de muitas peças diferentes recebidas de várias fontes. As principais dentre elas que contribuem para o nosso conceito de Deus são as experiências vividas, os relacionamentos interpessoais e os ensinamentos recebidos. O que

nos é ensinado é da máxima importância, mas o que captamos tem o mesmo valor. De fato, nossos sentimentos sobre Deus podem afetar drasticamente nossas idéias de Deus. Isto acontece porque esses sentimentos fazem parte da dinâmica que determina a maneira como discernimos os ensinamentos recebidos. Muitos pastores e obreiros cristãos negligenciam este fato crucial. Eles supõem que se as doutrinas e idéias que pregam estiverem biblicamente corretas, os conceitos da pessoa sobre Deus irão esclarecer-se de imediato, capacitando-a a crer nEle e dar-Lhe a sua confiança. Imaginam que o Espírito Santo, como que por assim dizer, faz um furo no alto da cabeça do ouvinte e derrama a verdade pura dentro dele.

Nada pode estar mais longe de acontecer do que isso com muita gente. Pois embora o Espírito Santo seja aquele que revela a verdade, o que o individuo ouve, mentaliza e sente precisa ainda ser filtrado através dele. O Espírito Santo não ignora o equipamento pessoal que o faz perceber as coisas, mas quando seus receptores estão gravemente danificados, as verdades bíblicas se deformam.

Neste sentido o comentário engraçado — "O homem cria Deus à sua própria imagem" — contém um elemento de verdade. Até mesmo os cristãos mais saudáveis e normais levam a vida inteira crescendo em seu conhecimento de Deus e gastam boa parte dela para alcançar a maturidade em Cristo. Este é um dos principais motivos para a encarnação ter sido tão necessária. O Verbo tinha de tornar-se carne. Deus tinha avançado o máximo possível em Sua revelação de Si mesmo mediante palavras. Pois na melhor das hipóteses — como nos maiores profetas do Velho Testamento — as palavras estão sujeitas às distorções dos Ouvintes pecaminosos e prejudicados. Só quando o Verbo se tornou humano foi-nos possível ter uma verdadeira idéia de Deus, "cheio de graça e de verdade" (João 1:14). Mas o problema da deformação continua ainda conosco, pois o conteúdo das palavras que lemos na Bíblia, descrevendo Jesus e o caráter de Deus, é grandemente influenciado pelas nossas lembranças e relacionamentos.

Como as Boas Novas se Tornam em Más

Em vista da importância de compreendermos as conexões entre o que ouvimos sobre Deus e o que sentimos a respeito dEle, ilustrei esse processo no gráfico das páginas 64 e 65. Começando na parte superior, você verá as Boas Novas como reveladas para nós em Jesus Cristo. Se O vir, terá visto o Pai (João 14). Embora esta lista das características de Deus não seja completa, ela basta para dar uma verdadeira idéia da bondade de Deus. As linhas que descem são retas. Isto representa a sua veracidade — a verdade e graça reveladas em Cristo.

Ao continuar lendo em sentido descendente, notará que as linhas começam a ficar sinuosas e denteadas. Isto significa que alguma coisa está acontecendo com a retidão e veracidade das Boas Novas de Deus ao passarem através de relacionamentos interpessoais doentios. Em cada caso desses as Boas Novas se transformam em Más Novas ao serem deturpadas e o indivíduo percebe Deus como o oposto do que Ele realmente é. Compare a verdade no gráfico que apresenta a distorção. O Deus amoroso, carinhoso, se transformou num Deus cheio de ódio ou pelo menos indiferente.

Pergunto muitas vezes aos meus clientes, que já me descreveram sua idéia teológica de um Deus amoroso, como eles acham que Deus se sente a respeito deles. Com muita freqüência respondem: "Acho que Ele não se importa na verdade comigo; não tenho certeza de que Ele exista. Se existe, não estou certo de que se preocupe." Em contradição ao seu conceito teológico, eles sentem que Deus é mesquinho e não perdoa, guardando ressentimentos contra eles e lembrando-os constantemente de pecado cometidos antes; que Ele é um Deus legalista que mantém um registro para acertar contas com eles. Como diz a música sobre Papai Noel: "Ele está fazendo uma lista e verificando duas vezes! ".

Peço com freqüência às pessoas que têm dificuldade em descrever o seu Deus para desenharem um retrato dEle. Como pode imaginar, tenho uma coleção interessante de desenhos. Vários mostram olhos enormes cobrindo uma página inteira — Deus observando tudo o que fazem, esperando para apanhá-los em alguma falha ou pecado. Outros

desenharam rostos humanos zangados, ou aves de rapina com bicos pontudos e garras. Um jovem estudante de teologia disse que não sabia desenhar muito bem, mas da próxima vez traria um retrato do seu Deus. Fiquei muito curioso a respeito. Era época de Natal e ele trouxe uma revista com um desenho artístico de um Scrooge enorme, sentado atrás de uma mesa, com caneta de pluma na mão e seu livro de débitos e créditos diante dele. Na frente da mesa, olhando para Scrooge, achava-se o pequeno e aterrorizado Bob Cratchett. Apontando para Scrooge, ele explicou: “Esse é Deus”, e depois para Cratchett: “Esse sou eu”. Acredite se quiser, mas esse jovem seminarista tirou um A em sua classe de teologia! (Ref.: Uni Cântico de Natal escrito por Charles Dickens.)

Siga o gráfico. Em lugar de um Deus confiável e previsível em Sua imutabilidade e fidelidade, muitos cristãos se enchem de medo e ansiedade por sentirem bem lá no fundo que Deus não é digno de confiança. Eles cantam sobre a “graça surpreendente”, falam disso na Escola Dominical e até dão testemunho dela a outros. Mas no nível de seu desempenho normal, vivem com medo de um Deus que os aceita e ama só quando se conformam ao Seu “padrão”. Citam versículos sobre Deus estar sempre com eles, mas me perguntam: “Por que será que Deus nunca parece estar por perto quando preciso dEle?” O Deus dessas pessoas não é, como dizem as Escrituras, aquele que dá “todo dom perfeito e toda boa dádiva” (Tiago 1:17), ou aquele que quer dar boas coisas a Seus filhos (Mat. 7:11). Em vez disso, é um desmancha-prazeres que se alegra em remover ou tirar aquilo que já possuem e lhes causa alegria. “Por que será que Deus parece sempre tirar de mim aquelas pessoas que amo?” E como se achassem que Deus fica a observá-los, e no momento em que gostam realmente de alguém ou estão se divertindo muito com alguma coisa, Ele se zanga e diz: “Desista, ou tiro isso de você.”

Eles não consideram Deus como um pai que sustenta e apóia, que está sempre encorajando os filhos em seu desenvolvimento; ou como pais bondosos que se alegram a cada passo do crescimento. Em vez disso seu rosto parece crítico e desagradável. Ele é na verdade a voz interior que diz: “Isto não basta, não está suficientemente bom.” Sentem-se então rejeitados por Deus, não sendo aceitos por Ele por serem inaceitáveis para Ele e ficam então presos no círculo vicioso de tentar satisfazer um Deus incontentável. Eles se transformam em Trabalhadores Orientados no Sentido do Desempenho. A distorção final ainda não chegou, pois, como salientei em meu livro Cura Para os Traumas Emocionais (Ed. Betânia), esses cristãos geralmente sentem uma raiva oculta de Deus. Assim sendo, passam a sentir que Ele é injusto e parcial em Seus julgamentos. E um Deus injusto para eles, mas trata a todos os demais com justiça. Essa a razão pela qual com freqüência contam a outros sobre um Deus de amor e explicam o plano de salvação pela graça, mas são incapazes de aplicá-lo a si mesmos.

Chegamos agora ao ponto crucial da questão. Note o que foi que provocou o embaraço nas linhas e a distorção do caráter de Deus — relacionamentos interpessoais prejudicados, especialmente os ocorridos durante os primeiros anos de crescimento na infância e adolescência. Mais do que qualquer outro fator, esses relacionamentos defeituosos provocam os danos emocionais que prejudicam as percepções espirituais. Pode-se notar no gráfico que as linhas sinuosas seguem em ambas as direções. Elas descem, partindo das experiências e relacionamentos negativos, e também sobem, procedentes das pessoas. Isto significa que o que começou em fontes externas passou a ser gradualmente interiorizado, sendo essa a forma como elas agora percebem as outras pessoas, elas mesmas e Deus. Isso passa a ser um estilo de vida. Podemos comparar a sua condição a uma espécie de paranóia espiritual. As pessoas paranóicas podem tomar as declarações mais cheias de amor e afirmativas e transformá-las em insultos, rejeições e até ameaças. Da mesma maneira, os cristãos com receptores do amor danificados podem tomar as Boas Novas de Deus e transformá-las em Más Notícias. Por causa disso, muitos deles têm uma habilidade extraordinária para passar por alto as maravilhosas promessas da misericórdia, amor e graça de Deus e escolher constantemente as passagens bíblicas que enfatizam a ira, castigo, juízo e o pecado imperdoável. A não ser que os obreiros cristãos compreendam realmente esta dinâmica, eles não poderão ajudar essas pessoas prejudicadas. Mas irão na verdade causar-lhes mal, sobrecarregando- as com mais deveres e culpas, impondo-lhes as disciplinas espirituais de leitura bíblica e oração.

Em último lugar, olhe para as colunas de cada lado da figura no desenho. O fato de termos sido vítimas de experiências penosas e relacionamentos danosos não nos exime da responsabilidade. Existem certamente muitos fatores involuntários na vida, inclusive nossas naturezas falhas que por si mesmas tendem a produzir idéias deformadas de Deus. Há outros fatores sobre os quais não temos controle nem escolha — nossa herança biológica e psicológica, nosso ambiente geográfico e cultural, e os acidentes, tragédias e traumas da vida. Eles compõem o grupo de elementos involuntários que, em muitos casos, provocam o que as Escrituras chamam de nossas enfermidades. Enfermidades são as fraquezas, os aleijões, os defeitos congênitos, internos, do corpo, mente ou espírito. Não se trata de pecados em si mesmos, mas daquelas características em nossa personalidade que nos predispõem e inclinam para certos pecados. São os pontos fracos de nossas defesas que destroem nossa resistência à tentação e pecado.

Do lado oposto da figura estão os fatores voluntários — pelos quais somos responsáveis. Decidimos reagir negativamente a Deus e a outras pessoas. Apegamo-nos aos ressentimentos e amargura e decidimos deliberadamente desobedecer a Deus. Isto nos trouxe medo e culpa, reforçando nossas percepções e sentimentos deturpados sobre Deus. Assim seado, por mais que tenhamos sido vítimas dos pecados e da perversidade de outros, também pecamos e devemos aceitar nossa parte da responsabilidade pelos nossos problemas. Temos muito a perdoar, mas igualmente muito por que sermos perdoados. Trata-se de uma situação realmente complexa; mas seu propósito não é confundir, e sim esclarecer, ajudando-nos a descobrir aquelas imagens e sentimentos que deformam nossos conceitos de Deus, para sermos curados deles. Pois, apesar de toda a nossa dedicação às disciplinas cristãs mais rigorosas, jamais encontraremos “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rom. 14:17) até que descubramos um Deus igual a Cristo; o tipo de Deus que, como Jesus, nos diz que não nos considera mais como “escravos” mas “amigos” (João 15:15).

O Deus Verdadeiro Quer Por Favor Apresentar-se?

O título acima foi extraído de um artigo excepcionalmente útil sobre o esclarecimento de nossos conceitos a respeito de Deus (Joseph Sica, Marriage and Family Living, agosto de 1983, pp. 18-21). O Sr. Sica mostra as diferentes maneiras como os filhos sentem a atuação dos pais durante os vários estágios do crescimento. Ele cita a seguir uma lista dos conceitos/sentimentos defeituosos de Deus que podemos desenvolver.

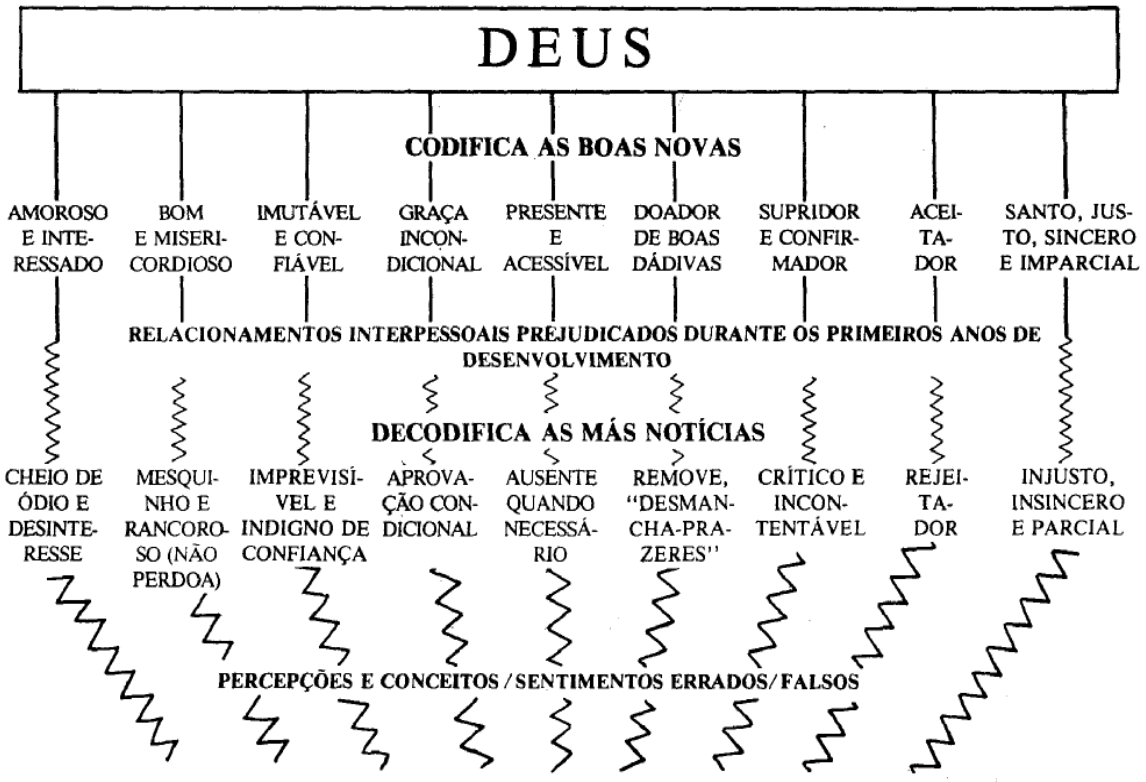
• O Deus Legalista “mantém um registro de nossos atos. Ele fica à espera de que nos desviemos, tropecemos, vacilemos, a fim de nos colocar do lado devedor do Seu registro”.
• O Deus Pegador se parece com Sherlock Holmes, usando um casaco impermeável de detetive e óculos escuros. Como um investigador particular disfarçado, Ele está sempre nos seguindo a curta distância. No momento em que saímos da linha, Ele salta de Seu esconderijo e grita: “Te Peguei!” Ele se assemelha muito ao Deus “policial ou guarda da esquina” de que J.B. Phillips escreve em seu excelente livro, Seu Deus É Pequeno Demais (Ed. Mundo Cristão).
• O Deus Boi Sentado “relaxa numa posição de yoga nas nuvens de algodão, esperando ofertas queimadas e homenagens o dia inteiro”.
• O Deus do Filósofo, o “movedor imóvel” de Aristóteles, que faz funcionar o universo, é retraído, frio e distante. Está ocupado demais movimentando as galáxias para envolver-se em nossos insignificantes problemas. Como alguém O descreveu, Ele está sentado em silêncio no Seu escritório, estudando a enciclopédia, com a porta fechada e um aviso com as palavras “Não Interrompa” pregado nela.
• Acrescentei mais um, o Deus Faraó. Ele é um feitor de escravos desagradável, sempre aumentando Suas exigências, sempre elevando os pagamentos. Como o Faraó de antigamente, suas ordens vão desde “Façam tijolos”, “Façam mais tijolos”, até “Façam tijolos sem palha”. Ele é o exato oposto do Deus-Pai Celestial de Jesus, parecendo mais com o padrinho terrível dos mafiosos que sempre diz: “Ou você aceita as nossas leis ou paga por isso”.

Mentalização dos Relacionamentos

Por que esses conceitos deturpados de Deus são tão prejudiciais? Pense neles em relação às pessoas. Um princípio básico de todos os relacionamentos interpessoais é que as idéias e sentimentos que temos sobre os outros sempre afetam a maneira como os vemos e nos associamos a eles. Nossos quadros mentais das pessoas determinam como supomos que agirão para conosco, pois esperamos que elas sejam conforme as mentalizamos. Esses quadros também determinam nossa atitude para com elas. Por exemplo, se julgo uma pessoa honesta quando na verdade não passa de um trapaceiro, ela pode enganar-me devido à minha confiança. Mas o oposto também acontece. Se suponho que alguém é trapaceiro quando na realidade é corre to, eu perco então por desconfiar dele. Em ambos os casos perco pela mesma razão — minha idéia errada da pessoa.

Se isto se aplica às relações humanas, quanto mais importante no que se refere à nossa associação com Deus! A maior parte de nosso fracasso em amar e confiar em Deus procede d nossas idéias de Deus como sendo indigno de amor e de confiança. Grande parte de nossa ira contra Ele não se dirige realmente ao Deus verdadeiro mas aos nossos conceitos pouco cristãos ou sub-cristãos de Deus. O único elemento animador em tudo isto é que Deus nos conhece e compreende. Ele não se zanga conosco por causa de nossa falta de confiança ou nosso furor contra a Sua Pessoa. Pelo contrário, se entristece pelo fato de nossa idéia falsa dEle impedir que O conheçamos como realmente é. O Senhor sofre muito mais do que nós a esse respeito. por isso que deseja ajudar-nos a encontrar a cura das mágoas devidas aos conceitos/sentimentos deturpados sobre Ele.

COMO AS BOAS NOVAS SE TORNAM EM MÁS





INVOLUNTÁRIOS

PECADO ORIGINAL (QUEDA)
HERANÇA
AMBIENTE
ACIDENTES
TRAGÉDIAS
ENFERMIDADES

VOLUNTÁRIOS

REAÇÕES ERRADAS,
ESCOLHAS PECAMINOSAS
E
MEDO, CULPA
RESSENTIMENTO, REBELIÃO
QUE **REFORÇAM** AS PERCEPÇÕES
E
CONCEITOS/SENTIMENTOS ERRADOS

A RAZÃO DE O ESPÍRITO SANTO NECESSITAR ÀS VEZES
DE UM AJUDANTE TEMPORÁRIO
(COMO UM CONSELHEIRO PASTORAL)

Capitulo 8
Dificuldades Procedentes das Distorções Sobre Deus

CONCEITOS/SENTIMENTOS ERRADOS A RESPEITO DE DEUS levam as pessoas a vários tipos de problemas espirituais. Alguns deles são possíveis indicações da necessidade da cura das memórias. Embora muitos sejam interligados, será útil observarmos isoladamente alguns dos casos mais comuns.

A Incapacidade de Sentir-se Perdoado

Uma das crenças mais preciosas dos cristãos evangélicos é chamada de “testemunho do Espírito Santo”. Este termo teológico significa o conhecimento íntimo e a confiança de que somos filhos remidos de Deus. Note a palavra remido, pois existem duas maneiras em que a Bíblia fala dos filhos de Deus. Todos os seres humanos são filhos de Deus no sentido de terem sido criados por Ele. Em vista de Deus ter criado a humanidade, Ele não vê separação de raça, cultura, sexo ou educação. Mas num outro sentido mais profundo, a Bíblia é muito clara ao mostrar que nem todos são filhos de Deus. O próprio Jesus descreveu alguns como filhos do diabo (João 8:44).

Sermos filhos espirituais de Deus significa uma relação totalmente nova com Ele e exige redenção — perdão e nova vida. A redenção é alcançada pela graça, através da fé na obra de Cristo a nosso favor, em Sua vida, morte e ressurreição. A segurança de que recebemos a redenção nos é dada pelo Espírito Santo que passa a habitar em nós. A passagem mais definida sobre isto foi escrita por Paulo: “Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai, O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rom. 8:15-16).

Como acontece com muitos cristãos, entendi mal esta passagem durante anos. Pensei erradamente que este testemunho era obra apenas do Espírito Santo que nos dominava e nos transmitia essa segurança, Seu testemunho seria tão forte que não poderíamos deixar de saber e sentir que estávamos salvos. Mas as minhas experiências de aconselhamento me ensinaram que o versículo não diz absolutamente isso. Ele diz que o Seu Espírito testifica com o nosso espírito. Ou seja, esta segurança íntima não representa simplesmente um testemunho para nós, mas um testemunho juntamente com o nosso espírito. O Espírito de Deus (com E maiúsculo) testemunha junto com o nosso espírito (com e minúsculo) — o divino e o humano operando juntos. Isto se harmoniza perfeitamente com o princípio bíblico de que são sempre necessárias duas pessoas para apresentar um testemunho verdadeiro (Deut. 17:6; Mat. 18:16). O acordo do Espírito Santo com o nosso espírito é que cria então a confiança íntima de que fomos perdoados e aceitos como filhos de Deus.

Mas, e se nosso espírito foi tão danificado que simplesmente não consegue manter este testemunho? E se a capacidade receptora e perceptiva de nossa personalidade estiver tão deformada que não pode pensar/sentir Deus como Aba, Pai? E não pode pensar/sentir que Ele tem condições para chamar-nos de filho ou filha? Em vista de experiências passadas não resolvidas e não curadas com pais, membros da família, professores, cônjuges, ou até mesmo líderes da igreja, muitos cristãos têm conceitos tão baixos de Deus que não conseguem manter a segurança deste tipo de relacionamento com Ele. No capítulo 1 referi-me ao fato de as crianças aprenderem uma linguagem de relacionamentos muito antes da linguagem de palavras. E as lembranças penosas dos relacionamentos doentios geralmente gritam tão alto que interferem no aprendizado da nova relação com Deus.

Sabemos com certeza que as crianças aprendem do concreto para o abstrato, das experiências reais com coisas e pessoas para as idéias e conceitos a respeito delas. Só gradualmente é que passam a pensar em termos abstratos, à medida que crescem. Conceitos como amor, aceitação, fé, justiça (imparcialidade) e confiança são baseados em experiências reais com pessoas reais, especialmente aquelas com maior significado para elas. Esta combinação de conceitos e sentimentos baseados nos relacionamentos é o próprio fundamento para sua experiência básica da misericórdia e perdão de Deus, e do testemunho do Espírito.

As coisas que ensinamos a nossos filhos sobre o caráter de Deus são com certeza importantes. Devemos criar nossos filhos “na disciplina e admoestação do Senhor” (Ef. 6:4). Mas, como já mencionamos, estas instruções devem ser dadas num ambiente e clima onde o caráter dos pais se harmonize com o caráter de Deus. Quando há uma contradição entre Ambos, verificamos geralmente uma grande destruição emocional e espiritual e pessoas com receptores do amor danificados. Essas são as que acham difícil sentir-se constantemente seguras na idéia de serem filhos amados, perdoados e remidos de Deus.

Duas coisas são quase sempre necessárias para corrigir o mal.

Primeira: endireitar o principal relacionamento que causou o problema. Com a ajuda de um conselheiro ou amigo digno de confiança, elas precisam voltar às mágoas que causaram os prejuízos e encontrar cura para essas memórias. Isto lhes permitirá livrar-se das pressões dolorosas do passado.

Segunda: é necessário desenvolver relacionamentos onde exista o fator confiança. Isto se inicia ao aprenderem a confiar no conselheiro ou pastor. Mas deve continuar à medida que se tornem parte de uma nova rede de relacionamentos com outros cristãos na igreja ou em pequeno grupo de apoio. Podem experimentar nesse meio sinceridade e amor incondicional, passando a crer que são aceitos, mesmo quando não sejam aceitáveis. Quantas vezes Helen e eu vimos o começo desta grande transformação durante um fim-de-semana de palestras para enriquecer o casamento, quando um pequeno grupo de irmãos e irmãs cristãos envolveu alguém com um tipo de amor incondicional que ele jamais havia sentido antes. Muitos deles testemunham mais tarde que só então se sentiram realmente amados e perdoados; e esta segurança permaneceu com eles.

A Incapacidade de Confiar e Render-se a Deus

Um outro problema espiritual comum que pode indicar a necessidade de cura das lembranças é a incapacidade de confiar em Deus e render-se a Ele. Muito do que escrevemos sobre a dificuldade precedente se aplica também a esta. Todavia, um princípio importante ligado especialmente a esta incapacidade é que Deus nos criou de modo a não nos confiarmos ou rendermos a qualquer coisa que temamos. Isto faz parte de um sistema de proteção divinamente implantado. Na presença de algo perigoso ou temível, nossos sistemas de alerta começam a funcionar. Nossos corpos produzem elementos químicos que despertam nossas defesas, e nossos cérebros e espíritos aceleram seu ritmo. Este é um mecanismo de sobrevivência dado por Deus, de modo que não avançamos para abraçar ursos ferozes ou cobras venenosas. Pelo contrário, hesitamos na presença daquilo que não nos inspira confiança.

Este mesmo princípio torna muito difícil, se não impossível, que alguns confiem em Deus. Quando pedimos às pessoas que confiem em Deus e se rendam a Ele, estamos supondo que elas possuam conceitos/sentimentos de um Deus digno de confiança que tenha apenas os seus melhores interesses em vista e em cujas mãos podem entregar suas vidas. Mas segundo seu conceito visceral mais profundo de Deus, elas podem em lugar disso ouvir-nos pedir-lhes que se rendam a um monstro imprevisível e temível, todo-poderoso, cujo objetivo é torná-las miseráveis, tirando-lhes a liberdade de gozar a vida. Esses indivíduos crêem que se buscarem em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça, então, “todas essas coisas lhes serão subtraídas”. Esta é a sua tradução íntima de Mateus 6:33.

No interior da pessoa emocionalmente sadia existe bastante pecado original e egoísmo para assegurar uma luta contínua na entrega total de sua vontade a Deus. Estamos porém falando de uma ansiedade profunda que vai muito além disso. Por trás dessa ansiedade existe sempre um conceito deturpado de Deus que praticamente impossibilita a rendição desse indivíduo a Ele. A não ser que os obreiros cristãos saibam disso, não terão condições de levar esses seres prejudicados a render-se, aumentando apenas os seus problemas ao apresentarem um Deus exigente em excesso que lhes pede sempre para fazerem aquilo que não conseguem e nunca os ajuda a transporem as barreiras que os impedem de fazê-lo.

Os pastores e conselheiros confrontados por cristãos suspeitosos que desejam sinceramente crescer em Cristo, mas são impedidos por este tipo de ansiedade profunda, precisam verificar seus conceitos/sentimentos viscerais sobre Deus. Ele é realmente adequado para receber a sua confiança e amor? Pergunto sempre isso a meus aconselhados. Certo homem, que conhecia muito bem as Escrituras, respondeu-me invertendo as palavras de Jesus em Lucas 11:11-12: “Acho que lá bem no fundo sinto que Deus é a espécie de Pai que me dá uma pedra quando Lhe peço pão e um escorpião se Lhe peço um ovo.” E de admirar que estivesse achando difícil render-se inteiramente a um Deus sobre quem tinha essa idéia? Ou que ele se mostrasse zangado e ressentido?
Ao pesquisar as razões para esta idéia distorcida de Deus, no geral descobrimos um quadro de Deus que se mistura com um quadro de pais ou outras pessoas importantes na vida sendo estudada, que se mostraram injustos, imprevisíveis, indignos de confiança e, portanto, desprezíveis. A lembrança das experiências penosas é tão forte neles que não conseguem confiar mais em ninguém o suficiente para render-se. Se você e seu cliente trabalharem juntos para obter a cura das rejeições e ressentimentos que cercam essas memórias, estarão a caminho de descobrir o Deus que pode ser respeitado, merecer confiança e ser amado.

Em vez de pressionar os cristãos vacilantes a dizerem: “Tentarei confiar”, é muito melhor ajudá-los a compreender e encontrar cura para a verdadeira origem de seu dilema. Eles podem então avançar, dizendo: “Senhor, confio em Ti com minha incapacidade de confiar em Ti, ou em qualquer outra pessoa, para falar a verdade.” Não se trata de um jogo de palavras, mas de uma mudança importante em seu centro de gravidade pessoal. Quando esse centro muda do egocentrismo para tornar-se cristocêntrico, terão dado um grande passo no sentido de entregar-se a Cristo. Estão começando a mostrar o tipo de sinceridade e integridade que Jesus aceitou e honrou ao curar o filho do homem que disse com lágrimas nos olhos: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé” (Mar. 9:24).

Perguntas Intelectuais e Dúvidas Teológicas

A terceira categoria de problemas que pode indicar a necessidade de cura de memórias pungentes se concentra nas dúvidas e perguntas intelectuais. Você pode perguntar-se por que algo tão obviamente mental é incluído numa lista de sintomas emocionais. Como já afirmei, as Escrituras falam das pessoas em termos totais. Isto se evidencia especialmente quando se trata de nossas crenças e doutrinas, pois existe uma unidade básica, uma interdependência das emoções, da mente e da vontade. Dentro da cidadela central do “eu”, cada elemento afeta os demais. Isto reflete a crença judia de que a fé envolve a pessoa inteira — sentimento, pensamento e ações. Enganarmo-nos e estamos sendo apenas presunçosos se imaginarmos que nossas crenças teológicas são puramente racionais, uma questão de mente e pensamento. Nossas crenças religiosas são grandemente afetadas por nossos sentimentos e estilo de vida. Já notou como as doenças — até mesmo algo sim- pies como o resfriado comum — afetam nossa fé, nossa vida de oração, nossa paciência e a maneira como pensamos e sentimos sobre Deus, nós mesmos, e outros? Quando mudamos esse fator do sentimento para o campo religioso, ele se torna mais intenso, especialmente quando somos atacados através de perguntas e dúvidas sobre a fé cristã. Não se trata apenas de a razão atacar a nossa fé, mas de emoções profundamente arraigadas dominarem nossa razão assim como a nossa fé. Essas emoções chegam a ser tão fortes que conseguem superar e anular a nossa fé. Quantas vezes ouvi as palavras: “É claro que minha cabeça entende, mas os meus sentimentos são tão fortes que não consigo deixar de duvidar se Deus realmente se importa.” É verdade, apesar de nossas tentativas desesperadas de nos apegarmos às razões de nossas crenças, nossas cicatrizes emocionais podem ainda sabotar a nossa teologia e nos encher de dúvidas.

O melhor livro escrito recentemente sobre o assunto das dúvidas é In Two Minds (“Duas Mentes”) de Os Guinness (InterVarsity Press). Ele cobre todo ângulo possível das dúvidas de maneira erudita e ao mesmo tempo prática. Num capítulo intitulado, “Scars From an Old Wound” (“Cicatrizes de um Velho Ferimento”), o autor discute aquelas dúvidas que são de origem puramente psicológica. Ele descreve claramente o problema com esta bela ilustração. Imagine a fé sadia como uma pessoa que se encontra tão firme que pode

estender a mão e pegar o que quiser. Imagine agora que esse indivíduo tenha uma ferida aberta na palma de sua mão. O objeto que deseja agarrar está à sua frente e sua força muscular é suficiente para isso, mas a dor insuportável resultante torna muito difícil ou mesmo impossível pegar o objeto.

É justamente isto que acontece a muitos cristãos com cicatrizes emocionais não curadas. O processo de tentar crer exerce grande pressão numa ferida emocional, tornando a dor insuportável. De fato, as perguntas e dúvidas que parecem estar saindo de suas cabeças procedem na verdade de mágoas profundamente sepultadas em seus corações. Alguma coisa machucou e deformou de tal forma seus conceitos/sentimentos sobre Deus que eles cedem à dúvida, a fim de não terem de reabrir essas feridas penosas. William James, o fundador da psicologia americana, compreendeu claramente este problema. Ele afirmou que as dúvidas religiosas e teológicas arraigadas emocionalmente não podem ser resolvidas pela razão. Descobri que ele estava certo bem cedo em meu ministério.

Desde que trabalhei junto a instituições educacionais durante grande parte de minha vida, as pessoas se aproximavam constantemente de mim trazendo vários “problemas intelectuais relativos à fé cristã”. Muitas delas buscavam realmente a verdade e jamais hesitei em passar horas ajudando- as a alcançar uma fé razoável e sustentável. Aprendi em breve a reconhecer porém que nenhum estudo bíblico ou raciocínio teológico podia dissipar as perguntas e dúvidas de certos indivíduos. Desde que as dúvidas tinham uma base emocional, mesmo depois de ter sido esclarecido um aspecto do seu problema, outro surgia e a seguir ainda outros. Descobri também uma lista bastante previsível de problemas teológicos que perturbavam essas pessoas, tais como: “Os pagãos estão perdidos?”“Predestinação — Deus escolhe apenas alguns para serem salvos?”“Como saber se a conversão não passa de convencer psicologicamente a mim mesmo?” Havia também várias Escrituras complexas, algumas delas as passagens mais difíceis do livro de Hebreus (6:4-8; 10:26-3 1; 12:15-17). E, como é natural, aquela favorita de todos os tempos, o pecado imperdoável. Você já tentou convencer alguém de não tê-lo cometido? Caso positivo, já terá então descoberto que no geral perdeu seu tempo.

Para certos cristãos prejudicados, não se trata absolutamente de problemas intelectuais, mas dificuldades emocionais em disfarce teológico. São ferimentos não curados que se mesclaram de tal modo com seus conceitos/sentimentos de Deus que passaram a fazer parte da maneira como eles evitam sentir dor. Como Guinness nos lembra, as verdadeiras dúvidas intelectuais precisam de respostas, mas as dúvidas emocionalmente arraigadas respondem a necessidades. Até que essas necessidades básicas, íntimas sejam satisfeitas e as velhas feridas cicatrizem, as dúvidas persistem. É menos doloroso suportar a dor das dúvidas do que enfrentar a das memórias traumáticas dos eventos que as provocaram.

Esta é uma área importante que os pastores ou conselheiros precisam conhecer bem. De outra forma, eles tentarão remédios diretos e excessivamente simplistas que não ajudarão os pacientes, mas os levarão a um desespero ainda mais profundo. Essas pessoas querem realmente crer, algumas vezes mais que tudo no mundo. Este desejo é exatamente a fonte de suas indagações — querem tanto crer que não podem correr o risco de suportar a dor terrível de crer e depois perceberem que se iludiram. Pois foi esta decepção que experimentaram em algum ponto de seu passado.

Por exemplo, alguém que jamais experimentou o amor genuíno, mas apenas ódio, rejeição e até crueldade quando criança, pode acreditar realmente que Deus o ama? Pode um filho que só recebeu da mãe geniosa críticas, implicâncias, correção e desfeitas acreditar/sentir que é agradável a Deus e que “já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rom. 8:1)? Não seria de esperar que esse indivíduo sentisse maior atração por algumas das passagens mais severas, como as de Hebreus que mencionei?

Que tipo de perguntas teológicas você esperaria de uma filha que comentou sobre o pai: “Eu nunca sabia se ele ia abraçar-me ou espancar-me e também não tinha idéia da razão que o levava a qualquer desses comportamentos”? Ou, da jovem que disse: “Quando meu pai saía de casa nunca sabíamos quando voltaria — algumas horas, vários dias ou dois anos”? Ou aquela que me contou em soluços: “Só cobri a cabeça com o travesseiro e chorei

quando meu pai quis fazer sexo comigo”? Sem uma cura completa, qualquer dessas mulheres pode ter uma teologia adequada sobre Deus como um Pai Celestial que nos ama, cuida de nós e jamais nos abandonará?

Esses casos são realmente extremos, mas ilustram muito bem o ponto. Nem todas as perguntas e dúvidas teológicas são um sinal de incredulidade, descrença ou rebelião. Em muitos casos, não passam de sintomas da necessidade de uma cura profunda, interior. Só depois de isto ter lugar é que tais pessoas conseguem reformar suas doutrinas falhas e compreender adequadamente as Escrituras.

Problemas do Perfeccionismo Neurótico

Visto que escrevi extensamente sobre o perfeccionismo em meu livro Cura Para os Traumas Emocionais, não vou entrar em detalhes aqui. Todavia, os milhares de cartas e telefonemas que recebi dos leitores apenas reforçaram minha convicção anterior de que se trata de um dos vírus mais comuns que infectam a sociedade cristã atual. Não vamos confundir a doutrina bíblica da perfeição cristã com seu maior impedimento e simulacro, o perfeccionismo neurótico. A perfeição bíblica é um nível de maturidade e santificação em que a santidade de Cristo nos é transmitida pela habitação interior do Espírito Santo, de modo a capacitar-nos para uma vida de vitória habitual sobre o pecado. Como a nossa justificação, este é puramente um dom da graça de Deus. Ele é recebido e vivido pela fé, sendo basicamente uma questão de relacionamento. Não depende de um desempenho perfeito (obras), mas da fé no desempenho perfeito dEle. Em muitos pontos nas Escrituras somos advertidos a fazer deste nível de vida o alvo de nossa santificação. A perfeição cristã recebe muitos nomes, dependendo da nossa base teológica. Ela é infelizmente rotulada por alguns como “Vida Superior”, ou “Vida Mais Profunda”, ou “Vida Cheia do Espírito”, mas isso porque esses cristãos parecem satisfeitos em viver num nível inferior, mais superficial e cheio até a metade. Como norma para todos os cristãos, e por ser a vontade de Deus para Seus filhos remidos, a verdadeira perfeição cristã é buscar sadiamente a excelência, por parte daqueles que, em virtude de serem aceitos e amados como são, sentem-se gratos e querem agradar a Deus e serem o melhor possível, nos termos dEle.

Embora o perfeccionismo neurótico possa assemelhar-se ao que acabamos de descrever, ele é na realidade o maior inimigo da verdadeira perfeição cristã. Os perfeccionistas neuróticos lutam compulsiva e constantemente para tornar-se aceitáveis a Deus e medir seu relacionamento com Ele em termos de performance e realizações. Eles são empreendedores inquietos e não crentes em repouso. A origem disto é o conceito/sentimento de um Deus incontentável. O Deus deles é um tirano cada vez mais exigente que requer um desempenho perfeito. E um juiz severo que não tolera a imperfeição. Ao menor fracasso, Ele manifesta Seu desagrado e os cobre de condenação e culpa. Isto leva os cristãos perfeccionistas a deturparem a verdade, de modo que consideram seu comportamento diante de Deus como superior ao seu relacionamento com Deus. Colocam o comportamento acima da fé, as obras acima da confiança, o trabalho antes da adoração e o desempenho acima do relacionamento.

Segue-se naturalmente que os perfeccionistas possuem consciências excessivamente sensíveis e vivem sob “a tirania do dever”. Tentam aplacar sua aflição mediante a falsa humildade de rebaixar-se e dar demasiada ênfase às doutrinas e deveres, regras e regulamentos. Mas embora tentem esforçar-se cada vez mais, têm complexo de culpa e medo, sendo sujeitos a mudanças de disposição e à depressão. Isto acontece porque a base de seu relacionamento com Deus é desempenho e não graça. Na melhor das hipóteses, trata-se de uma mistura das duas coisas, à maneira dos gálatas. Muitos desses cristãos tomam os canais da graça — arrependimento, confissão, oração, leitura bíblica, e serviço cristão — e os transformam em obras. Suas tentativas de encontrar paz interior e agradar a Deus lendo outro capitulo, orando mais uma hora, e aceitando um novo trabalho na igreja, jamais são bem-sucedidas. Sentem-se então presos numa armadilha da qual não conseguem escapar. São literalmente “condenados quando agem e condenados quando permanecem inativos!” Este é o extremo desespero dos neuróticos e leva muitos cristãos sinceros ao esgotamento emocional ou espiritual — ou ambos.

Para piorar as coisas, tais pessoas no geral têm grandes problemas de solidão, pois seus relacionamentos são falhos. Por estarem certas de que as demais (como Deus) irão rejeitá-las ao descobrir suas imperfeições, elas avançam primeiro e se tornam supersensíveis, agressivas quando criticadas e inibidas em sua comunicação. Tudo isto, por sua vez, afeta negativamente seus relacionamentos com outros. Elas involuntariamente pedem para receber justamente a rejeição e desaprovação que tanto temem. Em resposta ao círculo vicioso, sua voz interior as reprova: “E como eu já lhe disse — ninguém vai aceitar você a não ser que seja perfeito”. O ciclo se completa quando elas reagem com raiva e ressentimento contra outros que “deveriam” ter correspondido com aceitação e amor de todo jeito. Todos são então incluídos em sua frustração e desespero, especialmente os mais próximos.

Os cristãos sofrem de vários graus de perfeccionismo. Existe esse vírus em todos nós em certa proporção, pois ele faz parte do crescimento em Cristo. Mesmo os que foram criados pelos melhores pais e nas situações mais ideais, têm mesmo assim de lutar contra os conceitos errados sobre Deus. Nossa própria pecaminosidade, tanto a voluntária como a involuntária, e Satanás, o pai da mentira, nos levam a isso! A coisa mais surpreendente sobre o amor de Deus talvez seja o fato de que Ele nos aceita apesar de nossas idéias deturpadas a Seu respeito, e trabalho conosco até que passemos gradualmente a conhecê-lO como Ele realmente é. Quase todos começamos nossa peregrinação espiritual com uma mistura de lei e graça. Só depois de experimentarmos Sua grande fidelidade mediante nossos muitos fracassos é que finalmente chegamos ao ponto onde podemos realmente cantar aquela linha do hino “Rocha Eterna” — “Minhas mãos estão vazias, simplesmente me agarro à Tua cruz”.

Todavia, existem muitos que apesar de sua correção moral e disciplinas fiéis não conseguem livrar-se do perfeccionismo e passar para a liberdade e maturidade em Cristo. Em lugar disso, eles continuam a ser orientados pelas obras, chegando a níveis de perfeccionismo neuróticos como já descrevemos. São cristãos muito sinceros mas bastante infelizes, executando suas tarefas diárias em desespero silencioso. No caso de serem pais, criam involuntariamente uma atmosfera legalista, sombria, de amor condicional em seu lar, que espalha essa infecção mortal em mais de uma geração. Graças a Deus isso não tem de ser assim. Eles podem ser curados, experimentando a graça incondicional de Deus nos níveis mais profundos do seu ser. Mas isto exige conceitos/sentimentos corretos de Deus, sendo algumas vezes impossível sem uma cura interior profunda dessas memórias que contribuíram para as idéias deturpadas sobre Ele.

Maria e o Raboni

Há alguns anos uma senhora chamada Carolina veio aconselhar-se comigo depois de um sermão que preguei sobre a necessidade da cura interior para alguns cristãos. Tratava-se de uma cristã muito inteligente, bonita, cheia do Espírito e bem-sucedida em sua profissão. No decorrer do sermão, o Espírito Santo removera um véu e ela percebera uma ira profunda contra Deus. Desde que Carolina estava na casa dos cinqüenta e fora uma cristã ativa quase toda a sua vida, o fato chocou-a grandemente. Tivemos sessões de aconselhamento durante vários meses, trabalhando sem pressa através de diversas camadas de emoções reprimidas até que o Espírito finalmente mostrou-nos o lugar exato que precisava ser curado. As lembranças voltaram vagarosamente, reportando-se a uma época em que ela tinha cerca de dez anos. Foi durante a Segunda Guerra Mundial e o irmão favorito de Carolina se encontrava no exército. Certo dia um oficial chegou à casa dela com a terrível notícia da morte do irmão. Os pais de Carolina ficaram arrasados, a mãe fechou-se no quarto durante vários dias. Carolina teve praticamente de tomar o lugar dela. Foi-lhe necessário mostrar-se forte e executar grande parte dos serviços domésticos. Ela jamais teve oportunidade de expressar sua tristeza pela perda do irmão. Carolina amara aquele irmão mais que a tudo no mundo e embora estivesse sofrendo muito ninguém se importou o bastante para dar atenção a seus sentimentos de dor. Em seu coração ferido e sobrecarregado penetrou a ira contra Deus por permitir que o irmão fosse morto, e contra a família por não deixar que derramasse as suas lágrimas. Ela teve de transformar-se numa super-mulher de dez anos, não vendo satisfeita qualquer uma de suas necessidades.

Agora, com essas lembranças penosas, veio a oportunidade de dar vazão à sua dor. Mas compreendeu igualmente que por causa do que acontecera então ela se tornara uma pessoa fechada, excessivamente perfeccionista e exigente em sua perspectiva de vida. O núcleo de sua cólera e sofrimento era este: “Sempre fui forçada a agir e ser uma pessoa que não sou.” Isto se transferira para o conceito que fazia de seus superiores e de Deus, que pareciam estar continuamente pressionando-a a dar mais de si do que na verdade tinha condições para dar. Com a permissão de Carolina transcrevo a carta em que ela conta qual foi o ponto crítico em sua cura.

Depois de conversarmos ontem, voltei para almoçar em casa e, como geralmente faço, procurei um livro. Eu estava lendo “O Rabino” (de W. Phillip Keller — Rabboni) e chegara ao capítulo “O perdão de Deus”. Sem pensar realmente, comecei a ler. Foi então que percebi que não se tratava de um livro, mas era Deus que fazia uso dele para dizer: “Você está perdoada.” Parece incrível, mas pela primeira vez em minha vida a realidade do perdão se tornou viva para mim. Não tenho palavras para expressar a música que começou a tocar em meu coração — a alegria de sentir-me perdoada e livre.

A compreensão do perdão veio como resultado de pensar sobre a sua resposta à minha pergunta: “O que faço agora?” A resposta: “Não faça nada”, pareceu-me demasiado simplista; todavia, compreendi finalmente que essa era a resposta exata que eu precisava, pois Deus já fizera o necessário. Talvez haja muita reprogramação a ser feita em minha vida, mas penso que tenho essa possibilidade, pois me encontro finalmente no caminho certo.

Esta foi de fato o começo de uma nova estrada de graça e liberdade na vida de Carolina. Como Maria na maior história de reconhecimento da Bíblia (João 20:1-16), Carolina encontrou o seu Raboni, seu Senhor, num novo relacionamento.

Talvez seja adequado terminar este capitulo com uma oração de Sto. Agostinho, que enfrentou bem cedo em sua vida cristã o problema de um conceito errado sobre Deus.

Devo pedir-Lhe ajuda ou louvá-lO? É importante conhecê-lo primeiro, antes de invocá-lo? Não sei quem o Senhor é, como posso então chamá-lO? Em minha ignorância, poderia estar invocando outro objeto de adoração. Chamo-o então, a fim de conhecê-lO?... Está decidido, permita que o busque, Senhor, pedindo a Sua ajuda em minha vida. (The ConfessionS of Augustine in Modern English, Sherwood E. Wirt, Zondervan, p. 1.)

Capitulo 9
Preparo Para o Período de Oração

ATÉ ESTE PONTO estivemos estabelecendo os fundamentos para a cura das memórias. Começarei agora a descrever o aconselhamento e as sessões de oração, assim como o modo como os conduzo. Espero então que os capítulos finais se tornem uma espécie de manual tanto para conselheiros como aconselhados que desejem usar esta forma especial de terapia espiritual. Desde que o período de oração é o próprio centro de tudo, isto será descrito em considerável detalhe no próximo capítulo. Mas vamos primeiro observar alguns meios de nos prepararmos para ele.

Preparo do Aconselhado

O preparo adequado do aconselhado para o período de oração é essencial. Precipitar-se para ele sem saber realmente o que deve ser feito e quais os problemas reais, é praticar magia em vez de participar de um milagre, como deve acontecer. Deus não faz acepção de pessoas, mas respeita condições e princípios. Ele opera através das leis mentais e espirituais. De fato, existem certos princípios que governam a cura e a oração propriamente ditas. Por esta razão, em quase todos os casos, deve haver uru período de aconselhamento antes e depois das sessões de oração.

Desde o início, explico às pessoas que provavelmente irei dar-lhes tarefas a serem feitas em casa. Isto as torna conscientes do fato de que ninguém (nem mesmo Deus) pode ajudá-las sem o seu consentimento e colaboração.

A idéia de o Espírito Santo ajudando-nOS em nossas enfermidades (Rom. 8:26) mostra nossa participação com Aquele que "pega o peso de nossos problemas do outro lado". O propósito da tarefa de casa para os aconselhados é auxiliá-los a entrar em contato com as lembranças e sentimentos reprimidos que estão provocando problemas emocionais e comportamentais. No centro de toda lembrança encontra-se a associação, pois as associações são os elos que fazem nossa mente recordar as experiências. Ao lembrar de um quadro, logo relembramos de outro, porque nossa mente de alguma forma associou os dois. Quando as memórias são claramente lembradas, existe uma forte possibilidade de reviver as emoções que acompanharam originalmente a experiência. O inverso é também verdade, isto é, se pudermos experimentar certos sentimentos, existe a possibilidade de que as lembranças associadas a eles voltem a entrar em nosso consciente.

Será útil apresentar neste ponto algumas das descobertas do Dr. Wilder Penfield, o mundialmente renomado neurologista canadense. A partir de 1951, o Dr. Penfield passou anos pesquisando extensamente o cérebro e a memória. Ele começou com o fato de que todo o sistema nervoso usa uma quantidade bem pequena de corrente elétrica para transmitir a sua informação sensorial ao cérebro, e este por sua vez utiliza essa corrente para registrar e acumular os dados recebidos. Ele fez pesquisas através do estímulo das áreas da memória no cérebro com pequenas quantidades de eletricidade e descobriu que toda experiência que temos é registrada em seus mínimos detalhes pelo cérebro. Quer possamos ou não recordá-las conscientemente, elas continuam acumuladas em nossa memória.

Ainda mais importante para o nosso estudo é saber que os sentimentos que acompanharam a experiência ficam também registrados no cérebro. Eles são registrados de tal modo que não podem ser separados da lembrança da experiência propriamente dita. Assim sendo, lembrar é mais do que recordar ou refilmar. Seria mais correto descrever isso como reviver uma experiência.

Penfield continuou mostrando que devido a esta capacidade de reviver as experiências, os seres humanos podem funcionar em dois níveis psicológicos ao mesmo tempo. Podemos ter consciência de viver em nosso ambiente atual e, ao mesmo tempo, estar revivendo uma experiência anterior, chegando a sentir que estamos vivendo no passado. Essa é a razão pela qual as memórias têm tal poder sobre nós e nos fornecem tanto dos conceitos e sentimentos de nossas experiências presentes. Não só lembramos o que sentimos, como tendemos a sentir o mesmo agora.

O objetivo do preparo é ajudar então as pessoas que estão sendo aconselhadas a trazerem à consciência tanto os quadros e sentimentos dessas lembranças penosas que expulsaram parcial ou totalmente de seu cérebro, como ajudá-las a ver, sentir, ouvir e compreender o que experimentaram e trazer isso diante do Senhor a fim de receber cura. Não quero ser engraçado quando digo que se Penfield conseguiu tal coisa através de impulsos elétricos, o Espírito Santos poderá certamente fazer o mesmo se Lhe pedirmos. Dessa forma, mediante leitura, ouvindo fitas gravadas e abrindo nossos corações a Ele em meditação silenciosa e oração, Ele poderá despertar nossas lembranças e capacitar-nos a perceber aquelas experiências penosas que estão interferindo em nosso crescimento em Cristo.

Tarefas Para Ler e Ouvir

Depois de várias conversas com os aconselhados, quando sinto que Deus está me orientando em direção a esta forma de cura interior, sugiro a leitura de certos livros evangélicos. O que recomendo depende em grande parte das áreas em que eles estão encontrando problemas.

Tarefas Escritas

Quando as pessoas lêem ou ouvem fitas gravadas, elas devem tomar nota dos pensamentos e lembranças que surgem. A coisa mais importante a lembrar é isto: nada é insignificante demais ou aparentemente idiota ou tolo para registrar. Pois embora possa parecer no momento idiota ou trivial do ponto de vista de um adulto, na ocasião foi muito importante e produziu mágoa profunda. Talvez a parte mais penosa da memória esteja nesse ponto exato — os outros indivíduos importantes envolvidos no incidente não compreenderam quão significativo era e isso provocou o ferimento maior! O que quer que venha à mente, quando lemos ou ouvimos, deve ser anotado. Algumas vezes vale a pena manter um diário durante este período.

Para os conselheiros que desejarem aprender mais sobre esta técnica, recomendo o livro de Morton Kelsey, Adventure Inward: Christian Growth Through Personal Journal Writing (Augsburg) ("Uma Aventura Interior: O Crescimento Cristão Mediante um Diário Pessoal").

Meios de Entrar em Contato com Nossas Emoções

O verdadeiro propósito das tarefas de casa é ajudar as pessoas a perceberem os verdadeiros sentimentos associados às suas lembranças reprimidas. A armadilha mais insidiosa a ser evitada em todo o processo é a "paralisia de análise". Este é o ponto em que tudo se transforma em uma grande viagem cerebral. Através de um período extenso de aconselhamento, é possível para os aconselhados descrever de maneira clínica um passado extremamente penoso. Eles conseguem analisar tudo em suas cabeças, compreender os problemas que precisam ser solucionados mentalmente, e resolvê-los também mentalmente. Mas depois de tudo acabado, descobrem que nada realmente mudou. Tratava-se apenas de um jogo intelectual e espiritual fascinante. Tudo teve lugar em sua mente, mas seu coração e estilo de vida ficaram intocados.

Não pretendo rebaixar a influência da mente na cura. Enfatizamos constantemente a idéia bíblica da pessoa total e isto inclui sem dúvida a nossa mente. Deve chegar a hora de reprogramar nossos pensamentos e transformar-nos mediante a renovação de nossa mente. Para alguns cristãos é possível ir direto a esse ponto e ajudá-los a compreender o pleno potencial da vida em Cristo. Mas com outros, os obreiros cristãos precisam entender que isto não acontecerá até que eles sejam primeiro libertos de suas dificuldades emocionais. Quando dizemos a essas pessoas prejudicadas que a única coisa errada com elas é seu "modo errado de pensar" ou que devem "deixar de viver na carne e reivindicar sua vida no Espírito, a que têm direito", tudo o que fazemos é aumentar seu sentimento de culpa e aprofundar seu desespero. Passei muitas horas juntando as peças para os cristãos desiludidos que foram convencidos a tentar este atalho. Ele simplesmente não vai funcionar, não por falta de desejo de sua parte, ou falta de poder da parte de Deus, mas porque Deus não pode transgredir os Seus próprios princípios para levá-los à inteireza e santidade. Como no caso da senhora descrita nô capítulo 8, suas emoções negativas profundamente sepultadas precisam ser primeiro trazidas à luz e tratadas.

Quero, portanto, salientar de novo a importância de penetrar nesses sentimentos submersos. Muitos têm um medo terrível de fazer isto; temendo perder o controle de suas emoções eles mantêm tudo num nível mental, querendo sempre analisar as coisas. "Preciso saber porque..." é uma frase empregada repetidamente. Isto serve apenas para reforçar suas defesas e empurrar seus verdadeiros sentimentos ainda mais para o fundo, no concreto de suas personalidades. Quando damos tarefas de casa para os aconselhados, devemos portanto enfatizar constantemente a importância de permitir que os sentimentos subam à superfície.

Através dos anos, meus pacientes me ensinaram verdades de grande significado. Eles sugeriram métodos para reavivar as memórias ocultas e os sentimentos congelados. Certa ocasião dei a uma jovem senhora as tarefas de casa, para ler e escrever, como geralmente fazia. Antes da entrevista seguinte, ela foi passar os feriados em casa. Enquanto ali se achava, o Espírito estimulou-a a rever todas as fotografias antigas da família que tinham sido guardadas no sótão. Ela decidiu arranjar as fotos em ordem cronológica, a partir das primeiras quando bebê até as atuais. Foi gostoso durante algum tempo, até que começou a descobrir uma mudança bastante pronunciada em suas fotografias. O que tinha começado

como retratos de uma criancinha alegre e uma menina feliz passou por uma mudança. A diferença em sua postura e expressão facial era realmente notável. Havia uma espécie de dissimulação e tristeza em seu rosto.

Enquanto colocava os retratos lado a lado, perguntando-se sobre a mudança, ela começou a tremer com uma sensação de ansiedade e medo. Lembranças que tinha procurado tirar da mente durante anos voltaram de novo. Não tínhamos conseguido esclarecê-las através do processo de aconselhamento. Elas começaram agora a fixar-se e a paciente conseguiu determinar certas experiências penosas de abuso sexual por parte de uma babá lésbica. Devido a esse processo visual através de fotos, não levou muito tempo para levá-la até o ponto de cura, quando voltou para as sessões de aconselhamento. Desde então sugeri a outros que revejam fotos antigas, quadros da família e álbuns escolares. Este uso de fotografias tem sido muito útil em situações em que não conseguimos fazer com que as lembranças retrocedam até a origem real das mágoas.

Viajar para os lugares associados com as memórias penosas pode trazer também de volta as emoções sepultadas. Cidades onde moramos antes, escolas, e até igrejas ligadas a lembranças que nos trazem sofrimento, podem ser usadas pelo Espírito para fazer com que este suba á tona. Uma moça divorciada, cheia de culpa e auto-desprezo por causa de sua vida interior, contou-me que voltara ao lugar em que tudo começara. Ela disse: “Dirigi e estacionei o carro onde havíamos ficado naquela noite. Depois fui para o banco de trás, como tinha feito na ocasião em que pela primeira vez joguei fora meu auto-respeito. E ali, naquele banco, solucei e pedi a Deus que tirasse o ferrão ardente daquelas lembranças.”

Hoje, como a esposa feliz de um pastor, essa mulher desempenha um ministério especial junto aos adolescentes feridos e jovens divorciadas que estão tentando construir um nova vida. Ela é verdadeiramente uma das ajudantes curadas do Senhor!

As Sessões de Aconselhamento

Embora muita coisa possa ser realizada por aqueles que levam a sério sua tarefa de casa, no geral não é possível curar-se completamente sozinho. O princípio divino da cura — confissão uns aos outros e oração a favor uns dos outros (Tiago 5:16) — enfatiza a necessidade da ajuda de um conselheiro. Examine novamente a figura no capítulo 7. Desde que relacionamentos doentios e destrutivos com o passado deformaram o sentido de percepção de alguns, é razoável concluir que associações sadias e construtivas no presente são necessárias para restaurar um senso adequado de percepção. Por esse motivo, um ambiente de confiança sadio com um conselheiro é quase sempre essencial.

Defino o conselheiro como um assistente temporário do Espírito Santo. Ambas as palavras em grifo são importantes. Assistente porque o alvo de todo aconselhamento cristão é assistir as pessoas a se tornarem emocional e espiritualmente amadurecidas a fim de poderem relacionar-se diretamente com o Espírito Santo, o Grande Conselheiro. Temporário, porque a dependência do conselheiro jamais deve tornar-se permanente. Caso isto aconteça, o próprio aconselhamento passa a fazer parte do problema e não um meio de solução; uma parte da doença e não a cura. Ele é apenas um meio temporário para um fim, o objetivo da dependência total do Espírito. Todavia, isto de forma alguma subestima a importância crucial dos conselheiros no processo de cura. Através de toda a história Deus fez uso de homens para ajudá-lO, não só para executar Sua obra, mas também para “fechar a brecha” como Seus intermediários, mostrando às pessoas qual é exatamente o Seu caráter. São muitos os que se sentem como a menininha assustada cuja mãe procurava consolar com a segurança da presença de Deus. “Eu sei disso”, respondeu ela, “mas preciso de um Deus com pele!” O conselheiro preenche esta necessidade. Para muitos aconselhados, essa é a primeira vez em sua vida que tiveram a experiência de um relacionamento estável, digno de confiança e verdadeiramente amoroso (aceitando, embora também confrontando). Assim sendo, o próprio ser (a presença amiga) do conselheiro é o começo da cura.

Mas o fazer tem igualmente grande influência. Este não é o momento de entrar em instruções detalhadas sobre o processo de escuta envolvido neste procedimento. Os que

passam a desempenhar o papel de conselheiros — pastores, professores da escola dominical, vários obreiros da igreja, ou amigos de confiança — devem desenvolver a arte de ouvir. Felizmente, trata-se de uma arte aprendida e pode melhorar com a prática. Todos já passamos pela experiência de simplesmente ouvir alguém abrir o coração para nós e depois dizer-nos, para grande surpresa nossa (desde que praticamente não dissemos nada): “Muito obrigado; você me ajudou muito.” O que precisamos lembrar é que talvez ninguém se importasse o bastante ou desse suficiente valor à opinião dessa pessoa para dar-lhe atenção antes.

A sua escuta deve ser perceptiva, ouvindo tanto com os olhos como com os ouvidos. Observe os sinais da linguagem corporal — olhos lacrimosos, suspiros e respiração presa, que literalmente empurram as emoções que estão subindo à superfície de volta para seus esconderijos, assim como enrubescimento e manchas vermelhas no rosto e pescoço. Procure descobrir aqueles que fazem uso das palavras de modo a não sentirem nada. Há casos também de riso nervoso que não combina de modo algum com o que está sendo dito. Ele pode ser perturbador, mas lembre-se de que é um bom sinal. Esse tipo de risada significa que as pessoas estão entrando em contato com certas emoções profundas e não sabem o que fazer com elas. O riso é para muitos uma das emoções aceitáveis. “Os meninos corajosos não choram”, e no geral não lhes é permitido dar expressão a quaisquer emoções negativas. Mas eles podem sempre rir, mesmo quando “estão chorando por dentro”. Não tema confrontar delicadamente as pessoas e ajudá-las a tomar consciência das impressões que você está recebendo. Uma parte importante de sua auto-percepção é compreender o significado subjacente aquilo que dizem e fazem.

A sua escuta deve ser igualmente em espirito de oração. Embora concentrando-se no que está sendo comunicado, num nível mais profundo você deverá estar utilizando seu radar espiritual para sintonizar o discernimento do Espírito Santo. Além da empatia de seu espírito com o espírito humano que está compartilhando seus problemas com você, é necessário que se mantenha receptivo à voz interior do Espírito Divino. Lembre-se, porém, de que você é um ser humano falível e deve tratar das impressões que recebe com grande humildade. Alguns julgam ter uma linha de comunicação “infalível” com Deus, fazendo uso de suas impressões com precipitação e aspereza. Tento sempre lembrar-me de quando um leigo foi procurar o grande pregador da Nova Inglaterra, Joseph Parker, e encontrou-o andando de lá para cá em seu escritório. “O que aconteceu, Dr. Parker?” perguntou ele. Parker replicou: “É na verdade muito simples: eu estou com pressa, mas Deus não está!” Você precisa estar orando juntamente com o Espírito, mas também disposto a “provar os espíritos” (1 João 4:1) para ver se as impressões foram realmente recebidas dEle. Eu descobri que os atos irrefletidos são no geral errados.

Por outro lado, depois de uma consideração cuidadosa e em espírito de oração, não tema obedecer à orientação dEle. Muitas vezes senti que o Espírito me ajudava a discernir qual o problema real de alguém, embora essa pessoa não o tivesse mencionado diretamente, E quando afinal compartilhava o assunto com ela, apesar de tratar-se quase sempre de algo penoso, pude descobrir que se tratava justamente do ponto onde a cura era mais necessária.

Playback”, Representação, e Instrução

Muitos pastores e leigos serão chamados para assumir o papel de conselheiros. O que escrevo aqui pretende ajudar aqueles não-profissionais que podem ser elos de grande importância na cadeia da cura, O preparo do aconselhamento para a cura das memórias exige toda sabedoria e habilidade humanas que possamos adquirir, além do discernimento do Espírito. Isto se deve ao fato de estarmos com freqüência tentando ajudar as pessoas a lembrarem de coisas que elas na verdade não querem recordar e enfrentarem o sofrimento que têm tentado há longo tempo evitar. Desse modo, além de ouvir com atenção e orando mentalmente, nossas reações podem ter grande influência no processo.

Os aconselhados com freqüência não percebem o que estão realmente dizendo. Os conselheiros nem sempre devem contar-lhes diretamente o que estão ouvindo. Em lugar disso, é seu dever ajudá-los a tomar conhecimento dos verdadeiros significados subjacentes às suas palavras. Deste modo, os aconselhados também vão perceber o que estão sentindo e poder então orar com resultados muito melhores.

Quando os conselheiros conseguem pistas importantes, devem aprender a técnica de "playback", alimentando a informação de volta ao aconselhado de modo que ele a ouça do mesmo modo. No capítulo 11, incluí a história da cura de Lúcio. Isto ilustra o uso da escuta cuidadosa e do "playback" ao ajudar as pessoas a reconhecerem necessidades ocultas.

O desempenho de papéis é outro meio de ajudar as pessoas a tocarem nos sentimentos. Perguntas como: "O que você gostaria de ter dito a ele/ela se tivesse oportunidade" ou "0 que realmente sentiu vontade de fazer, se fosse possível?" Se se tratar de um caso em que o aconselhado gostaria de ter falado alguma coisa, é muito mais eficaz pedir-lhe para agir como se você fosse a pessoa em questão e falar-lhe diretamente. A tendência dele será manter a conversa na terceira pessoa — "Eu gostaria de ter dito..." Tente orientá-lo para dirigir-se diretamente a você, ou talvez a uma cadeira vazia onde a pessoa envolvida esteja supostamente sentada. Por exemplo: "Pai (Mãe), gostaria que me ouvissem quando tento falar-lhes sobre como me sinto", ou "(Nome da pessoa), estou me sentindo muito rejeitado por você".

O desempenho de papéis não pode ser forçado sobre a pessoa, mas deve introduzir-se naturalmente na conversa. Ele pode ser um instrumento pode roso, auxiliando o indivíduo a compreender o que estava realmente sentindo durante a situação original. Este ficará muitas vezes surpreso com a onda de emoções penosas que surge enquanto fala. Certa vez perdi alguns botões do casaco quando um aconselhado ficou de tal forma envolvido em seu desempenho de papéis que chegou a um extremo de ira, mas os resulta dos valeram a pena!

Devemos ficar constantemente tentando estimular as memórias, significados e sentimentos. Todos são importantes. Todos precisam ser admitidos antes de serem postos de lado. Isto é simplesmente o processo psicológico de estabelecer a mesma verdade de que falamos no capítulo 5 — não podemos confessar a Deus o que primeiro não admitimos para nós mesmos. É surpreendente como as pessoas negam com tenacidade seus sentimentos porque "os cristãos não devem agir dessa maneira, especialmente os cristãos cheios do Espírito". Isto é negar a realidade e uma forma de mentira. Enquanto o sentimento não vier à tona, ele não pode ser curado por aquele que é chamado de Espírito da Verdade.

Esta ênfase sobre a percepção dos verdadeiros sentimentos não é apenas uma moderna "terapia dos sentimentos", que faz surgir uma catarse ou purificação emocional, a fim de que as pessoas sintam-se melhor. É a realidade bíblica sólida da confissão, arrependimento e perdão. Confessar é conhecer e dizer juntamente com Deus o que Ele já sabe e diz a respeito de certas coisas em nossa vida. E isto que estamos ajudando.as pessoas a fazerem durante o aconselhamento. Nós as auxiliamos a conhecer a verdade que irá libertá-las através da percepção e discernimento. Melhor ainda, nós as ajudamos a conhecer o Filho que com o Seu poder redentor e curativo irá realmente libertá-las! (Jo 8:32, 36).

A Última Tarefa

Quando houver acordo em que tudo chegou até onde podia ir através das conversas francas e tipos de tarefa de casa que descrevemos, o aconselhado deve fazer então a sua última tarefa. Ele deve fazer uma lista de tudo que foi discutido e pedido em oração, como um guia para o período de oração. Esta lista deve incluir as lembranças mais penosas e repetidas que foram julgadas como causadoras das principais dificuldades emocionais e espirituais. Elas não precisam ser escritas em grandes detalhes; apenas uma frase ou

sentença breve sobre cada uma basta, a fim de que possa ser lembrada e incluída na oração. A lista deve ser tão específica quanto possível, no sentido de que as pessoas sejam lembradas pelo nome, e os incidentes ou atitudes e atmosferas sejam descritos especificamente. Certo indivíduo chamou-a de sua “lista de socos”. Quando lhe perguntei por quê, ele explicou deste modo: “Porque essas são as pessoas que me magoaram tanto que as odeio e quero esmurrá-las por isso.” Embora ele possa ter exagerado, penso que tinha uma idéia geral do que ela deveria incluir. Os aconselhados devem estar de posse da sua lista e ela deve ser envolvida em orações a fim de que possa haver disposição para seguir as direções do Espírito durante a sessão.

O Preparo do Conselheiro

Quando o aconselhado fica pronto, é hora de o conselheiro preparar-se para o momento-chave da oração.

Primeiro, os conselheiros devem fazer uma revisão de todas as suas anotações — o que anotaram durante as sessões de aconselhamento além das idéias e impressões que podem ter tido enquanto oravam por essa determinada pessoa.

Segundo, eles devem passar tempo em meditação e oração, pedindo ao Espírito que lhes dê empatia emocional e espiritual com o aconselhado. É necessário que se unam de tal forma a ele em oração que participem realmente de sua dor, sintam seus sofrimentos e “carreguem seus fardos”.

Depois de orar pedindo empatia, eles devem exercer fé para a cura do aconselhado. A fé foi chamada de uma forma de “imaginação santificada”. Isto significa que oramos usando a nossa imaginação, a fim de visualizar as pessoas como já estando curadas e livres das cadeias dolorosas do passado; que as vejamos como transformadas e restauradas, como pessoas totais em Cristo.

Os conselheiros devem finalmente orar pedindo a energia emocional e espiritual necessárias para esse período de oração. Certa vez, depois de curar uma mulher, Jesus falou de força saindo dEle. O Barão von Hugel escreve sobre o “preço neural da oração”. Todo conselheiro sabe como uma sessão de aconselhamento pode ser cansativa e extenuante. Mas isso não se compara à energia exigida para fazer com que alguém atravesse um período de oração para a cura de lembranças penosas. Trata-se de uma experiência realmente exaustiva para ambas as partes. Os conselheiros devem pedir a Deus a força física, emocional e espiritual extra que necessitam para esta experiência. Podem crer, eles irão precisar dela!

Capitulo 10
Como Conduzir o Período de Oração

PELO FATO DE A SESSÃO de oração ser tão importante, é essencial que ela seja cuidadosamente planejada. A sessão exige que não haja pressa e um horário livre de tensão com respeito ao tempo. Isto significa que não deve ser apenas uma hora intercalada num programa regular de aconselhamento. Ela não deve ficar sujeita ao controle do relógio por parte de ninguém. O pastor ou conselheiro não devem sentir-se ansiosos por haver alguém esperando impacientemente para ser atendido, ou uma reunião de comitê prestes a ter início. A fim de permitir este tipo de liberdade, sempre separo pelo menos um período de duas horas para a sessão de oração.

Quero seguir o processo de cura das memórias com você, passo a passo. Vou descrever a sessão de oração em detalhe, instruindo, explicando e ilustrando, como se estivéssemos realmente atravessando-a com um aconselhado devidamente preparado.

Explicação Inicial

Comece explicando ou lembrando o aconselhado dos conceitos da oração que são básicos para a cura das memórias. Lembre a ele ou ela que Jesus Cristo é Senhor e, portanto, o

Senhor do tempo. (Veja a seção: “Aceite Cristo Como um Ajudador Presente”, capítulo 5.) Descreva como Jesus retrocederá no tempo com você e tratará da situação como o teria feito, se Lhe tivesse pedido na ocasião. Esclareça mais uma vez a razão para isto — “Os problemas reais não são do adulto, a pessoa crescida que você é hoje. Precisamos então voltar ao passado e permitir que Jesus trate com a criança que você foi naqueles pontos que precisam ser realmente curados. Isto se deve ao fato de você parecer parado ou preso nesses pontos específicos de mágoa. Na medida do possível, quero que fale com Deus como se fosse agora a criança (ou jovem, ou adulto) que era naquela situação de crise em sua vida.”

A seguir, explique: “Estaremos usando um tipo de oração livre, como se fosse uma conversa. Falaremos com Deus tão abertamente como estivemos falando um com o outro. Nada de complicado, nada de conclusões ou términos, mas apenas falar com Ele como se estivesse sentado aqui conosco.

“Eu me sentirei livre para interromper as suas orações se achar que está se desviando do alvo — como, por exemplo, mostrando-se demasiado negativo, dizendo a Deus como você é mau. Ou talvez indique alguma nova idéia ou discernimento do Espírito.

“Você também deve sentir liberdade para parar no meio da oração a fim de olhar a sua lista, fazer uma pergunta, ou compartilhar algo de que o Espírito o fez lembrar, alguma coisa de que não se lembrara antes.”

Se conceitos deturpados de Deus forem parte do problema deles, procure ajudar no processo de visualização para que encontrem a sua idéia de Deus mais confortável. Desde que irão falar muito pessoalmente com Ele, isto é importante. Por mais estranho que pareça, pergunto muitas vezes às pessoas o que acham mais fácil, falar com Deus ou com Jesus? Na maioria dos casos elas respondem mais ou menos assim: “Sinto-me melhor com Jesus; acho que tenho medo de Deus.” Ou: “com Jesus tenho coragem, mas não consigo abrir-me com Deus”. De vez em quando as coisas se invertem: “Não sei, Jesus parece próximo demais, um tanto real demais. Deus parece mais distante, um pouco mais seguro, acho eu.”

Se houve relacionamentos pouco saudáveis e prejudiciais com os pais, evite usar o termo Pai para Deus, mesmo que seja a sua maneira habitual de orar. Sempre me lembrarei de um período da oração com uma senhora que fora vítima de incesto. Perto do final, ela começou subitamente a dirigir-se a Deus como “Pai Celestial”, mas parou imediatamente e começou a soluçar de novo, dizendo: “Ó meu Deus, o Senhor sabe que esta foi a primeira vez que pude chamá-lO desse modo!” As vezes é melhor usar um termo mais ou menos neutro como Senhor; mas descobri que na maior parte do tempo as pessoas se sentem bem imaginando um retrato de Jesus para este período de oração.

Deixe claro qual deve ser o conteúdo da oração. Eles devem contar a Deus o que estiveram contando a você, não hesitando em consultar sua lista, caso necessário. Eles devem certificar-se de que estão contando a Deus o que sentem ao reviver a experiência que descrevem — isto é, o que a criança, adolescente ou jovem adulto sentiu naquela ocasião.

A Oração Inicial do Conselheiro

Eu sempre sou o primeiro a orar. Embora não haja um modelo exato, essa oração contém geralmente palavras deste tipo: “Senhor Jesus, aquietamos o nosso coração diante do Senhor neste momento... Sabemos que o Senhor esteve conosco em todas as nossas conversas, conhecendo portanto tudo o que conversamos. Estamos felizes porque o Senhor nos compreende melhor ainda do que nós compreendemos a nós mesmos.

“Precisamos de Sua ajuda porque não sabemos exatamente como orar. Mas a Sua Palavra promete que em ocasiões como esta, o Seu Espírito Santo virá para habitar realmente em nosso coração e orar conosco e através de nós; mesmo quando não sabemos exatamente o que dizer, o Senhor irá transformar em oração nossos suspiros e gemidos. Pedimos que

faça isso agora — entre no coração de João/Maria e ore por ele/ela. Dê a ele/ela as palavras que deve orar e desperte os sentimentos que ele/ela precisa reviver.

“Agora, Senhor Jesus, quero trazer à Sua presença um menino/menina de _____ anos, chamado (a) . Ele/ela quer falar-Lhe sobre algumas coisas que provocaram muito sofrimento. Sei que o Senhor vai ouvir. Portanto Lhe apresento “, fale com Jesus e Lhe conte o que mais está pesando em seu coração.”

Período de Oração do Aconselhado

No geral não demora muito para o aconselhado começar a orar. Todavia, se houver uma pausa longa, esteja preparado para esperar com paciência e em espírito de oração. Se as mágoas forem bastante específicas, os aconselhados começarão quase sempre com alguns dos primeiros incidentes de sua infância. Quando se trata mais de uma questão de atmosfera e clima, eles começarão com impressões gerais posteriores retrocedendo depois para os assuntos específicos. Isto fica no entanto a cargo deles — o que estiver pesando mais em sua mente é o ponto onde devem começar.

Este período de oração não tem condições de ser regularizado ou formalizado. Este é um dos motivos por que muitos conselheiros temem entrar no campo de cura das memórias — sua direção nem sempre pode ser controlada e o seu conteúdo nem sempre previsto. Ele pode ser francamente amedrontador e os conselheiros devem simplesmente “apegar-se ao Espírito” e ficar preparados para quase tudo.

Algumas vezes os aconselhados levam bastante tempo para se abrirem realmente em oração. Você não deve hesitar em interromper e reorientar a oração deles, caso perceba que estão sendo muito gerais e evitando enfrentar as questões penosas. Mesmo durante o período de oração, faça todos os esforços possíveis no sentido de ajudá-los a reviver ás emoções originais.

Orientação e encorajamento são atitudes perfeitamente legítimas. Declarações deste tipo são apropriadas e úteis: “Por que você não conta também a Jesus como você estava se sentindo quando isso aconteceu?” ou: “Não tenha medo de permitir que os sentimentos e palavras surjam enquanto fala com Deus sobre o assunto.” Ou, se parecer que estão se esforçando para manter um forte controle sobre as suas emoções: “Não tenha pressa; vamos ficar com essa lembrança por enquanto e deixar que nossas emoções façam contato com ela. Tenho a impressão de que a situação envolveu uma porção de sofrimento ainda não expresso.” Se houver uma explosão de sentimentos, com soluços e lágrimas, espere pacientemente, orando em silêncio em seu coração. Este momento em que o aconselhado compartilha seus sofrimentos mais profundos com o Senhor é extremamente importante e jamais deve ser apressado.

Algumas vezes, se o Espírito transmitir um profundo senso de empatia, você deve sentir-se livre para participar das orações do aconselhado, orando como se fosse ele e usando o plural “nós”. Por exemplo: “Ó Senhor Jesus, o Senhor sabe como nos sentimos, nós realmente queríamos que morresse”, ou “Nós nos sentimos to envergonhados e culpados que queríamos nos suicidar”, ou “Senhor, nós estávamos realmente zangados com o Senhor; o fato é que nós odiávamos o Senhor por ter levado nossa mãe embora — ela era tudo o que tínhamos.” Esta abordagem com freqüência dá ao aconselhado a coragem de enfrentar sua amargura contra Deus ou alguma outra pessoa que supostamente devam amar, e verbalizar abertamente os seus sentimentos.

Em outras ocasiões, se houver um intervalo nas orações do aconselhado, é útil esclarecer pontos e emoções fazendo perguntas como: “O que você pensava ser o motivo-chave nisso tudo?”“O que foi que o magoou tanto e o deixou tão zangado?” Ou: “Estou sentindo que há mais coisas envolvidas do que _____. Há alguma palavra ou sentimento que o Espírito esteja concedendo a você no assunto?” Estas são algumas das palavras que os aconselhados disseram em resposta:

abandonado	totalmente só	aniquilado

em pânico	como um lixo	envergonhado
sujo	injusto	enjaulado
indigno	rejeitado	desesperado
sem saída	arrasado	traído

Não se surpreenda quando os aconselhados, ao reviverem uma situação, voltarem ao momento do incidente. Suas vozes podem tornar-se como a das crianças, eles podem dizer e fazer coisas próprias desse estágio da vida. E possível também que expressem agora em palavras o que não puderam (ou não lhes foi permitido) fazer então. Por exemplo, “Mamãe/Papai, por favor não me deixem, ou (não me batam) ou (não façam isso)”

As perguntas podem também transbordar — dirigidas às pessoas envolvidas no caso, ou a você, ou a Deus, tais como:

“Como ele/ela pôde fazer isso para mim?”
“Por que eles me adotaram se na verdade não me queriam?”
“Onde Deus estava quando tudo isso aconteceu?”
“Como puderam fazer isso se diziam que me amavam?”
“Como eu pude fazer uma coisa dessas?”
“Se pelo menos pudesse entender a razão disso!”

As perguntas representam muitas coisas diferentes. Elas podem ser uma tentativa para decifrar tudo, a fim de o assunto poder ser controlado num nível puramente intelectual, para que o sofrimento envolvido não precise ser enfrentado. Ou talvez indiquem a expressão do tipo de sentimentos mais profundos — grande ira contra Deus, contra outros, ou contra si mesmo, ou a pura agonia de não conseguir entender como experiências tão dolorosas puderam ocorrer.

Quando Surgem Novas Lembranças e Percepções

Uma das experiências mais surpreendentes que podem acontecer durante o período de oração é a manifestação de situações até então ocultas na névoa do passado. Você pode ouvir comentários assim: “Não posso acreditar, nunca me lembrei disso antes.” Ou: “Que coisa! Até agora nunca pude lembrar de nada antes dos _____anos de idade e todos esses incidentes se tornaram de repente claros para mim.” A nova percepção pode ser um dos resultados mais importantes desse período de oração. Este é o ponto em que o Espírito Santo literalmente nos estimula com Seus eletrodos divinos, introduzindo de alguma forma Sua luz e poder nas sinapses do sistema nervoso e trazendo à tona essas lembranças que foram acumuladas à força em algumas das camadas mais profundas do cérebro/mente. Não é de admirar que o Espírito seja descrito em Romanos 8:27 como “aquele que sonda os corações”. Esta é uma obra sobrenatural do Espírito, o Grande Conselheiro, que tem poder para abrir nossos corações (mente subconsciente) para nós mesmos. Muitas vezes durante as sessões de aconselhamento, o aconselhado e eu seguimos uma certa estrada onde julgamos haver uma necessidade. De repente, enquanto oramos, emergiu uma lembrança nova ou ampliada que nos mostrou uma trilha diferente que nos levou afinal ao verdadeiro ponto de cura.

George veio procurar ajuda para a síndrome comum dos problemas emocionais e espirituais que acompanham o perfeccionismo. Ele era demasiado sensível à aprovação ou reprovação de outros, ficando geralmente zangado e impaciente com as falhas dos “cristãos professos”. Jamais sentiu-se inteiramente aceito por Deus e via-se com freqüência assaltado por crises de depressão. Concordamos que Deus o auxiliara em encontrar o tipo certo de esposa — cordial, compreensiva e amorosa. Mas, como acontece muitas vezes com os perfeccionistas, isso fazia parte do problema — ele achava difícil aceitar essa afeição e amor, embora a amasse realmente, desejando mais que tudo expressar esse amor.

Durante o aconselhamento ele contou vários incidentes em que, por ser uma criança ultra-sensível, fora profundamente magoado e começara a afastar-se das pessoas. Uma experiência prejudicial continuava perturbando sua mente. Quando rapazinho, na pré-

adolescência, ele encontrou algumas das revistas pornográficas que o pai escondera. Quando perguntou aos pais sobre elas, a mãe ficou muito zangada, mas o pai apenas riu-se dele. Mais tarde a mãe teve uma conversa particular sobre o assunto com o filho. Ela fez críticas ao marido e uma preleção a George sobre os pecados sexuais, esperando que nunca se tornasse "um homem de mente suja como o pai". Quando George fez a sua lista, esta foi uma das lembranças penosas que escreveu. Em oração, ele enfrentou aquelas mágoas da infância e perdoou aos meninos de sua idade e outros que mostraram rejeição por ele. Quando começou a orar sobre o incidente das revistas pornográficas, conseguiu perdoar aos pais pela parte deles no caso e receber perdão por seus antigos ressentimentos contra ambos.

Durante suas orações ele recordou, porém, outras coisas que mostraram ser as verdadeiras lembranças que estavam prejudicando sua vida presente e seu casamento. Pois reprimira o fato de ter folheado aquelas revistas, sentindo-se despertado sexualmente e sendo depois possuído por uma sensação de "sujeira". A preleção da mãe fez com que tudo fosse empurrado ainda mais para o fundo de sua memória. Isso deu lugar a uma atitude que o tornou muito recatado em relação ao sexo e ele assumira um comportamento extremamente crítico e de auto-retidão com respeito a outros, por não ter conseguido aceitar seu próprio desenvolvimento sexual adolescente. George lembrou-se subitamente da maneira cruel e anticristã como tratara uma mocinha que engravidou durante o curso colegial. Ela o procurara como um amigo cristão, desesperadamente precisando de ajuda, mas ele a rejeitara de um modo bastante farisaico. Depois recordou-se de vários outros incidentes parecidos e começou a descobrir a verdadeira natureza de seu perfeccionismo crítico. Ele também compreendeu por que não podia apreciar o amor da esposa e a intimidade com ela — estivera apegando-se a um falso senso de superioridade moral afetada, pensando ser um cristão melhor do que ela. Através dessas novas lembranças e percepções, pudemos então orar no verdadeiro ponto prejudicado e receber uma cura profunda. Foi necessário apenas um pequeno acompanhamento e reprogramação por parte de George para produzir uma mudança marcada em sua vida espiritual e conjugal. Tudo tornou-se possível pelo fato de o Espírito ter sondado algumas memórias reprimidas durante nosso período de oração.

Permitindo Que Cristo Opere no Passado

Como já afirmamos, a singularidade da cura das lembranças é voltar ao passado com o Senhor e pedir-Lhe para curar-nos num período e tempo específicos de necessidade. Nos dois primeiros capítulos de meu livro, Putting Away Childish Things ("Deixando de Lado as Coisas de Criança"), escrevi isto em termos gerais e dei vários exemplos do ministério de Cristo em relação à "criança oculta em todos nós". É justamente nesse ponto que os conselheiros podem ajudar melhor como assistentes temporários do Espírito. Santo. Depois de tais períodos de oração, quando os aconselhados já compartilharam suas lembranças mais sombrias com Deus, é que podemos interceder de maneira mais positiva como conselheiros. Nossas orações devem ser feitas a Jesus, pedindo a intervenção direta dEle, assim como Sua presença saneadora. Devemos pedir a Jesus, que creditamos estar presente conosco nas recordações que estão sendo revividas, que ministre ao aconselhado para a sua necessidade particular do momento.

Por exemplo, suponhamos que um aconselhado acabou de contar a Deus sobre experiências extremamente penosas de rejeição. Houve profunda humilhação durante o incidente e a pessoa termina sentindo-se tola, indigna e pouco amada. O aconselhado se deixa levar pelas emoções e pára de orar, caindo no choro.

Este é o momento perfeito para o conselheiro orar, usando a figura de Jesus abençoando as criancinhas: "Senhor Jesus, o Senhor que tomou as crianças em Seus braços, faça isso agora para , que é um de Seus filhos e está sofrendo tanto. Permita que _____ sente- se em Seu colo e coloque os Seus braços ao redor dele/dela. Diga a quanto o Senhor o/a ama e como se entristece por ver o seu sofrimento. Permita que ele/ela sinta a Sua aprovação, e como está contente com ele/ela.

Outra belíssima figura bíblica de Jesus que ajuda muito nessas ocasiões e a do Bom Pastor. Você pode orar: “Senhor Jesus, o Senhor que é o Bom Pastor, prometeu tomar nos braços os cordeirinhos e dar-lhes a Sua proteção e amor. Faça isso agora. Permita que _____ sinta Seus braços ao redor dele/dela, mostrando Seu amor e cuidado. Como o bom pastor lava e cura os cortes e feridas de suas ovelhas, lave os ferimentos dele/dela, colocando neles o Seu bálsamo curativo.”

A idéia básica por trás dessas imagens é combinar o aspecto particular do caráter de Cristo às necessidades específicas do aconselhado, na ocasião. Assim sendo, nos sentimentos de rejeição visualizamos Aquele que sabe o que é ser o “mais rejeitado e desprezado dos homens” e que saiu de Seu caminho para cuidar das necessidades humanas. Quando os aconselhados estão apavorados pelo terror da solidão e abandono, imaginamos o Cristo que nos compreende, desde que foi esquecido por todos os discípulos e chegou a experimentar o que significa ser afastado da presença de Deus, ao clamar: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Cristo compreende este sentimento de solidão tão bem que Ele promete jamais deixar- nos abandonados ou Órfãos.

Quando estão passando pelas emoções confusas que acompanham as lembranças do abuso sexual, ou a culpa e vergonha dos pecados sexuais, imaginamos Jesus em toda a Sua pureza. Ele é puro, mas não cheio de pudor excessivo, não tem pecado mas não se inclina ao julgamento crítico. Para as experiências penosas da infância, pedimos o abraço terno e puro de Cristo, o sentimento de encontrar-se seguros nEle, restaurando uma sensação de pureza. Para as experiências em que a responsabilidade é deles, oramos para que Seu braço lhes rodeie os ombros e recebam Suas palavras de perdão. Passamos tempo ajoelhados junto à Cruz, recebendo a lavagem e purificação que restaura os sentimentos de virtude e auto-respeito.

Para quem luta contra as memórias torturantes de pais desagradáveis, professores e cristãos reprovadores, nossas orações devem mostrar Jesus levantando-os de sua posição prostrada até que se coloquem de pé diante dEle. Ouvimos então quando lhes diz: “ , és meu filho/ filha amado/amada em quem me comprazo!”

Só arranhamos a superfície das possíveis aplicações deste princípio de “imaginação” — combinando visualmente imagens de mágoas específicas com outras de Suas curas especiais, baseados no Seu ministério como apresentado nos evangelhos.

O Perdão — O Ponto Central da Cura

Chegamos agora ao assunto do perdão que é a essência da cura das memórias — o perdão no sentido de perdoar e ser perdoado. Seria impossível para mim exagerar a sua importância no processo de cura. E neste ponto que os maiores esforços de oração vão ter lugar e onde os conselheiros gastarão mais energia espiritual. É também aqui que os conselheiros serão mais tentados a desistir; justamente por essa razão, é no geral nesse ponto que a batalha é vencida ou perdida. Vamos observar melhor.

Não há dúvida de que o perdão é o ponto-chave dos relacionamentos na Bíblia. Isto se aplica a todos os nossos relacionamentos — com Deus, com outros, conosco mesmos. Falamos muitas vezes de a graça e a nossa salvação serem incondicionais. Isto é verdade no sentido de não existirem condições de mérito que os seres humanos possam satisfazer. Não há nada que nos caiba fazer a fim de ganharmos ou alcançarmos a graça de Deus. Ela nos é dada livremente como um dom do Seu amor.

Mas, em outro sentido, o perdão é condicionado pela nossa resposta. Ele continua incondicional, porque a própria capacidade de responder depende da Sua graça. Sem essa graça anterior ou precedente, não poderíamos aceitar ou não a Sua oferta. Deus, no entanto, nos criou de modo que o perdão é básico à nossa resposta ao Seu dom de graça. Segundo parece, Ele nos fez de um modo tal que tornamos impossível para Ele perdoar-nos a não ser que perdoemos aos Outros. Não se trata de ser impossível pelo fato de Ele reter Seu oferecimento de perdão até que perdoemos primeiro; nada disso, porque de certa forma, como Paulo declara em 2 Coríntios 5:18-19, Deus já perdoou nossos pecados

mediante a morte de Cristo na cruz e nos oferece livremente o Seu perdão. E impossível, porém, porque Ele nos criou psicologicamente de maneira a não podermos receber o Seu perdão se também não perdoarmos. Isto fica claro através do Novo Testamento inteiro, sendo a única condição que o Senhor enfatizou repetidamente. Em Sua oração-modelo de Mateus 6:12, Jesus disse: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores.” E ao comentar essas orações, esclareceu: “Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará: se, porém, não perdoardes aos homens (as suas ofensas), tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mat. 6:14-15).

Em Mateus 18:23-35, Jesus contou a parábola do servo que não concedeu perdão, a qual termina com o senhor enraivecido entregando o acusado para receber dos guardas o castigo merecido. Ele fez então uma aplicação da parábola: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.” Em Marcos 11:25, Jesus estabeleceu novamente uma condição quando disse: “E quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.”

Fica claro que Deus colocou este princípio de suprema importância na própria estrutura de todos os relacionamentos interpessoais. Ele é baseado na natureza e caráter de Deus; e desde que fomos feitos à Sua imagem, acha- se embutido em nós. Estamos então falando sobre um princípio bíblico e psicológico básico. Cada experiência de cura de lembranças de que participei confirma isto. Se quisermos ser perdoados sem perdoar, estamos pedindo a Deus que viole Sua própria natureza moral. Ele não pode fazer isto e não o fará.

A essencialidade do perdão é o motivo pelo qual dei tanta ênfase à sinceridade sobre os sentimentos. O primeiro passo em direção ao perdão é reconhecer os sentimentos de ressentimento e ódio. Quando as pessoas experimentam mágoas graves, elas no geral acabam odiando aqueles que provocaram esses males. Se sepultarem as mágoas, enterrarão também o ódio. Deus, entretanto, nos criou de modo a não podermos agir desse modo para sempre. Não nos é possível ingerir e integrar ressentimentos ocultos, assim como nossos estômagos não podem digerir e incorporar estilhaços de vidro. Em ambos os casos, iremos sentir muita inquietação e sofrimento interior! Ambos exigem operações graves. A cura das memórias é uma forma de cirurgia e terapia espiritual.

Minha Experiência Pessoal de Cura Interior
A fim de não magoar ninguém, precisei esperar até que meus pais morre- sem antes de poder contar em detalhes minha própria cura. Nasci na Índia.

Meus pais eram missionários metodistas que ali viveram e trabalharam durante 40 anos. Minha mãe morreu em 1981. Meu pai tinha 92 anos quando em sua décima segunda visita à Índia depois de aposentar-se, em 1984, ficou doente e morreu. Ele foi sepultado em sua amada Índia. Sempre me lembrarei de nossa última semana juntos quando viajei para ficar ao lado de seu leito no hospital e sentir-me próximo dele. É-me impossível dizer quanto devo a ele. Sua vida santa como meu pai terreno certamente facilitou minha crença no Pai Celestial.

Mas com minha mãe a história foi diferente. Ambos tínhamos uma personalidade nervosa, irritável e desde o começo não conseguíamos combinar. Lembro-mede minhas lutas na infância com sentimentos de ambivalência em relação a ela, sentimentos que jamais consegui expressar ou contar a ninguém. Fomos para os Estados Unidos quando eu tinha onze anos e um ano mais tarde meus pais voltaram para a Índia, deixando meu irmão e eu aos cuidados de uma avó amorosa. Mamãe estava longe, portanto não havia mais problemas entre nós. Uma experiência de conversão no início da adolescência trouxe muitas mudanças à minha situação. Achei que havia tratado de meus ressentimentos, e minha nova vida em Cristo deu-me uma atitude muito melhor em relação a ela.

Sempre sofri de asma. Entre os dez e vinte anos ela piorou, até que por ocasião de minha entrada na Faculdade de Asbury, tornou-se tão grave que não pude fazer os exames trimestrais. Apesar das muitas orações a meu favor, a asma continuou e aceitei-a como um

mal que eu tinha de aceitar. Nessa época era um cristão dedicado, em crescimento, e durante meus anos de faculdade entrei numa experiência e vida mais profundas no Espírito Santo. Senti também um chamado forte para a vida missionária. Junto com uma colega adorável que Deus fizera entrar em minha vida, quatro anos, dois diplomas, e um filho mais tarde, nós partimos para a Índia como missionários.

Nosso trabalho desenvolveu-se bem nos dez primeiros anos. Então, certo dia, quando tinha 34 anos, estava lendo um livro de Gien Clark durante minhas devoções. O Espírito Santo fez uma sentença do livro chamar minha atenção. Ela dizia que algumas formas de asma podem ser causadas pelo ressentimento contra os pais. Parei de repente. Seria possível? Durante a hora seguinte, o Espírito levantou uma camada de minha mente e comecei a lembrar-me de alguns ressentimentos profundamente sepultados contra minha mãe, constituídos por aspectos específicos cornos quais eu não tratara; de fato, eu nem sequer me lembrara deles durante anos. O Espírito mostrou-me também que eu não enfrentara alguns de meus verdadeiros sentimentos para com Deus. Separara-me de meus pais quando eles ficaram presos na Índia durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Deixaram-me quando eu tinha doze anos e só voltei a vê-los na manhã de meu vigésimo aniversário. Afinal de contas, fora Deus que os chamara para o campo missionário. Oh! eu havia espiritualizado toda a situação, sentindo-me envolvido na glória deles quando as pessoas diziam: “Que maravilha ter pais missionários!” A verdade nua e crua é que me ressenti daqueles anos solitários da adolescência. Todos os meus amigos tinham pais e casas para onde ir nas férias.
Durante os dias que se seguiram conversei com Helen sobre esses pensamentos, falamos e oramos a respeito deles. Perdoei e fui perdoado, experimentando uma purificação/cura de meus ressentimentos em um nível muito mais profundo do que jamais acontecera. Depois disso veio a bênção. Como Deus é verdadeiramente cheio de graça e bondade! Em meio aos problemas, tínhamos nos esquecido completamente de minha asma. Mas Deus não se esquecera e deu-me algo que eu jamais sequer pensara em pedir. Você acredita? Meu peito não chiou nem uma vez desde então!

Sempre hesito em contar isto, com medo de que alguns possam precipitar-se e tirar conclusões sobre as suas próprias enfermidades físicas. Não tenho o direito de fazer generalizações a partir de meu caso particular. Só posso compartilhar o que ocorreu comigo e confiar que o Espírito Santo o guie para a verdade do que tem em depósito para você. A principal razão para contar-lhe minha experiência é enfatizar a posição central do ato de perdoar e ser perdoado na cura das memórias.

Ingredientes Importantes Para o Perdão

Durante aqueles dias de oração e conflito, o Espírito tratou de vários aspectos de meu problema de ressentimento-perdão.

• Primeiro, tive de examinar algumas de minhas mágoas específicas e dispor-me a abandonar todos os sentimentos feridos. Estaria eu me apegando a um desejo secreto de vingar-me de qualquer forma? A princípio pensei comigo mesmo: “Claro que não.” Pois àquela altura soubera através de alguns parentes parte das tragédias da vida de minha mãe — um pai alcoólatra que passara vários anos na prisão e outros traumas penosos na infância. Eu podia explicar as causas de muitos de seus problemas neuróticos; mas explicar não é o mesmo que perdoar. Podemos imaginar toda sorte de esquemas psicológicos fantasiosos sobre aqueles que nos magoam e não enfrentar o fato de nossos ressentimentos contra eles.

Eu compreendi, finalmente, onde se achava meu verdadeiro problema. É claro que compreendia o ambiente em que minha mãe vivera e portanto tinha condições de perdoá-la. Mas primeiro: “Permita-me pelo menos uma vez dizer-lhe tudo o que fez para me magoar. Só quero que ela saiba o que provocou em mim — só isso.” Esta é uma forma muito sutil de ressentimento —. um meio de vingar-se. O Espírito pediu-me que entregasse isso a Ele. Alguns conselheiros acreditam e ensinam que não haverá verdadeiro perdão a não ser que sempre vamos imediatamente, confessando nossos sentimentos negativos à pessoa(s) e tentemos uma reconciliação imediata.

Acredito que este ensino é perigoso e já vi muito sofrimento produzido por ele. Deus tem o Seu tempo perfeito para este tipo de solução, caso deva acontecer. Com alguns indivíduos, como as pessoas mencionadas no livro de Joyce Landorf, Irregular People ("Indivíduos Prejudicados"), talvez não haja essa possibilidade. Deus nos pede que entreguemos a Ele nossa completa disposição para reconciliar-nos, mas a hora exata pertence a Ele. Meu primeiro problema foi perdoar completa e incondicionalmente.

A seguir, o Espírito trouxe um segundo aspecto à minha mente. A partir daquele momento eu assumiria plena responsabilidade pela minha pessoa e meus atos. Até então eu tivera a mais maravilhosa das desculpas para todos os meus fracassos. Ela funcionava automaticamente, como as portas giratórias de uma loja. Sempre que eu falhava de qualquer modo — em meu ministério, casamento ou vida espiritual — esse dispositivo automático de válvula de escape punha-se em funcionamento na minha mente e surgia um sinal: "Você fracassou porque teve uma mãe assim. Se ela apenas não tivesse feito isso para você, as coisas seriam diferentes. A culpa é dela e não sua!" Puxa, dava sempre certo! Veja bem, isso garantia que eu (isto é, o verdadeiro "eu") jamais falhara. Com este dispositivo embutido, eu conseguia manter intacto meu superego irreal e perfeccionista. Se desistisse dele, o que me aconteceria? O Espírito não cedeu: "Lembre-se, se você realmente a perdoou, esse sistema tem de ser abandonado. A partir de agora, só você é responsável." Francamente, isto foi bem mais difícil do que o primeiro passo.

• Em terceiro lugar surgiu outro fato, que foi mais difícil de todos para mim. Em um compartimento fechado de meu coração, eu ocultara um ponto de barganha secreta, uma espécie de troca proveitosa com Deus. Se eu realmente a perdoasse, abandonasse minha válvula de escape, deixando de fazer de minha mãe meu bode expiatório, Deus certamente providenciaria para que em algum tempo no futuro ela viesse a dar-me o amor e afirmação que jamais recebera dela. Surpresa! A voz interior do Espírito foi amável mas firme: "Você tem condições para desistir dessa possibilidade? E se ela não puder dar-lhe isso nunca? Essa espécie de amor? Está disposto a aceitá-la e amá-la como é, mesmo que não mude muito?" Esta foi para mim uma rendição agonizante. Era como se o Senhor estivesse pedindo demais desta vez.

Mais tarde, comecei a observar conflitos similares em meus aconselhados, e compreendi do que se tratava realmente. Eu estava tentando oferecer meu perdão e amor em troca de uma garantia na forma de uma nota promissória. Mas assim como Deus nos oferece perdão incondicional, devemos concedê-lo a outros. As grandes palavras de Paulo em Efésios 4:32 me ajudaram muito: "Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou."

De pé, junto à Cruz, encontrei finalmente a graça para render toda e qualquer reivindicação futura — pois isso era também um tipo de ressentimento latente. Eu deveria dar, portanto, o meu perdão da mesma maneira em que procurava ser perdoado — livre e completamente.

• Deixe que acrescente um quarto fato que aprendi mais tarde, durante a fase de reprogramação. O perdão, como a maioria dos assuntos relativos ao nosso crescimento espiritual, é tanto uma crise quanto um processo. Os dias de minha volta à Índia foram o ponto crítico, quando, por um ato da vontade, obedeci ao Espírito e perdoei. Mas houve muitas repetições dos velhos sentimentos, ou quando me lembrei de alguns novos itens da minha lista de "socos" e as sensações antigas ganharam novamente vida. A crise do perdão significa realmente nos comprometermos a continuar o processo, sempre que necessário.

Descobri que os ressentimentos são como todas as outras emoções humanas — imprevisíveis e podem algumas vezes golpear-nos quando menos esperamos.

Neste respeito, as sensações de ressentimento se parecem muito com as de tristeza. Mencionei a morte de nosso primeiro filho quando estivemos na Índia. Dez anos mais tarde, supus que todas as reações de tristeza tivessem desaparecido. Mas numa viagem

missionária, entrei na cozinha da família de um ministro local. A mulher dele se achava ali, carregando um menininho louro muito parecido com nosso filho. Antes de perceber, comecei a chorar! Não tínhamos nos encontrado antes e a pobre senhora não sabia o que poderia ter feito para provocar tal cena. Fiquei embaraçado e tive de explicar meu estranho procedimento. Fora apanhado numa emboscada por sentimentos que eu nem sabia existirem. Esse tipo de armadilha pode acontecer em relação aos ressentimentos.

O perdão com freqüência precisa ser reiterado. E muito melhor ser perfeitamente sincero com Deus quando estamos lutando com antigas mágoas. É melhor dizer-Lhe francamente que não conseguimos desistir delas e mudar nossos sentimentos. Acho que na verdade nunca temos condições de modificá-los. Mas podemos admitir isso diante de Deus e ficarmos á Sua disposição para que Ele os mude.

Nossas orações nesse sentido devem ser mais ou menos assim: “Senhor, estou triste com meus sentimentos de mágoa e ódio, mas não consigo tirá-los de meu coração. Dou-Lhe então permissão para que os mude. Não vou me ressentir mais. Quando os sentimentos voltarem eu os entregarei de novo ao Senhor. Não quero continuar a sentir-me desse modo e se me der outra atitude em relação aos que me ofenderam, irei mantê-la. Perdôo então completamente e Lhe peço para transformar meus sentimentos.”

Quando fazemos isso e nos decidimos a não mais ficar ressentidos, nos surpreendemos como Deus pode mudar rapidamente nossa atitude. Devemos explicar isto aos aconselhados, a fim de que ao ficarem presos na armadilha dos velhos sentimentos, Satanás não possa acusá-los, fazendo-os cair em condenação e derrota.

Quero enfatizar de novo como é essencial levar os aconselhados até o ponto em que possam realmente orar: “Senhor Jesus, perdôo pela Sua graça. Desisto de todos os meus desejos de vingar-me de qualquer forma.

Entrego-os inteiramente em Suas mãos.” Não subestime a batalha neste ponto. Os aconselhados podem afirmar amargamente: “Não posso. Não consigo perdoá-los. Fui magoado demais.” Você talvez tenha então necessidade de conversar com eles em nível mais profundo; mas, logo que seja possível volte a orar. Vocês estão verdadeiramente lutando com principados e potestades. Só o Espírito Santo pode vencer a batalha. Persevere depois em oração até que a graça de perdoar seja concedida.

O problema com alguns aconselhados é que eles fizeram do seu ódio parte de suas próprias personalidades. Construíram a sua vida ao seu redor e acham difícil desistir dele. Lembro-me de uma jovem universitária que contou em detalhes todas as mágoas recebidas de um dos pais. Ela tinha mesmo o direito de ressentir-se grandemente e usou essa capacidade ao máximo. Depois de muitas orações nesse sentido, a moça pulou repentinamente da cadeira e gritou alto: “Não posso desistir do meu ódio, não posso. Ele é tudo o que tenho!” Apesar de termos conversado e orado por longo tempo, ela não desistiu. Depois de formar-se na faculdade, eu a perdi de vista em meio aos novos alunos. Cerca de 15 anos mais tarde, me encontrava pregando numa cidade distante. Uma senhora veio procurar-me depois do culto, contou-me quem era e perguntou-me se eu me lembrava da ocasião em que oramos juntos sobre o ódio dela. Assegurei-lhe que nunca pudera esquecer-me e sempre imaginava o que poderia ter-lhe acontecido. Ela replicou com grande tristeza: “Quero que saiba que tinha razão. Depois de dois divórcios e um esgotamento nervoso, estou começando a compreender que deveria ter desistido de meu ódio.”

Ajudando as Pessoas a Perdoarem a Si Mesmas

A maior guerra a ser travada nem sempre é a de perdoar os que nos magoaram ou de receber o perdão divino pelo nosso ódio, mas a de tentar perdoar a nós mesmos. Esta é outra área onde precisamos “orar e não desmaiar”. Os conselheiros devem novamente enfatizar aqui a vontade de perdoar a nós mesmos e o compromisso de continuar agindo assim. Orações diretas devem ser feitas neste sentido. Não se acanhe em perguntar às pessoas: “Você quer pedir neste momento a Deus para lhe dar a graça de perdoar a si

mesmo? De abandonar seu estranho desejo de ter padrões superiores aos de Deus? Desistirá de seu direito de condenar a si mesmo? Pedirá a Deus a graça de jamais lembrá-lO novamente das coisas de que Ele afirma não lembrar-se?”

Palavras Finais e Sessão de Acompanhamento

Depois do período de oração, antes de o aconselhado partir, faça duas coisas. Marque uma sessão de acompanhamento dentro de uma ou duas semanas no máximo. Vamos discutir isto no último capítulo.

A seguir — e eu aprendi isto da maneira mais difícil — você deve dizer algumas palavras de precaução. A experiência foi emocionalmente exaustiva.

É como se uma arma de alto calibre tivesse sido disparada e um recuo emocional pode ocorrer. Ou, como se alguma coisa tivesse sido tirada dos aconselhados e eles venham a manifestar sintomas após a remoção. É até possível que apresentem problemas físicos autênticos — forte dor de cabeça, náusea e vômito, diarréia, ou grande fadiga. A mulher pode menstruar fora do seu período normal. No caso de se mostrarem completamente exaustos, faça com que alguém os leve para casa. Talvez nenhuma dessas coisas aconteça, mas é melhor avisá-los dessa possibilidade — precaver-se é preparar-se.

Saliente o fato de que seus sentimentos negativos são no geral pouco confiáveis e podem causar problemas para eles durante alguns dias ou urna semana. Sugira que dêem tempo para os sentimentos se acalmarem e outros mais positivos e estáveis tomarem seu lugar. Sugira também que não se demorem mais pensando sobre as coisas a respeito das quais foram feitas orações, permitindo apenas que o Espírito as cure num nível profundo. Lembre os aconselhados de que a cura das memórias não significa que não vão mais lembrar-se das coisas, mas apenas que a picada e a dor foram removidas dessas lembranças, de modo a não mais terem um poder compulsivo sobre as suas vidas. O reaprendizado e a reprogramação serão agora possíveis e vocês podem trabalhar juntos nisso, a partir da próxima sessão.

Capitulo 11
A Cura das Lembranças dos Traumas Sexuais

O RENOMADO SOCIÓLOGO Vance Packard descreveu nossa presente atmosfera moral como um “deserto sexual”. Quando alguém lhe perguntou por que não fizera uso do termo “revolução sexual”, ele replicou que numa revolução as pessoas têm pelo menos objetivos e sabem para onde vão; enquanto hoje, estamos perdidos, vagando no deserto, sem saber qual o nosso destino. Todo pastor e conselheiro cristão confirmaria a justeza desta descrição. Em março de 1983, Karl Meninger, o respeitado e renomado psiquiatra, declarou que em certas culturas o incesto está se tornando quase tão comum quanto o roubo. As estatísticas para o abuso sexual de crianças e adolescentes subiram muito, assim como para a gravidez antes do casamento, o estupro e o incesto. Devemos acrescentar a isto a ampliação da cultura “gay”. Os homossexuais estão se aproveitando da corrupção moral e dissolução das famílias. Muitos jovens vulneráveis, confusos quanto á sua identidade sexual por jamais terem tido modelos adequados de masculinidade e feminilidade por parte dos pais, estão aceitando o caminho de menor resistência, mantendo relações com parceiros do mesmo sexo.

Tudo isso leva aos conselheiros um número cada vez maior de pessoas que necessitam ser curadas de memórias dolorosas de traumas sexuais. Vivemos verdadeiramente numa sociedade saturada de sexo. Os que participam do ministério da cura das lembranças traumáticas devem estar adequadamente preparados para enfrentar a dor e a mancha dessas memórias sórdidas. Não é um ministério fácil. Não nos é possível ajudar verdadeiramente alguém à distância, protegidos pela couraça do púlpito, mais do que conseguiríamos retirar uma pessoa de um monturo sem sujar as mãos.

Há anos, quando tinha começado meu ministério, um sábio conselheiro avisou-me: “Seamands, existem dois temas que irão sempre entrar em seu consultório — Deus e sexo. Por mais que tente, não conseguirá mantê-los afastados.” Não demorou muito para que eu descobrisse a verdade de suas palavras. O que levou mais tempo foi perceber algo ainda mais importante — a não ser que as pessoas entrem num acordo com ambos, jamais podem ficar inteiramente em paz com qualquer um dos dois! Em muitos casos isto exige uma cura profunda dos danos resultantes de experiências passadas e uma reorientação decidida das atitudes deturpadas do presente.

Sondagem sem Indiscrição

Não há segredos mais cuidadosamente guardados ou profundamente sepultados nos compartimentos sombrios da alma do que os sexuais. Fico constantemente surpreendido quando as pessoas dizem: “Jamais contei isto a alguém antes.” Imagino então de que modo conseguiram manter sua sanidade e como, finalmente, encontraram a incrível coragem de arriscar-se a contar o acontecido. E neste ponto que os conselheiros precisam cultivar a arte de ouvir criativamente ao máximo. Depois de longa experiência, certos conselheiros desenvolvem um sexto sentido, percebendo que algo sexual- mente penoso precisa ser contado pelo paciente. Devemos tomar porém extremo cuidado a fim de sondar com delicadeza, sugerindo, encorajando e orientando sem forçar. Nós sabemos que eles vão contar-nos, mas não devemos dizer-lhes isso. Cabe-nos assegurar-lhes que não há mal algum se nos contarem e que iremos aceitá-los caso façam isso ou não. Isto é feito mais através de uma atitude de espírito do que por declarações diretas. As pessoas podem sentir nossas atitudes; elas percebem um espírito crítico a um quilômetro de distância.

O que ajuda as pessoas a tomarem a decisão de compartilhar seu segredo? Quando sentem que estamos sofrendo com elas. Quantas vezes perguntei a um aconselhado por que não havia contado o fato ao seu pastor ou a um obreiro cristão que eu sabia estar próximo. A resposta foi invariavelmente esta: “Oh! não podia falar; eles não compreenderiam”, ou “Ficariam chocados. Sei o que responderiam”. Tive clientes que ficaram fazendo rodeios por mais de uma hora e não conseguiram dizer o que queriam, embora eu estivesse praticamente certo do que precisavam e desejavam compartilhar.

Observe e ore; espere e ore; ouça e ore; sonde e ore. Mas não force ou seja indiscreto. E supremamente importante que eles decidam contar-nos as coisas voluntariamente. Ao fazer isto terão iniciado o processo da cura. Uma vez que digam algo em voz alta na nossa presença, jamais poderão negá-lo plenamente para si mesmo de novo. Eles ofereceram uma parte muito importante de si mesmos a nós que merece ser manuseada com toda ternura e simpatia.

O Conflito das Emoções Contraditórias

Existem muitas razões para as memórias sexuais serem penosas. A primeira é que nossa sexualidade está bem no centro de nossa identidade. Nossa masculinidade ou feminilidade se encontra profundamente envolvida com aquilo que somos e como vemos a nós mesmos. Qualquer dano nesta área irá provavelmente afetar muito nossa auto-estima.

A segunda razão é que o sexo é uma emoção poderosíssima. Ela é tão forte que o plano de Deus concede vários anos de crescimento e desenvolvimento antes de iniciar-se a puberdade. Desta forma nossos corpos e emoções amadurecem o suficiente para tratar com esses poderosos sentimentos. Um dos fatos mais terríveis sobre o abuso sexual de crianças é o despertar de emoções assim intensas em idade muito tenra e sob condições tão amedrontadoras. O fato poderia ser comparado ao que acontece quando você opera um dispositivo elétrico de alta voltagem através de um cordão muito curto. Os fios ficam excessivamente aquecidos e eventualmente se queimam. Da mesma maneira, o abuso sexual produz um curto-circuito emocional que pode provocar danos sexuais bastante graves.

Mas, talvez, a razão mais importante para o sofrimento causado por essas lembranças seja o fato de os sentimentos sexuais poderem ser as emoções mais contraditórias experimentadas pelos seres humanos. Temos de ajudar os aconselhados a compreenderem

sua própria confusão e tumulto íntimos provocados pelos traumas sexuais. O que passaram pode resultar em uma incrível combinação de desejo e horror quanto à prática do sexo, assim como prazer e sofrimento, fascinação e medo. Em uma só e na mesma emoção encontramos uma combinação contraditória de anseio compulsivo e desprezo culposo. Por esta razão os traumas sexuais não curados até o casamento podem produzir um terrível conflito interno de desejar e odiar o sexo ao mesmo tempo.

Quando Camila e seu marido vieram procurar-me para aconselhamento, não pude deixar de impressionar-me com eles. Tinham tanta coisa boa sobre a qual construir — uma fé cristã forte e inteligente, empregos satisfatórios e muitos interesses e atividades comuns de que participavam entusiasticamente juntos. Só havia uma coisa que não lhes dava prazer — a prática do sexo. Eles faziam amor, mas a "reação estranha de Camila após o ato", é que perturbava a ambos. De fato, quanto mais Camila sentia prazer, mais zangada ela ficava com Antônio mais tarde. Camila concordou com o marido. "Não entendo. Algumas vezes parece que fico maluca. Já cheguei até a agredi-lo, logo depois de sentir um amor imenso por ele."

Ela havia lido todos os livros cristãos de boa qualidade sobre o sexo conjugal; sabia ser um dom de Deus e não era inibida. Depois de algumas sessões a sós com Camila, começamos ambos a compreender suas reações aparentemente estranhas. Ela jamais compartilhara o fato com ninguém — especialmente com Antônio. Quando tinha cerca de oito anos de idade, um de seus irmãos adolescentes começou a envolvê-la em brincadeiras sexuais. Jamais "foram até o fim, fizeram tudo menos isso". A situação continuou, intermitentemente, durante vários anos. "No começo fiquei aterrorizada. Não conseguia entender e me sentia cheia de culpa. Ele me manteve calada através de subornos e ameaças. Mamãe sofria do coração e ele me disse que se soubesse, poderia ter um ataque fatal e eu seria responsável pela sua morte. Silenciei então. Mais tarde, passei simplesmente a aceitar. E então..." Camila ficou quieta. Esperei. "E então..." Mais uma vez silêncio. Camila baixou a cabeça e pegou outro lenço de papel. Ela fez o possível para controlar-se, mas não conseguia reter os soluços e a ira. Levantou-se e começou a andar pela sala. "E terrível!" gritou. "Isso é medonho, não acredito que tenha conseguido fazer uma coisa dessas. Que baixeza!" Perguntei muito delicadamente: "O que foi que aconteceu, Camila?" Eu tinha quase certeza do que ela iria dizer, mas também estava convicto de que seria necessário que fosse ela que o dissesse. Fiquei esperando e orando no santuário subterrâneo de minha alma. As palavras saíram finalmente numa voz rouca e amarga, como se ela tivesse batido em si mesma com um chicote: "Comecei a gostar." Ela contou o resto entre gemidos: "Que tipo de pessoa sou? Com meu próprio irmão! Eu o odeio por isso, mas cheguei a ponto de desejar que se aproximasse desse modo de mim."

Qual o ponto focal aqui? Qual a razão de seu comportamento contraditório e "estranho"? Onde precisava de uma cura profunda? E claro que tinha de perdoar o irmão e desistir de seu ódio por ele. Mas a questão real era perdoar a si mesma, por ter chegado a desejar o sexo com ele, apesar do fato de odiar a ambos.
Antes de terminarmos, descobrimos uma série inteira de conceitos/sentimentos que precisavam ser curados. Todos estavam produzindo conflito interior profundo por serem inerentemente contraditórios e a estarem levando a uma vida sexual estranha de amor e ódio. Ela reconhecia mental- mente que o sexo era um dom positivo de Deus, mas ficava também zangada com Ele por causa disso — não poderia ter inventado um outro meio? Gostava dos homens e se sentia atraída por eles; mas se detestava por não ter "força bastante" para viver sem eles.

O pior de tudo é que amava o marido e precisava do afeto e da alegria do intercurso com ele, mas não gostava dessa necessidade e ficava portanto mais raivosa do que nunca exatamente quando mostrava sua grande dependência do marido e prazer nele. Parece complexo? Claro que sim. Pois realmente é. Quando Camila compreendeu finalmente tudo isso, conseguiu perdoar e ser perdoada. Pôde perdoar o pecado do irmão e perdoar a si mesma por ser humana, começando a agradecer a Deus pelo seu dom do sexo. Não demorou muito para que ela e Antônio passassem a ter um casamento realmente satisfatório.

Concentração no Ponto Que Precisa Ser Curado

É muito fácil desviar-se ao tratar dos traumas sexuais. A parte sexual em si é naturalmente importante. Lembrar e contar os fatos específicos, assim como as emoções perturbadoras, é absolutamente essencial. Mas muitas vezes o simples alívio de tirar um peso do peito não trará cura suficiente nem uma mudança duradoura de comportamento. Como aconteceu na história de Camila, existe com freqüência algo num nível muito mais profundo que precisa de maiores cuidados, podendo ser bem diverso do elemento diretamente sexual do incidente. Os conselheiros e aconselhados devem discernir a complexa interligação dessas mágoas e se certificarem de tratar disso no processo de cura. Os três exemplos abaixo salientam essa verdade.

Ninguém acreditava nela. Guiomar veio a fim de contar vários problemas. Alguns eram seus, outros envolviam seu relacionamento com o marido. Discutimos muitas coisas, inclusive alguns conceitos distorcidos sobre Deus e a graça. Finalmente, como eu tinha sido muito bem avisado, o sexo também entrou em meu consultório. Havia alguns problemas relativos às reações dela durante o ato do amor. Estas não eram tão graves como as experimentadas por outros, quando uma barreira invisível do passado aparece e bloqueia o fluxo livre dos instintos sexuais, mas suficientemente sérias para impedir que seu casamento fosse tudo aquilo que ambos desejavam.

Uma porção de sofrimento concentrava-se ao redor de algo que acontecera quando Guiomar tinha entre onze e doze anos de idade. Ela fora passar a noite na casa de uma de suas melhores amigas. Cerca das duas da manhã acordou assustada. O irmão mais velho da outra garota tinha deitado a seu lado e estava começando a acariciá-la. Guiomar empurrou-o e gritou. Quase imediatamente as luzes se acenderam e a família acordou. Como é claro, o rapazinho correu de volta para o seu quarto, puxou as cobertas sobre a cabeça e pareceu estar profundamente adormecido. A amiga e os pais dela fizeram o máximo para acalmá-la, mas Guiomar estava quase histérica ao contar o acontecido. Os pais da outra menina acabaram telefonando para os dela. Eles explicaram que Guiomar deveria ter tido um pesadelo terrível e continuava muito nervosa. Talvez fosse melhor irem buscá-la para passar em casa o resto da noite. Os pais de Guiomar chegaram logo e a levaram.

Este tipo de incidente é muito comum e pode ser certamente amedrontador para uma garota sensível dessa idade. Ele parecia ser um caso bastante claro e a memória a ser curada evidente por si mesma. Mas quando começamos a orar, a questão verdadeira surgiu. Qual a mágoa real que provocou tanto sofrimento em Guiomar? Mais do que o choque e o espanto do que o rapazinho fizera foi o fato de ninguém ter acreditado nela — nem seus próprios pais. Eles também aceitaram a explicação do pesadelo. Como as suas palavras ainda queimavam e causavam ressentimento na mente dela — “Afinal de contas, querida, eles são uma família tão boa e ele é um rapazinho excelente. Você sabe que não faria uma coisa dessas. Acho que você sonhou mesmo. Isso acontece às vezes com todo mundo e o pesadelo parece tão real que pensamos ter acontecido de fato.”

Não há nada mais humilhante para as crianças do que não acreditarem nelas. É um dos piores sofrimentos que podem suportar. Trata-se de absoluta injustiça a seus olhos. Estão contando desesperadamente a verdade, mas as pessoas com quem querem abrir-se mais francamente as acusam de mentir. Guiomar sentiu-se tão rebaixada com o acontecimento, tão enraivecida, que a partir de então começou a surgir toda uma série de reações pouco saudáveis, especialmente para com a mãe. Sua ira também a colocou no caminho de um perfeccionismo exagerado. Houve então necessidade de uma cura interior e acompanhamento (quimioterapia) para um tipo de tumor canceroso formado por injustiça, trauma sexual, raiva e perfeccionismo crítico. Graças a Deus que o Seu Espírito pode curar e continuar curando. Recebi recentemente uma carta de Guiomar:

Faz dez anos que fiz muitas visitas a seu consultório. Quantas vezes desejei poder compartilhar com o senhor as alegrias e tristezas, as dores do crescimento e as vitórias que aconteceram desde então! Uma carta não pode contar adequadamente tudo o que foi envolvido em minha “reprogramação”. Quantas vezes quis fazer o relógio voltar no tempo

e jamais ter começado — isto é, não ter começado a cura. Mas sempre fui uma lutadora (talvez não se lembre disso) e o lado positivo do meu perfeccionismo venceu! A melhor parte é que no correr dos anos Deus me usou no mesmo tipo de ministério a outros. Vimos as mesmas necessidades em toda parte, até em outras regiões do mundo.
Espero conseguir meu diploma em aconselhamento no próximo ano, com especialização em gerontologia. Talvez eu o receba em meu consultório algum dia — Ah! (Comentário do autor — isso não é tão engraçado!) Se viajar para estas bandas, nossa casa está ao seu dispor. Nosso pequeno Davi está crescendo. Ele é muito precioso para nós.
Sua em Jesus, Guiomar

• **Abafado pelo amor**. Lúcio era um ministro na casa dos vinte. Ele era solteiro e me confirmou várias vezes que não tinha interesse por mulheres. De fato, embora morasse perto da praia, disse que jamais tivera qualquer inclinação sexual pelas garotas. Em lugar disso, sentia-se atraído por rapazes bem masculinos. Ele, no entanto, reprimira fortemente tais sentimentos, especialmente por ter-se tornado cristão aos quinze anos. Tentou namorar algumas jovens e duas delas gostaram dele. Tinham iniciado o namoro normalmente, com beijos e abraços, mas Lúcio sentiu-se tão embaraçado com esse tipo de intimidade que rompeu a relação. Agora havia parado completamente de nomorar, com medo de jamais poder satisfazer as exigências de uma mulher. O que o levou a pedir-me ajuda foi um incidente no pastorado. Um rapazinho adolescente e solitário de quem se tornara amigo começou a considerá-lo como se fosse um pai e a passar bastante tempo em sua companhia. Certas vezes pernoitava no presbitério. Lúcio ficou amedrontado com seus sentimentos homossexuais cada vez mais fortes pelo jovem e compreendeu que precisava de auxílio antes que fizesse algo que pudesse destruir seu ministério.

Ninguém pode dizer com certeza o que provoca a homossexualidade. Ela parece ser uma forma de comportamento aprendido, resultante da interação de um conjunto complexo de diversos fatores. Todavia, entre os elementos mais comuns que contribuem nesse sentido encontramos um padrão familiar como o de Lúcio — uma mãe possessiva e dominadora e um pai passivo ou afastado. O pai de Lúcio tinha decidida preferência pelo filho mais atlético, enquanto se opunha a Lúcio e seus interesses espirituais e intelectuais. A mãe se mostrara super-protetora e demasiado afetuosa. Lúcio ficava embaraçado com o amor sufocante dela — pedindo-lhe para sentar em seu colo quando já freqüentava a faculdade, deitando na cama ao seu lado ao acordá-lo de manhã e abraçando-o, ficando sentado muito perto dele no carro quando saíam juntos. A fim de ter certeza de que ele iria agir direito, ela não o deixava tomar decisões sozinho. Em várias ocasiões quando cometeu um erro em público, a mãe chorou e zangou-se com ele por ter “magoado seus sentimentos”. Não pude deixar de perceber quantas vezes Lúcio declarou aborrecido: “Sabe, é estranho, mas ela me trata mais como o faria uma namorada do que uma mãe. Está sempre me dizendo como sou bonito e como meus olhos são belos. A maneira como me pega na mão quando estamos no carro ou andando pela rua realmente me humilha.”

Eu não conseguia fazer com que Lúcio tomasse consciência de como tinha na verdade raiva da mãe. Ela fizera muito por ele e o rapaz era um cristão bom demais para sentir tamanha ira!
Um acontecimento interessante ocorreu então. Lúcio compareceu ao casamento de um amigo. Durante a cerimônia ele experimentou alguns sentimentos estranhos e fortes. Na semana seguinte ele me descreveu o fato como segue: “Quando o casal estava fazendo os votos, percebi de repente que jamais poderia casar-me; não conseguiria tomar um compromisso desses com uma mulher.” Quando lhe perguntei a razão disso, ele me deu esta resposta fascinante: “Porque não poderia me casar com outra mulher enquanto minha mãe estivesse ali me observando.”

Mal pude acreditar nos meus ouvidos! Depois compreendi que Lúcio não percebera absolutamente o que havia dito. Com toda delicadeza e hesitação pedi: “Lúcio, não compreendi muito bem. Quer repetir o que disse?”
Mais uma vez ele replicou: “Eu não poderia me casar com outra mulher”. Esperei. Ele continuou sem entender. Decidi aplicar então o método de repetição (“playback”), dizendo: “Lúcio, quero que ouça exatamente o que você está falando. Repita vagarosamente essas mesmas palavras mais uma vez”. Ele obedeceu, repetindo palavra por palavra: “Eu...

jamais... poderia... casar-me... com outra...” e parou em meio à sentença. Houve uma longa pausa e o silêncio pesou sobre nós. Lúcio começou a ficar vermelho. Parecia um vidro transparente que se enchesse de suco de tomate. O vermelho forte começou em seu pescoço e foi aos poucos subindo pelo rosto e testa. Ficou tão cheio de raiva que pensei que fosse explodir ali mesmo. Ficamos sentados em silêncio por algum tempo, porque ele não conseguia dizer mais nada. A seguir concordamos numa entrevista poucos dias mais tarde. Dei-lhe uma única tarefa: “Lúcio, permita a si mesmo sentir toda raiva que quiser contra sua mãe; à medida que pensar em algo, tome nota por escrito.”

Quando Lúcio voltou, contou-me sobre os três dias cheios de raiva que passara. Ao lembrar-se de tudo, o quadro tornou-se claro. Durante a vida inteira dele a mãe fizera uso da proximidade, amor, proteção e afeição para possuí-lo completamente e obter tudo o que desejava. Embora continuasse extremamente zangado, vibrava também com suas descobertas e falava atropeladamente a respeito. “Não consigo explicar o que se passa comigo. Mas posso perdoar agora minha mãe e afastar-me dela. Posso tornar-me um homem e não sentir-me culpado por isso. Posso ter uma vida independente. Pela primeira vez consigo imaginar-me casado, e até sexualmente, com uma mulher!”

A seguir contou-me que tinha ido a um restaurante e encontrado uma garota que conhecia, mas não tinha notado antes. Seu rosto brilhava: “Conversei com ela e gostei. Senti-me atraído por ela. Seu rosto era lindo e quando observei seu corpo, fiquei estimulado. Antes disso tinha medo que as mulheres me manipulassem e me controlassem, ressentindo-me delas. Sinto-me agora livre para admirá-las e sentir prazer na sua companhia.”

A essa altura eu me vi também entusiasmado. “Lúcio, você acha que poderia marcar um encontro com ela?”

Mas ele já se adiantara. Respondeu rindo: “Dr., eu já fiz isso. Vamos nos ver amanhã à noite!”
Tivemos períodos de oração em que as mágoas e o ódio foram expulsos de seu coração. Houve necessidade de alguma reprogramação, mas a mudança fora tão grande que nosso trabalho correu facilmente daí por diante. Dentro de dois anos Lúcio conheceu uma excelente moça cristã e se casou com ela. Eles estão servindo juntos ao Senhor num ministério muito produtivo. Lúcio escreve ocasionalmente e cada carta repete sua cura total e como é feliz em sua vida de casado.

Gostaria que todos os casos de aconselhamento com pessoas que lutam contra o homossexualismo fossem assim dramáticos e simples. Mas infelizmente não são. Alguns são os mais difíceis que tenho de enfrentar. Eles exigem longas horas de aconselhamento, cura, e a ajuda de uma equipe de apoio cristão antes de haver uma transformação real.

Contei a história de Lúcio para enfatizar mais uma vez o ponto principal deste capítulo: ao tratar de assuntos sexuais, procure descobrir a questão real que precisa ser enfrentada e tratada. Com bastante freqüência os problemas sexuais estão ligados a mágoas de origem diferente. Não pode haver uma cura e mudança duradouras até que essas lembranças sejam trazidas à tona e adequadamente tratadas. O ponto em causa é no geral uma combinação e relação entre as duas coisas. A fim de conseguir isto, você precisa ser sensível ao discernimento do Espírito.

• **A traição do amor**. Brenda e eu passamos muitas horas de aconselhamento devido às mágoas profundas causadas pela família dela. Esses problemas iam desde os abusos sofridos às mãos da mãe, que certa vez a machucou tanto que precisou ser hospitalizada, até a tentativa de estupro por parte do pai quando ainda não tinha completado o primeiro grau da escola. Depois de completada a nossa preparação, começamos a orar para a cura dessas e de outras lembranças penosas. Até esse ponto ela descrevera em considerável detalhe o sofrimento físico pelo qual passara. Como era muito jovem, o abuso sexual foi especialmente doloroso. Ela falou sobre este aspecto muitas vezes e ele parecia ser o ponto principal de tudo. Mas durante o período de oração a voz dela ficou mais alta até que quase gritou entre soluços: “Ó mamãe e papai, como puderam fazer isso comigo? Eu gostava tanto de vocês, e ainda gosto.” A dor mais profunda não era física, mas sim a

agonia de sentir-se traída por alguém a quem amava. Em muitos traumas sexuais, o ponto-chave é a traição do amor e confiança.

Vanda era uma jovem mãe que veio ver-me por causa de vários desajustes sexuais em seu casamento. Ela visitara um psiquiatra secular que depois de ouvir sua história, mostrou-se convencido de que ela fora molestada sexualmente quando criança. Vanda negou, dizendo que não podia lembrar- se de nada nesse sentido. O psiquiatra explicou como a mente tem poder para bloquear as lembranças dolorosas demais para suportar. Todavia, a moça não se convenceu e veio procurar-me, dizendo: “Preciso ouvir isso de um conselheiro cristão antes que possa acreditar.” Assegurei-lhe que o fato era perfeitamente possível e mostrei-lhe meus arquivos sobre o assunto. Estudamos em detalhe a história da memória reprimida de um assassinato, contada no capítulo 3. Depois de ouvir o que tinha a dizer, concordei com a opinião do psiquiatra. De fato, avancei ainda mais, desde que achava que ela não só não podia como não queria lembrar dos detalhes do abuso sexual que sofrera.

Suas lembranças eram interessantes. Em duas ocasiões específicas, conseguia lembrar-se até certo ponto, mas depois não tinha condições de continuar. A história envolvia um homem de idade, o tio Artur, a quem amava muito. Rejeitada e quase abandonada pelos pais, ela sentira que ele era a única pessoa que realmente a amava. Eram muito amigos e ela se lembrava de todo tipo de coisas maravilhosas que faziam juntos. Havia porém duas nuvens sombrias no céu azul de suas memórias. Em uma, ela se lembrou do quarto que ficava no andar de cima. Conseguiu descrevê-lo nos mínimos detalhes — o papel de parede, a localização dos móveis, as bonecas. E lembrou-se de uma noite quando o tio Artur entrou em seu quarto e... Toda vez que falava sobre isso ficava terrivelmente agitada e emotiva, mas não conseguia lembrar-se de qualquer outra coisa. A outra lembrança viva era de algo que faziam muitas vezes juntos — colher amoras. Vanda falava em detalhe sobre o lugar, a floresta, os baldes que enchiam e carregavam de volta para casa. Mas seu rosto ficava então sombrio e experimentava aqueles mesmos tremores quando queria continuar. Ela se lembrava de tentar correr com os baldes cheios de amoras... e depois vinha um branco.

Após ouvir com cuidado e fazer perguntas, fiz uma coisa que raramente faço. Contei-lhe o que eu tinha certeza de que era o final evidente de cada episódio. Pedi-lhe que fosse para casa e passasse algumas horas forçando literalmente sua mente para lembrar-se do que se recusava a trazer à superfície. Deveria voltar então no dia seguinte quando eu ouviria o “resto da história”. Ela protestou, mas afinal aceitou minha sugestão. Vanda compreendeu que tanto a sua sanidade como seu casamento estavam prestes a desmoronar a não ser que pudesse pôr um fim a esse tormento íntimo.

Ela voltou na manhã seguinte grandemente perturbada. Forçara de fato a mente para reunir o começo e o fim de ambos os incidentes e isso foi quase demais para ela. Devagar, muito devagar mesmo, descreveu todos os detalhes das brincadeiras sexuais do tio Artur com ela. Durante a oração, a paciente reviveu literalmente esses acontecimentos traumáticos. Foi uma coisa penosa. Mas havia um nível ainda mais profundo de agonia que era o ponto central. Quando o Senhor nos levou de volta à sua infância, a moça soluçou na voz de uma menininha: “O tio Artur, por que fez isso comigo? Você era tudo o que eu tinha. Eu o amava mais que tudo no mundo. Gostava de você e confiava em você. Como pôde fazer isso para mim quando tinha toda a minha confiança?”

A mágoa real era a traição do amor e confiança. Depois de todas as decepções e rejeições que sofrera dos adultos importantes em sua vida, aprendera finalmente a amar e confiar em alguém. E ele também a traíra. Esta a razão pela qual sua mente simplesmente se recusava a concluir as histórias. Não queria acreditar nisso sobre aquele a quem amara tanto. A violação sexual fora com certeza uma experiência traumática, más sua verdadeira luta estava em perdoar essa traição e permitir que Deus lhe devolvesse o sentimento de confiança e também deixasse de vingar-se do tio Artur (e de todos os homens) através de seu relacionamento com o marido. Passamos muito tempo juntos em oração a Deus respondeu de maneira notavelmente e bela. Isto ficou evidente quando recebi esta carta:

Quero agradecer-lhe a parte que tomou em minha cura. Foi para mim um grande final após tantos meses de lha. O Sr. foi o instrumento de Deus para ajudar-me a obter a liberdade que Ele me prometera. Essa liberdade está me proporcionando um prazer imenso. Sei que preciso aprender muito, assim como meu marido. Mas é tão bom poder respirar o ar fresco depois daquela atmosfera viciada da prisão em que me achava. A liberdade traz delícias à minha alma. Ela quase deixou Fábio em estado de choque, mas acho que vai sobreviver!

Penso que ainda não posso apreciar o que minha libertação significa para ele. Depois de uma noite maravilhosa que tivemos no sábado à noite em nossa união física, ele deu o seu testemunho pessoal na aula da escola dominical na manhã seguinte. (Comentário do autor — gostaria de ter ouvido esse testemunho!) Eu não estava presente, mas me contaram que Fábio falou muito sobre o que acontecera comigo (não o meu passado, etc.) e depois acabou chorando na frente de todos. Sabe de uma coisa? Eu nunca o vi chorar. Ele não me falou a respeito ainda, mas estou certa de que vai fazer isso. Fico imaginando o que Deus está fazendo na vida dele em tudo isto. Louvo a Deus pela Sua obra na minha vida e na de Fábio, assim como pela Sua obra através da sua vida. Um abraço e uma oração a seu favor. No amor cristão, Vanda.

Falamos sobre vários incidentes que espero terem salientado o ponto principal deste capítulo — ficar sempre alerta para a questão mais profunda da qual o trauma sexual é uma parte importante. Fazemos isto ficando sensíveis, em atitude de oração, ao espírito humano da pessoa e ao Espírito Santo que nos está guiando a toda a verdade.

No capítulo 5 referi-me ao Dr. James Pennebaker e sua pesquisa sobre a relação entre confissão e saúde física. Essas experiências acabaram de ser atualizadas e publicadas, sendo muito importantes para o nosso assunto. No The Lexinglon Herald-Leader de Lexington, Kentucky, de 19 de janeiro de 1985, um artigo declara: “Pennebaker descobriu que o efeito de sentimentos inibidores era especialmente forte em pessoas que passaram por experiências sexuais traumáticas antes dos dezessete anos, pessoas que poderiam ser castigadas se falassem de seus sentimentos. Em conseqüência, afirmou Pennebaker, Elas têm maior facilidade para apresentar todo tipo de moléstias profunda tias imagináveis — resfriados, gripe, dor de costas, problemas renais, câncer’.”

Como é importante desenvolvermos a sabedoria, habilidade e recursos espirituais para ajudar as vítimas de traumas sexuais a se sentirem completamente sadias de corpo, mente e espírito!

Capitulo 12
Acompanhamento, Precauções e Conclusões

UM DOS PRINCIPAIS OBSTÁCULOS cura é nossa obsessão com o imediato. O desejo ardente de um “resultado instantâneo” se manifesta em grande parte do pensamento cristão. Tendemos a pensar que, a não ser que haja cura imediata, ela não vem de Deus e não constitui portanto um “milagre”. Tornamo-nos impacientes e frustrados com as coisas que levam tempo. A verdade é que o próprio Deus irá atrasar nossos passos, pois Ele não planejou atalhos para o crescimento e maturidade espirituais. Depois da crise de cura das memórias, é necessário que o processo importantíssimo de reaprender e reprogramar se realize.

O resultado mais destrutivo das lembranças reprimidas e não curadas é a maneira como deformaram nossas percepções e nos levaram a técnicas erradas para enfrentar a vida. Agora que o aguilhão dolorido foi afastado dessas memórias, temos de encarar ainda a difícil tarefa de formar novas maneiras de nos relacionar com Deus, com outros e conosco mesmos. Estamos porém agora numa posição muito melhor para isso. Por quê? Porque temos uma compreensão mais clara de algumas das forças que nos empurravam antes para determinados sentimentos e comportamentos que não podíamos compreender. O simples fato de termos obtido novas percepções não irá necessariamente dar-nos uma nova vida. Mas elas irão capacitar-nos a identificar com maior precisão os pontos em nossa personalidade que precisam de mais oração e sobre os quais devemos exercer mais disciplina.

É necessário que vejamos o quadro inteiro. A oração e a disciplina por si mesmas não funcionam para muitos até que tenham primeiro se submetido à cura das lembranças amargas. Da mesma maneira, o período de oração para cura não irá fazer efeito sem o acompanhamento. Para que essas pessoas venham a recuperar-se completamente são necessárias ambas as coisas. Eu não conseguiria exagerar a importância do período de acompanhamento tanto para os conselheiros como para os aconselhados.

Será útil voltar ao capítulo 9 e recapitular a lista de livros recomendados. Muitos deles podem ser utilissimos na mudança e reconstrução de vidas. Além dessa lista, quero recomendar vários livros escritos pelos seguintes autores:

A. W. Tozer, James Dobson, C. S. Lewis, Earl Jabay, Larry Crabb, Bruce Narramore, Catherine Marshall, Dietrich Bonhoeffer, E. Stanley Jones, Charles Swindoll, Paul Tournier, Charles Colson
Joyce Landorf, Norman Wright, Gary Collins.

Esses autores conseguiram combinar esplendidamente a verdade bíblica com a percepção psicológica e o bom senso. A maioria de nós precisa muito desses três elementos se quisermos modificar nossos padrões neuróticos de vida! Os pastores e conselheiros devem auxiliar também os aconselhados a prepararem programas regulares de leitura e memorização bíblica.

Um outro recurso valioso para a renovação dos padrões de pensamento se encontra nos grandes hinos e canções de nossa herança evangélica. Fazer um esforço para decorá-los de modo a poderem ser lembrados na hora da tentação e dificuldade valerá a pena.

Alguns evangélicos têm preconceitos contra as orações escritas. Todavia, descobri que os livros de oração são de grande utilidade para ensinar as pessoas a orarem de maneira construtiva. Entre os melhores estão os escritos por Peter e Catherine Marshall. Talvez o mais excelente dentre todos seja o de John Baillie, A Diary of Private Pra9er (“Um Diário de Orações Particulares”).

O acompanhamento depois da sessão de cura das lembranças é indispensável para muitos, desenvolvendo novos relacionamentos mediante a participação em um pequeno grupo. Justamente neste ponto a igreja pode funcionar melhor como o Corpo de Cristo que proporciona cura. Certos ferimentos são tão profundos que jamais poderá haver cura completa e reprogramação exceto com um grupo de apoio que nos ama e nos aceita como somos e também cuida de nós o suficiente para transformar-nos naquilo que precisamos ser. Esta é algumas vezes a maior necessidade durante o período de acompanhamento — admitindo que não podemos caminhar sozinhos e recebendo o encorajamento para aceitarmos o risco de nos abrir com um grupo de “ajudadores curados”.

Mudando Nosso Modo de Pensar

E essencial mudarmos nosso modo de pensar. O que se segue é um artigo que dou a muitos que sentem dificuldade para superar uma auto-estima baixa e padrões de pensamento absurdos, perfeccionistas. Ele contrasta os meios certos e errados de compreender os relacionamentos e irá ajudar-nos no “processo de transformação através da renovação de nossas mentes”.

O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO ATRAVÉS DA RENOVAÇÃO DE NOSSAS MENTES

Uma lista parcial das suposições falsas, absurdas e irreais, que contribuem grandemente para os problemas de perfeccionismo e que precisam ser mudadas caso deva haver cura.

EU

1. Eu gostaria de ser apreciado/aprovado/amado por todos, especialmente por aqueles que considero importantes para mim.

2. Eu gostaria de ser capaz de fazer qualquer coisa/tudo muito bem
— se não puder, é melhor não fazê-lo ou esperar até que possa.
3. Devo ser perfeitamente competente e bem-sucedido em meus empreendimentos antes de considerar-me digno e antes que outros o façam.
4. Não tenho na verdade controle sobre minha felicidade pessoal
— ela está sob o controle de outros e das circunstâncias externas.
5. As experiências/influências do passado não podem ser mudadas.
6. Existe apenas uma solução verdadeira/perfeita para cada problema — e se eu não encontrá-la, estou perdido/serei aniquilado.
7. Devo ser capaz de fazer/manter felizes todos ao meu redor — se não conseguir isso, há algo errado comigo.
8. E minha responsabilidade endireitar os erros do mundo/resolver todos os seus problemas/corrigir todas as injustiças.

OUTROS

1. Os outros devem cuidar de mim/ser bondosos para comigo/ jamais causar-me frustrações.
2. Os outros devem ser capazes de ler meus pensamentos e saber o que preciso/desejo sem necessidade de que lhes diga — se não puderem fazer isso é porque não gostam de mim realmente/não me amam.

DEUS

1. Deus só me.aceita/ama quando Ele pode aprovar tudo que sou/ penso/sinto/digo/faço.
2. Deus pode aceitar-me como sou, mas só porque no futuro jamais pensarei/sentirei/direi/farei nada errado.
3. Deus me salva pela graça, mas só mantém este relacionamento se eu ler/orar/testemunhar/ servir/fizer o suficiente.
4. Deus mantém minha salvação final em suspenso — no Grande Trono Branco Ele irá julgar-me e então determinar se receberei ou não a vida eterna/o céu.

Uma lista parcial de suposições verdadeiras realistas e bíblicas para substituir as absurdas. “Despir o velho e se revestir do novo” (Colossenses 3:9-10) faz parte da reprogramação tão vital para cura de nosso perfeccionismo.

EU E OUTROS

1. Sou uma pessoa digna quer tenha ou não sucesso em certos empreendimentos.

A. Deus deu Sua opinião quanto ao meu valor e dignidade. Salmos 8; Romanos 5:6-8.

B. A opinião de Deus sobre o “sucesso” difere das idéias humanas. Lucas 10:17-24; 1 Coríntios
1:25-31.

C. Deus eliminou tanto a comparação como a competição e pede apenas “fidelidade” no exercício de meu(s) dom(ns) particular(es). Lucas 14:7-11; Mateus 20:1- 16; 25:14-30; 1 Coríntios 12:4-27; Romanos 12:6; Atos 5:29.

2. Não preciso ser aprovado/apreciado/amado por todos a fim de me sentir seguro ou digno de amor.

A. Algumas pessoas não podem gostar de mim/amar-me por causa de seus problemas.
João 15:18-27; 17:14-19; Gálatas 1:10; 4:12-16; 1 Pedro 4:12-16; 1 João 3:11-13.

B. Desde que sou sempre amado por Deus (sem levar em conta o sentimento de alguns no que me diz respeito), não preciso preocupar-me tanto com a aprovação/desaprovação de outros.
João 15:9-10; 17:25-26; Romanos 8; Hebreus 13:5-6; 1 João 4:16-19.

DEUS

1. Deus me aceita/ama mesmo quando nem sempre aprova tudo que faço. João 3:16-17; Romanos 5:6-8; 1 João 4:7-10.

2. A fé naquilo que Ele fez por mim (em Cristo) e não o desempenho perfeito é o que agrada a Deus e me coloca/mantém num relacionamento reto (justo) com Ele. Romanos 1-5; Gálatas; Hebreus 11:6.

3. Deus, através de Seu Espírito Santo dá-me a segurança de minha salvação/vida eterna/céu agora — meu julgamento teve lugar na cruz. Meu julgamento futuro e único será para a recompensa de serviços prestados e não para a minha salvação. João 3:36; 5:24; 1 Coríntios 3:10-15; 1 João 3:24; 5:6-13.

Reescrevendo as Nossas Autobiografias

A tarefa mais difícil depois da cura de nossas lembranças traumáticas talvez seja a de integrá-las em nossa vida total. Essa cura não significa que não mais nos lembramos do passado. Para começar, isto negaria o próprio objetivo que nos esforçamos tanto para atingir — lembrar de tudo, inclusive as experiências mais penosas que tentamos esquecer a todo custo. Isso seria também contrário às Escrituras. A Bíblia não nos diz para esquecer o passado nesse sentido. Curar as memórias significa livrar-se das algemas das mágoas passadas. Nós nos lembramos, mas de forma diferente. Não podemos mudar os fatos lembrados, mas temos possibilidade de modificar o seu significado e o seu poder sobre nossa vida presente. Neste ponto o acompanhamento pelo conselheiro é da máxima importância — ajudando as pessoas a descobrirem significado e propósito em suas vidas. Com freqüência tiramos Romanos 8:28 de seu contexto total. Devemos lembrar justamente onde esse grande versículo aparece — ele se segue a dois versos sobre a cura interior que citamos tantas vezes, Romanos 8:26-27.

Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos. Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

Uma grande parte do processo de cura é a descoberta de que Deus pode tomar até a mais penosa de nossas experiências e fazê-la operar para o nosso bem e a Sua glória. Como já dissemos antes, isto não significa que Deus seja o Autor de tudo que nos acontece, mas sim que Ele é o Senhor de tudo. Durante as sessões de acompanhamento, ajudamos as pessoas a reescreverem as suas autobiografias percebendo e atribuindo novos significados aos incidentes mais dolorosos — os propósitos que Deus vai operar através deles. Indivíduos curados me contaram repetidamente como Deus os está usando hoje para levar ajuda a outros que sofreram experiências semelhantes. Com efeito, eles aprenderam a dizer o que José disse a seus irmãos: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gênesis 50:20).

Como Curar as Lembranças por Conta Própria

Uma última palavra sobre as sessões de acompanhamento. Devemos trabalhar com as pessoas a fim de ajudá-las a aprender os princípios básicos da cura das memórias. Elas podem fazer uso desta forma de terapia pela oração com seu cônjuge ou um amigo em quem confiam. Os conselheiros são ajudantes temporários do Espírito Santo. Seu alvo deve ser deixar o caminho livre o mais depressa possível. Maridos ou esposas, amigos, ou pequenos grupos de participação deverão algum dia substituí-los e, finalmente, os cristãos devem aprender a levar as lembranças penosas diretamente ao Grande Conselheiro, o Espírito Santo, e receber cura através dEle.

A Cura das Lembranças Traumáticas Como Medicina Preventiva

Conversamos até agora sobre esta forma de cura interior como um tipo de cirurgia espiritual. No papel de pais, é possível aprender a usá-la como uma terapia de oração ao inverso. Isto é, quando percebemos que nossos filhos foram magoados pelos acidentes e traumas da vida, podemos ajudá-los a abrir-se conosco e orar para a sua cura como um meio de terapia preventiva. Desta maneira suas mágoas e humilhações não se transformarão em ódio e agressão e podemos mantê-los emocional e espiritualmente sadios. Centenas de pais compartilharam comigo, afirmando que uma nova sensibilidade em relação às mágoas sentidas pelos filhos é um dos melhores efeitos da cura de suas próprias memórias.

Precauções e Conclusões

Enfatizamos desde o início que a cura das lembranças é uma e apenas uma forma de terapia espiritual. Escrevi este livro depois de muita hesitação. Meu maior temor é que alguns possam desejar usá-lo como um truque, uma resposta rápida e fácil para os problemas emocionais/espirituais. Ou que o considerem como uma resposta para todos. Quero dizer isto com toda intensidade: A CURA DAS MEMORIAS NAO E UM REMEDIO PARA TODOS OS MALES, PARA TODOS OS PROBLEMAS EMOCIONAIS E ESPIRITUAIS. De fato, sob nenhuma circunstância ele deve ser usado com certos tipos de problemas e de personalidades. O método se mostra mais útil e bem-sucedido com aqueles que reprimiram severamente as lembranças de suas experiências mais penosas e portanto se fecharam, tornando-se incapazes de expressar seus verdadeiros sentimentos a respeito de Deus, de outros e de si mesmos. Como resultado, acabaram isolados e incapazes de formar relacionamentos interpessoais aproximados e íntimos. Com tais pessoas, algumas vezes chamadas de “Escolhidos de Deus Congelados”, essa terapia pode trazer a libertação dos ressentimentos ocultos, o perdão e a liberdade para avançar na direção da verdadeira maturidade emocional e espiritual.

Todavia, ela não deve ser usada com certos tipos de pessoas extremamente emotivas e histéricas. Várias vezes comecei a aconselhar pessoas que julgava necessitarem de cura das lembranças de experiências negativas. Todavia, quando lhes pedi para fazerem uma lista escrita, elas trouxeram enormes epístolas com centenas de incidentes triviais descritos em minuciosos detalhes. Essas pessoas não tinham memórias e emoções represadas, mas sim o problema justamente oposto. Tudo aumentava de proporção em sua mente, sendo cercado de toda sorte de emoções fantásticas. Tive de inverter então meu plano original e ajudá-las a aprender como controlar emoções indisciplinadas e violentas que estavam prejudicando a sua vida.

Tentar algo como a cura das memórias com indivíduos dessa espécie só provoca maior tumulto das emoções descontroladas e pode resultar num equilíbrio ainda mais instável. Na verdade, o mal causado talvez seja maior do que o bem. Esses indivíduos precisam de um tipo de aconselhamento mais racional. Não é necessário que entrem em contato com emoções não-expressas; em vez disso, devem aprender a dominar as emoções violentas.

Quero esclarecer isto, a fim de que ninguém faça da cura das lembranças uma espécie de moda espiritual passageira, ou uma panacéia emocional que age rapidamente.

Ao concluir, descobrimos ter completado o circulo. Começamos com uni mistério e terminamos com ele. Existem algumas coisas que sabemos sobre a cura das memórias e outras que não temos condições de saber. Tem havido certamente resultados positivos e milagrosos suficientes na vida das pessoas para encorajar-nos a continuar procurando descobrir novas verdades a respeito. Existem também elementos negativos em número suficiente para levar-nos a recomendar cautela. Ninguém jamais poderia entender completamente o mistério da memória humana, mais do que iremos compreender algum dia por completo o mistério do Deus em cuja imagem fornos criados. Vamos então andar humildemente diante do Senhor, pedindo ao Seu Espírito Santo que continue a guiar-nos

em direção à verdade que nos liberta. Enquanto isso, façamos uso da sabedoria que nos foi concedida por Ele, no espírito de Moisés que disse: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Deut. 29:29).